

FILHOS ILUSTRES DO MUNICÍPIO DE FERROS,

TODOS DA FAMÍLIA LELLIS FERREIRA.



PRÉDIO DO EXECUTIVO E LEGISLATIVO DE FERROS.

**MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA – CARLINDO LELLIS FERREIRA
– DR. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA, ENTRE INÚMEROS OUTROS.**

NOTÍCIAS ANTIGAS SOBRE SANT'ANNA DOS FERROS.

FEVEREIRO DE 2020.

INTRODUÇÃO.

Resolvi, em face da importância da FAMÍLIA LELLIS FERREIRA na história de Sant'Anna dos Ferros, atual município de Ferros, escrever este livro, cujo conteúdo, para pesquisa, pretendo doar para a Biblioteca Pública de Ferros, cidade natal de todos eles.

Muitas das notícias aqui contidas, foram extraídas de meus livros sobre a história antiga de São Domingos do Prata.

Sou bisneto do patriarca dos LELLIS FERREIRA, qual seja o Major CAMILLO DE LELLES FERREIRA e neto do filho do mesmo, Dr. Edelberto de Lellis Ferreira, ambos ferrenses, cujas notas biográficas estão transcritas nesta obra.

Muito do trazido à tona, foram extraídas de jornais antigos, encontrados nos “restos” do Dr. Edelberto de Lellis Ferreira, seja por tê-los adquirido, seja por tê-los recebido de seu irmão Carlindo de Lellis Ferreira, quando esse residiu primeiramente em Ouro Preto e depois no Rio de Janeiro e em Juiz de Fora.

Infelizmente, em face de um acidente doméstico, perdi todos os exemplares, mas felizmente após ter manuscrito as notícias relacionadas com a família LELLIS FERREIRA.

As notícias extraídas dos periódicos são publicadas em ortografia atual, mas sem perca da literalidade.

Eu mesmo reviso os textos e é sabido que se é o próprio autor quem o faz, ele o faz com a mente e não com os olhos, daí a possibilidade de alguns erros, mas, se existindo, em nada maculam o conteúdo.

Trago à baila ainda diversas notícias sobre SANT'ANNA DOS FERROS de antigamente, a partir da página 110.

No final, a partir da página 135 um ÍNDICE ALFABÉTICO, contendo somente fatos e nomes vinculados a FERROS. Os que dizem respeito a São Domingos do Prata e outros locais, deixo de fora.

MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA UM DOS GRANDES VULTOS DO MUNICÍPIO DE FERROS.

O FERRENSE CONSIDERADO UM DOS FUNDADORES DO MUNICÍPIO DE FERROS.

NOTAS BIOGRÁFICAS DO MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA –

Camillo de Lelles Ferreira nasceu em 1823 e criou família em Sant’Anna dos Ferros (atualmente somente Ferros).

Foi um grande fazendeiro e, em sua homenagem, existe em Ferros a Praça Major Camilo Lelles. Teve dois casamentos e 25 filhos, todos nascidos em Ferros.

O primeiro casamento foi com Delphina Soares Ferreira Coelho (ou Delphina Maria Ferreira Coelho) e as segundas núpcias contraiu com Ana Claudina Soares Ferreira.

MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA – CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO DE FERROS (SANT’ANNA DOS FERROS) – 1884 –

Noticiou o jornal “A Província de Minas”, em sua edição de 29 de outubro de 1887:

“Município de Ferros.

Embora eu não tivesse o prazer de falar ao menos duas palavras no paço da câmara sobre o novo município de Ferros por ocasião da instalação, e estando presente, contudo, me parece não estar privado de vir pela imprensa palavrear um bocadinho sobre tal assunto e dizendo gostosamente: viva o progresso!

Aproveitando o belo ensejo que se me oferece, grata e entusiasmadamente, dou a todos os bons, enérgicos e tratáveis cidadãos daqui e de por aqui, os meus parabéns pela feliz data que acabam de ter, vendo o lugar que habito e nós outros frequentamos, elevado à categoria de cidade, graças aos esforços do sr. Silveira Drummond, digníssimo representante do 3º distrito e dos cidadãos ferrenses, bem como o incansável cooperador para o engrandecimento deste novo município major CAMILLO DE LELLES FERREIRA.....(Letra garrafal por minha conta)

Ricardo de Assis Pinto.

Cidade de Sant’Anna dos Ferros, 17 de outubro de 1887.”

NOTA: Em 1832, foi criado Distrito de Santana dos Ferros, subordinado a Itabira. Em 1884, pela lei provincial nº 3.295, de 23 de

setembro, Santana dos Ferros é elevada à categoria Vila, desmembrando-se de Itabira e passando a denominar-se simplesmente Ferros. Pela lei provincial nº 3.387, de 10/07/1886, a Vila é elevada à categoria de cidade.

(VER A LEI NA ÍNTEGRA NAS PAGINAS 129/130).

INAUGURAÇÃO DA PRAÇA MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA EM FERROS. 1920 – RETRATO COLOCADO NO PRÉDIO DO PAÇO MUNICIPAL.

Publicou o jornal “Correio da Manhã”, em sua edição de segunda-feira, do dia 05 de abril de 1920:

“SANT’ANNA DOS FERROS.

Março 27 – No dia 20 do fluente, realizaram-se nesta cidade belíssimos e entusiástico festejos, que ficaram indelevelmente impressos na memória de quantos tiveram a dita de neles tomar parte.

Depois de inauguradas as praças F. Assis Drummond e Major Camillo de Lelles, em homenagem a dois inesquecíveis beneméritos desta terra, dirigiu-se enorme e compacta massa popular no salão nobre do Paço Municipal, onde ia efetuar-se a solene colocação do retrato do Major Camillo de Lelles.

Abriu a sessão o padre Alípio Odier esforçado e talentoso agente executivo municipal, dando em seguida a palavra ao dr. José Satyro da Costa e Silva, juiz municipal do termo, que apresentou ao auditório o Dr. Edelberto de Lellis Ferreira, filho do homenageado, que produziu empolgante conferência sobre os danosos efeitos do alcoolismo.

O conferencista, durante cerca de 4 minutos, prendeu a atenção da assistência pela profundidade dos conceitos emitidos.

Finda a conferência debaixo de uma torrente de aplausos, teve a palavra o deputado federal Alberto Drummond, que ofereceu ao município o retrato do saudoso Major Camillo de Lelles, descerrada a cortina que o velava por duas graciosas senhoritas.....

Terminada a festa, a multidão, precedida da banda local, acompanhou os Drs. Camillo de Lelles Ferreira Júnior e Edelberto de Lelles Ferreira e outros descendentes do homenageado até a casa

do Padre Alípio Odier, onde se hospedaram, sendo aí saudados pelo Dr. José Satyro em nome do município, respondendo pelos manifestados o padre Alípio. – (do correspondente)”.

Publicado também no livro “Uma cidade perdida no sertão. Monografia sobre Ferros”, do poeta e jornalista Vulmar Ferreira Coelho Pinto. Edições Guarany – 1939 – BH.

PROPRIETÁRIO DA FAZENDA ÁGUA LIMPA EM FERROS E DE FAMOSO VINHEDO NO LOCAL.

O jornal de Ouro Preto, “A Província”, em sua edição de 10 de abril de 1884, publicou:

“Sant’Anna dos Ferros.

Completando a notícia que publicou há dias a Província de Minas, à respeito de fabricação de vinho puro pelo prestimoso cidadão o Sr. capitão Camillo de Lelles Ferreira, nesta freguesia, deve-se acrescentar o seguinte:

A vinha se compõe de 12,300 pés, produzindo anualmente 250 barris de vinho, 40 de vinagre e 20 de álcool de 30 graus.

O laborioso proprietário, Sr. capitão Camillo, fez uma casa unicamente para o fabrico de vinho, tendo 60 palmos de frente, 45 de fundo e com três andares.

Nos dois superiores se acham o lagar (local onde se pisa as uvas) e mais utensílios necessários e no subterrâneo estão os cômodos para depósito das pipas (barris) e conservação do vinho.

Nesta construção despendeu o Sr. capitão Camillo cerca de 4:000\$000. Os produtos de sua fábrica vão se conceituando e obtendo geral aceitação.

E não há dúvida de que o vinho ali fabricado, puro como é, deve ser sempre preferido aos xaropes (tizanas) que nos vem do estrangeiro, nas quais se misturam drogas nocivas à saúde e não se encontra uma gota de uva.

Prossiga o sr. Capitão Camillo com sua indústria, assim colhendo as vantagens que ela lhe pode proporcionar, prestará um bom serviço ao país.”

Na mesma edição, noticiou o periódico ouro-pretano:

“Na florescente FAZENDA DE ÁGUA LIMPA, pertencente ao major Camillo de Lelles Ferreira, se fabrica vinho puro em grande escala. Por seu sabor agradável tem tido grande consumo, principalmente para o Norte.”

Já na edição de 26.11.1885, o jornal “A Província”, noticiava:

“Acha-se na cidade o Sr. major Camillo de Lelles Ferreira, nosso correligionário, residente na vila de Sant’Anna dos Ferros, onde é prestimoso chefe conservador”.

NOTA: Na época existiam dois partidos políticos, adversários ao extremo: o partido Conservador e o Liberal.

Eles se revezavam no poder, sendo que em 1842, por se sentir prejudicado, o partido Liberal irrompeu em São Paulo e depois na província de Minas Gerais, a famosa revolução liberal, esmagada, a final, por Duque de Caxias.

Sobre essa revolução nas ruas de Sabará e sobre a batalha final leia o meu livro “Sabará: Fragmentos de sua história no período imperial”, 2ª edição ampliada.

Na edição de 14 de outubro de 1886 do mesmo periódico:

“Esteve na capital o nosso respeitável amigo e distinto correligionário Sr. major Camillo de Lellis Ferreira, chefe conservador na nova Vila de Sant’Anna dos Ferros e cidadão merecidamente considerado pelas excelentes qualidades do seu honrado caráter.”

NOTA: Em alguns exemplares o nome LELLES é escrito com L, mas o certo é que seja com “E” de LELLES.

ALGUNS DE SEUS FILHOS MATRICULADOS NO COLÉGIO DO CARAÇA. 1892 –

No “site” de Matrículas de ex-alunos do Colégio Caraça, encontrei o seguinte:

De Bento Rodrigues (distrito de Mariana), “o Major Carlindo Lelles Ferreira matriculou em 1892, os seguintes filhos seus: Carlindo Americano Soares Ferreira, Alceo Americano Soares Ferreira e José Cândido Ferreira Maia”.

Camillo de Lelles Ferreira (meu bisavô materno) tinha filhos com nomes semelhantes, tais como: Carlindo de Lellis Ferreira e Alceu Soares de Lellis Ferreira. (“Americano”, também fazia parte do nome de algum filho).

A presunção, embora não tenha confirmação, é a de que o Major Carlindo Lelles Ferreira seja parente bem próximo do Major Camillo de Lelles Ferreira. Bem provável que fossem irmãos.

Ademais, talvez seja esse o motivo pelo qual o Major Camillo de Lelles Ferreira haja se mudado para Bento Rodrigues onde já residia o Major Carlindo Lelles Ferreira e não pode ser mera coincidência os dois terem o mesmo nome de família e filhos com nomes semelhantes. Em minha opinião presume-se serem irmãos.

CONTUDO, segundo Zairinha Souza Maia, também descendente e residente em Itabira, Carlindo e Camilo seriam a mesma pessoa. Para ela houve um equívoco no ‘site’ do Caraça.

Segundo ela, em vista disto, José Cândido Ferreira Maia seria também filho do major Camillo de Lelles Ferreira e de Anna Claudina de Lellis Ferreira e como tal irmão, por parte do pai, do Dr. Edelberto de Lellis Ferreira. (Anna Claudina era madrasta do Dr. Edelberto).

Ainda, segundo ela, José Cândido Ferreira Maia teria se casado com Maria Raimunda Ferreira Maia em Santana dos Ferros e dessa união nasceram os seguintes filhos: Miguel, Julieta, Camilo, Custódio, Raul, Alice, Maria Nazareth, Gustavo e Waldemar.

Finalmente ela afirma ser o declarado acima, existente na secretaria paroquial de Ferros.

Não se pode duvidar da declaração da Zairinha, até porque ela tem um irmão que é padre e também interessado em sua árvore genealógica, tanto que em páginas seguintes, cito algumas de suas pesquisas. Ele, portanto, pode ter facilidade de acesso aos documentos da casa paroquial de Ferros.

A reforçar tal argumentação temos o Arrolamento de Bens de Virginia Amélia de Lellis Ferreira que, falecendo solteira em 1944, teve como herdeiros os irmãos ainda vivos e os sobrinhos dos irmãos já falecidos.

Assim sendo, consta no Auto de Partilha, transcrito na íntegra nesse livro, que no caso de José Cândido Ferreira Maia e/ou os seus

filhos, foi arrolada a mãe MARIA RAIMUNDA FERREIRA MAIA, que seria a sua viúva, para receber em nome dos filhos.

Consta do edital publicado e não no Auto de Partilha, como herdeiros, os filhos Camilo de Lelis Ferreira Maia e outros irmãos (sem citar os nomes dos outros irmãos) da finada Maria Raimunda Ferreira Maia.

Foi a única exceção, embora no edital tivesse o seu estado civil como viúva, fez parte do Auto de Partilha, herdando em nome dos filhos (sobrinhos da falecida), talvez porque estes estavam em local incerto e não sabido, esses sim os legítimos herdeiros. A viúva, conforme inserido no edital, teria residência em Mesquita.

O Auto de Partilha, com os nomes de todos os herdeiros, está integralmente transcrito nesse livro.

Por outro lado, matriculado no mesmo educandário, em 1876, mas sem que constasse o nome do pai, Camilo Lellis Ferreira Junior.

O jornal de Ouro Preto, “Liberal Mineiro”, em sua edição de 15.11.1883, publicava a relação dos aprovados no resultado final do curso de preparatórios da capital da Corte. Entre eles, cita o nome de Camillo Lellis Ferreira Junior.

O Dr. Edelberto seria o filho mais velho do primeiro casamento. Ele teria nascido no mesmo ano (1868) em que morreu a sua mãe.

MUDANÇA PARA BENTO RODRIGUES, ONDE VEIO A FALECER.

Como se verá a seguir, no final de sua vida, Camillo Lelles Ferreira foi morar, por volta de 1889, em Bento Rodrigues, local em que veio a falecer.

O jornal de Ouro Preto, “Liberal Mineiro”, em sua edição de 02 de outubro de 1889, anunciava:

“Esteve ontem na cidade (em Ouro Preto) e ontem regressou para Bento Rodrigues, onde reside, o nosso distinto correligionário e amigo sr. Major Camillo Lellis Ferreira.”

NOTA: Em Bento Rodrigues, distrito de Mariana, destruído pelo rompimento da barragem da Samarco, ele faleceu em 05 de fevereiro de 1897.

A mudança para Bento Rodrigues, suponho, tenha sido para ficar perto de alguns de seus filhos que estudaram e trabalharam em Ouro Preto e também porque lá já residia o Major Carlindo de Lelles Ferreira.

O jornal “A União”, também de Ouro Preto, anunciava, em sua edição de 28.08.1888, a sua nomeação para suplente de juiz Municipal, em Sant’Anna dos Ferros, o que demonstra que ele deve ter-se mudado para Bento Rodrigues em 1889.

Ele faleceu em Bento Rodrigues no dia 5 de fevereiro de 1897, segundo constou no jornal “Minas Gerais”, na página 08.

Entre seus filhos que lá estudaram, além do Dr. Edelberto, Carlindo Lellis, poeta parnasiano de fama nacional, autor de diversos livros e membro da Academia Mineira de Letras e Alceu Soares Lellis Ferreira, este por ter concluído o curso de engenharia civil e de minas com tal distinção, que lhe deu o direito ao prêmio de viagem à Europa, à custa do Estado, além de ter criado no início do século XX, um alto forno elétrico, totalmente inovador e revolucionário para a época, o que lhe granjeou diversos prêmios.

FALECIMENTO DO MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA.

Na dissertação da mestranda Lídia Helena da Silva Ferreira, pela Universidade Federal de Ouro Preto, pós-graduação em Comunicação. Título: As Memórias de Bento: representações pela nostalgia no Jornal A Sirene - para não esquecer. 2018, consta:

Na página 37 registra o seguinte: " No centro de Bento Rodrigues havia a Igreja de São Bento. ...Hoje, é possível ver apenas uma lona branca, partes do muro de pedra que cercavam a Igreja é um amontoado de escombros.

'A lápide que indica o jazigo do Major Camilo de Lelis Ferreira (1823-1897)', no interior da capela, está quase intacta debaixo dos tapumes de madeira improvisados para a cerimônia de celebração da Festa de São Bento, em julho de 2017..."

A notícia acima foi-me enviada pelo padre Márcio Silva Souza.

**MISSA DO FILHO DR. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA
MANDADA CELEBRAR EM HOMENAGEM A SEU PAI MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA.**

O jornal “O Piracicaba”, edição do dia 03 de fevereiro de 1901, noticiava:

10

“MISSA.

O dr. Edelberto de Lellis Ferreira convida as pessoas que o honram com a sua amizade para assistirem a missa que manda rezar na Matriz da cidade, terça-feira, 5 do corrente, às 8 horas da manhã, por alma de meu pai Major Camillo de Lelles Ferreira, 12º aniversário de seu passamento. (Na realidade haviam passado somente 4 anos).

Desde já confessa-se eternamente grato por este ato de religião e caridade.”

NOTA: O pai do Dr. Edelberto nasceu em Ferros (Sant’Anna dos Ferros), onde tem uma Praça com seu nome e é considerado um dos fundadores do município.

Notas biográficas de sua vida no meu livro “Genealogia de alguns ascendentes e descendentes. Famílias das quais descendo, todas com raízes fincadas em São Domingos do Prata”, 1ª e 2ª edição, página 73 em diante.

NOME DA PRIMEIRA ESPOSA DO MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA.

O nome da mãe do dr. Edelberto Lellis Ferreira era Delphina Maria Ferreira Coelho. Em outras passagens consta também o nome como sendo Delphina Soares Ferreira Coelho.

FILHOS DO MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA, TODOS NASCIDOS EM FERROS E FRUTOS DE DOIS CASAMENTOS.

O major CAMILO DE LELLES FERREIRA teve os seguintes filhos, todos nascidos em FERROS.

1 – Edelberto de Lellis Ferreira.

2 – Francisco Procópio de Souza Ferreira.

- 3 – Camillo de Lellis Ferreira Júnior.**
- 4 – Olympio Américo de Lellis Ferreira.**
- 5 – Carlindo de Lellis Ferreira.**
- 6 – Adelina de Lellis Ferreira.**
- 7 – Virginia Amélia de Lellis Ferreira.**
- 8 – Ana Josefina Ferreira de Oliveira.**
- 9 – Alceu Soares de Lellis Ferreira.**
- 10 – Emília Adelaide Ferreira.**
- 11 – Vitalina de Lellis Ferreira.**
- 12 – João Americano de Lellis Ferreira ou, simplesmente, J. Americano.**
- 13 – Salvina Ferreira Maia.**
- 14 – Leopoldina Ferreira Maia.**
- 15 – José Candido Ferreira Maia.**
- 16 – José Maria de Lellis Ferreira.**
- 17 – Tina Ferreira.**
- 18 – Theofilo de Lellis Ferreira.**
- 19 – Clarinda.**
- 20 – Virgílio.**
- 21 – José (pode ser um dos acima citados).**
- 22 – Gualter.**
- 23 – Longina.**
- 24 – Olímpio de Lellis Ferreira.**
- 25 – Edelberto de Lellis Ferreira.**

FALECIMENTO DA SEGUNDA ESPOSA DO MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA.

JORNAL “CORREIO DA MANHÃ”, DO DIA 22.07.1931.

“D. ANNA CLAUDINA DE LELLIS FERREIRA.

Dr. Alceu de Lellis Ferreira, dr. Carlindo Lellis e senhora, Adelina de Lellis Ferreira, dr. Olympio de Lellis Ferreira (ausente) e filhos, João A. Lellis Ferreira e senhora (ausentes), dr. Camillo de Lellis Ferreira e família, dr. Edelberto de Lellis Ferreira e família (ausentes), cumprem o penoso dever de comunicar o passamento de sua querida e sempre lembrada mãe, madrasta, sogra e avó ANNA CLAUDINA DE LELLIS FERREIRA, e convidam as pessoas de sua amizade para o seu enterro hoje, quarta-feira, 22 do corrente às 13 horas, da rua Alzira Brandão n. 37 (Tijuca) para o cemitério de São Francisco de Paula.”

Já o jornal de São Domingos do Prata, denominado “A Voz do Prata”, também noticiou esse infausto acontecimento, como se vê a seguir:

MADRASTA DO DR. EDELBERTO LELLIS FERREIRA.

ANNA CLAUDINA DE LELLIS FERREIRA.

O jornal “A Voz do Prata”, em sua edição do dia 19 de julho de 1931, noticiava:

FALECIMENTO DA SEGUNDA ESPOSA DO MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA, A TAMBÉM FERRENSE, D. ANNA CLAUDINA DE LELLIS FERREIRA.

“Cercada dos cuidados e carinhos de seus filhos e netos, faleceu no dia 21 do corrente, na Rua Alzira Brandão, nº 37, no Rio de Janeiro, a exma. sra. D. Anna Claudina de Lellis Ferreira. Desaparece na avançada idade de 79 anos. Natural da vizinha cidade de Ferros, residia há 24 anos no Rio de Janeiro.

Era madraستا do Sr. dr. Edelberto de Lellis Ferreira, Prefeito da cidade e de D. Virgínia Ferreira aqui residente.”

NOTA: O nome de solteira era Anna Claudina Soares como consta da procuração que ela passou a seu marido Camillo de Lelles Ferreira, transcrita na 1ª edição do meu livro “São Domingos do Prata: Berço e Origem”, pág. 330/331.

NOTAS SOBRE AS VIDAS DE DOIS OUTROS FERRENSES.

Trago a seguir, por ser na minha opinião dois de seus filhos que mais se destacaram, notas sobre as vidas de DR. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA E CARLINDO LELLIS.

(05.02.1868/15.01.1969)



ALGUNS DOS FEITOS DE UM DOS MAIORES (SENÃO O MAIOR) NOMES DA HISTORIA DE SÃO DOMINGOS DO PRATA.

Nasceu em 05 de fevereiro de 1868, na fazenda de Água Limpa, distrito da cidade de Sant'Anna de Ferros, naquele tempo fazendo parte do município de Itabira do Matto Dentro, sendo seu pai o major da guarda nacional Camillo de Lelles Ferreira.

RECORDANDO DE SUA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA EM SUA CIDADE NATAL SANT'ANNA DOS FERROS.

De um pronunciamento, como Deputado Estadual, que fez na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, em defesa do atual município de SANTANA DO PARAÍSO, extraio o seguinte trecho no qual se refere a FERROS:

“... filho daquele município onde recebi, na minha juventude, as primeiras lições de civismo; onde aprendi, na infância, a amar os prados verdejantes e o céu azul do meu país, não posso deixar morrer dentro do peito esta grande mágoa de ver arrancar-se de novo o distrito de Sant'Anna do Paraíso que, agora, desperta do seu sonho multi-secular, vendo quebrar o silêncio de suas florestas virgens o silvo da locomotiva...”

TRAJETÓRIA POLÍTICA DO DR. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA, A PARTIR DE DADOS FORNECIDOS PELO MINISTRO PAULINO CÍCERO VASCONCELOS, COMPLEMENTADOS POR NOTÍCIAS SOBRE ELE, PUBLICADAS EM MEUS LIVROS SOBRE SÃO DOMINGOS DO PRATA ANTIGO.

“O Dr. Edelberto de Lellis Ferreira iniciou sua vida política no município de São Domingos do Prata, no ano de 1908, por ocasião da campanha civilista, da qual foi um dos ardorosos defensores, e vitoriosa no município.

Na oportunidade, com seus companheiros políticos de então, conseguiu, em oposição ao governo do Estado, eleger a quase unanimidade da Câmara de Vereadores, da qual foi vereador vice-Presidente.

Tendo o grande tribuno Rui Barbosa perdido as eleições para a Presidência da República, a Câmara então eleita, como se disse, em oposição ao Governo Estadual, num gesto de nobreza e patriotismo, para não criar dificuldades para o município, renunciou coletivamente.

De 1918-1920, o Dr. Edelberto de Lellis volta novamente às lides políticas, recebendo dos Poderes Estaduais, a direção política do município.

Em 1922, elegeu-se vereador e Agente Executivo do Município, cargo equivalente ao de hoje – Prefeito Municipal, cujo cargo exerceu ininterruptamente, ora por eleição, ora por nomeação do Governo do Estado, até 1936, quando se fez suceder no cargo e na direção política do município pelo dr. José Mateus de Vasconcelos, sendo até hoje seu máximo dirigente político.

Em 1924, elegeu-se Deputado ao Congresso Legislativo de Minas Gerais, pelo então 2º distrito, que se compunha de vários municípios de grande expressão, como sejam: Ponte Nova, Caratinga, Manhuaçu, Ouro Preto, Mariana, São Domingos do Prata e muitos outros, ocasião em que para se eleger Deputado Estadual, o candidato teria de obter um mínimo de vinte e cinco mil votos.

Participou efetivamente da vida política do município até o ano de 1955, ocasião que abandonou por completo a lide política.

Do seu trabalho à frente dos destinos administrativos do município, muitos já foram consumidos pelo tempo, mas, muitos permanecem ainda em pé, tais como as rodovias que ligam São

Domingos do Prata à Dom Silvério, Nova Era e a João Monlevade, esta última muito remodelada por administrações seguidas.....

Privou da intimidade dos então componentes do Palácio da Liberdade e de todas as secretarias do Estado. Era como se diz vulgarmente “elemento palaciano”, pois dois de seus Presidentes e muitos ex-secretários foram seus alunos em Ouro Preto.

Fato talvez único na história política de Minas Gerais: No ano de 1922, o partido político então fundado pelo Dr. Edelberto de Lellis Ferreira em São Domingos do Prata, pleiteou e elegeu pela segunda vez, o Prefeito e a maioria da Câmara de Vereadores do município.

Desde o longínquo ano de 1922 até a presente data, com nuances, é claro, dada a longitude dos tempos, ora perdendo grandes companheiros, ora ganhando outros companheiros que lhe eram adversos, teve ininterruptamente o bastão da direção política do município em suas mãos.

Esta corrente política é hoje dirigida, entre outros, pelo Dr. José Mateus de Vasconcelos, pelo Prefeito José Gomes Domingues e pelo sr. Geraldo Santiago, genro de Dr. Edelberto de Lellis, e nunca, nestes longos 46 anos, perdeu uma única eleição municipal.

É virgem da derrota municipal. Elegeu todos os Prefeitos que indicou ao eleitorado de 1922, até a presente data.”

EM TEMPO: No texto de Paulino Cícero, acima transcrito, não consta a data em que o escreveu, mas supõe-se que seja no ano de 1955, quando ele dar a entender ter sido o ano em que Dr. Edelberto completou 46 anos da sua liderança política. (1908/1955). Algumas notícias de jornais da época, divergem um pouco de alguns dos fatos acima narrados, como se verá no decorrer deste.

O INÍCIO DA JORNADA.

Não consegui descobrir quais seriam os dois Presidentes (Governadores) que teriam sido seus alunos em Ouro Preto. Dr. Edelberto, depois de estudar em Ouro Preto, foi estudar medicina em Salvador (Bahia), tendo depois, tão logo inaugurada a faculdade de medicina no Rio de Janeiro, para lá se dirigido.

Na realidade, Dr. Edelberto formou em medicina em 1899, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, após ter cursado medicina

na Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia, até o 4º ano (quarta série), em 1897, como consta da relação dos ex-alunos desta instituição publicada na internet. Ele se transferiu para a do Rio de Janeiro em 1898.

Portanto, era impossível ele ter sido professor de dois ex-Presidentes e ex-secretários do Estado quando morou e estudou em Ouro Preto.

A dedução lógica, corroborada em documentos, é a de que adquiriu prestígio junto aos integrantes do Palácio da Liberdade e demais autoridades do Estado, foi quando, em 1924, tornou-se Deputado Estadual e passou a conviver e ter acesso a essas autoridades.

Não apurei a razão pela qual escolheu São Domingos do Prata para fixar residência em 1900, já que era oriundo da cidade de Ferros.

Uma das hipóteses é a de que a sua irmã Salvina Maria Ferreira Maia tinha na cidade uma pensão, conforme descobri através de uma publicidade que ela inseriu no jornal “O Piracicaba”, edição de 08 de março de 1903. Tão logo começou a clinicar no Prata, Dr. Edelberto arrumou uma namorada, a pratiana Maria Leocádia Santiago, com quem contraiu matrimônio em 1901 e teve inúmeros filhos, todos pratianos.

Enraizando em São Domingos do Prata logo Dr. Edelberto se integrou na comunidade local. Em 1900, já era um dos redatores do jornal “O Piracicaba”, juntamente com o Cônego João Pio (Também Ferrense), padre Pedro Domingues Gomes, Luiz Prisco de Braga, Alonso Starling e Albano Ferreira de Moraes.

Em 1902, foi um dos fundadores de uma Escola Normal em São Domingos do Prata, na qual foi docente, juntamente com Antônio Fernandes Pinto Coelho, Egídio Gomes da Silva Lima (Capitão Dico), Luiz Prisco de Braga, Joaquim Augusto Gomes Lima, Alonso Starling, padre Pedro Domingues Gomes e Cônego João Pio.

Em 1915, fundou um Externato, com aulas diurnas e noturnas, juntamente com Gustavo Alberto Penna, Antônio Fernandes Pinto Coelho (Juiz de Direito) e Domingos Gomes da Silva Lima (irmão do Capitão Dico).

Foi ainda docente do Colégio das irmãs de caridade francesas, Nossa Senhora das Dores, em cujo prédio foi criado o Hospital Nossa

Senhora das Dores, do qual, juntamente com outros pratianos, foi um dos fundadores e principal articulador da sua criação.

Hospital que no futuro, daria o seu nome à Sala de Cirurgia e tanto benefício carreu à população da região.

Foi também inspetor escolar do Grupo Escolar Cônego João Pio, cujo nome foi dado por ele, em 1930, quando Prefeito. Foi ainda professor na Escola Normal fundada em 1937, por José de Assis Santiago, onde lecionou “ciências”, tendo sido o paraninfo em 1939, da única turma formada nesse educandário.

Como médico, talvez esteja um de seus maiores méritos.

Nessa seara, transcrevo um trecho de um artigo de jornal pratiano publicado em sua homenagem:

“...A personalidade deste ilustre ferrense que São Domingos do Prata considera como um verdadeiro filho, não se limita apenas às fronteiras do nosso município, mas se estende por todo o Estado, ao qual, como representante de seu povo, prestou os mais relevantes serviços, quer como político de grande projeção, quer como Deputado Estadual, quer como médico de grande cultura e devotado ao seu mister.

Casando-se aqui, aqui constituiu sua numerosa família e entre nós vem vivendo a quase cinquenta anos, tendo dedicado toda a sua mocidade, todo seu trabalho e todo seu saber a esta grei que nunca se esquece de seu abençoado nome.

Não há no município, desde a mais abastada fazenda ao menor casebre, lugar onde o Dr. Edelberto não tenha levado o conforto de sua visita médica”

Ainda como médico, noticiou a imprensa pratiana:

“Sua vida é mais grandiosa quando se a encara pelo ângulo da medicina. Médico culto, inteligente e dedicado vem socorrendo a todos sem distinção de classe: pobre ou rico, branco ou preto, o Dr. Edelberto vem curando com aquele carinho todo especial que o caracteriza. (...).

“Não há neste São Domingos do Prata quem não haja recebido de sua pessoa os maiores favores médicos. Ele nunca respeitou a hora e o tempo para socorrer os enfermos.

Desde os primórdios de sua nobilitante carreira, época em que toda essa zona: Mariana até Itabira e Mesquita, que não dispunha de meios de transporte menos penoso, sob torrenciais chuvas ou sol ardente, viajava a cavalo dezenas de léguas para atender aos chamados, viessem esses de abastados ou de párias”.

A JORNADA POLÍTICA.

Traçando, em rápidas pinceladas, um perfil do cidadão, professor e médico, adentro agora na razão principal deste livro: Dr. Edelberto, o político e líder.

São Domingos do Prata até, aproximadamente, o ano de 1940, foi o principal município do leste mineiro, sob qualquer ângulo que se analise: econômico, população, extensão territorial, agropecuária, prestígio político, etc.

Desde 1890, quando de sua emancipação, até o ano de 1922, inclusive, a política no município foi liderada por componentes da família GOMES LIMA, entre eles, Virgílio Gomes Lima, conhecido como Virgílio Lima, Dr. Antônio Gomes Lima, conhecido como Dr. Gomes Lima (foi Senador Estadual, Deputado Federal por duas legislaturas, presidente do Banco do Brasil, etc.), Egídio Gomes da Silva Lima, conhecido como Capitão Dico e Manoel Martins Vieira, que teve uma de suas filhas, Nicolina Martins Vieira, casada com um Gomes Lima e até a sua morte em 1908, também exerceu forte liderança, tendo sido o primeiro Prefeito (Agente do Executivo) do município.

Até 1922, inclusive, foram estes os dirigentes do município: Manoel Martins Vieira, Tenente-Coronel Antônio Rodrigues Frade, Cel. Virgílio Lima, Raimundo Dias Duarte, Tenente Marcelino da Silva Perdigão, Luiz Caetano dos Santos, Capitão Francisco de Paula Carneiro de Moraes, padre Pedro Domingues Gomes, Manoel José Gomes Rebello Horta e Capitão Dico (Egídio Gomes da Silva Lima).

A carreira política, com a ocupação de cargo no legislativo municipal, iniciou-se em 1908, quando foi eleito vereador e Vice-Presidente da Câmara.

Foram seus companheiros de vereança: Manoel José Gomes Rebello Horta (Presidente), Joaquim Martins Quintão, Theodolindo José

dos Santos, Manoel Ezequiel de Andrade, Francisco Leôncio Rodrigues Rolla, José Izidro Martins Quintão, e padre Pedro Domingues Gomes.

Na Sessão da Câmara do dia 02 de julho de 1908, a que tive acesso, há duas proposições do Dr. Edelberto, quais sejam:

1ª - requerendo se inserisse em ata um voto de profundo pesar pelo passamento do Sr. Capitão José Agostinho Rodrigues Rolla, lembrando em breves palavras as excelsas qualidades do extinto e o interesse que o mesmo tomava pelo progresso do município.

2ª - Apresentando parecer propondo o reconhecimento dos vereadores Francisco de Paula Carneiro, geral, Francisco Ferreira Mendes, especial por Vargem Linda e Abeilard de Assis Moraes, especial por Ilhéus.

Já na Sessão do dia seguinte, 03 de julho de 1908, a seguinte postulação do Dr. Edelberto:

Requerimento à Câmara para que oficiasse coletivamente ao Presidente do Estado pedindo a instalação do distrito de SANTA ISABEL.

Depois desse período, o Dr. Edelberto não disputou e nem ocupou nenhum cargo no Executivo e nem no Legislativo, ressurgindo na eleição de 1922 e, a partir daí, como citado pelo ministro Paulino Cícero, manteve a sua incontestável liderança até 1955, quando, vencido pela idade (87 anos), retirou-se definitivamente da política e medicina e foi morar, junto com uma de suas filhas, na Fazenda do Alegre em Timóteo, onde veio a falecer em 15 de janeiro de 1969 (aos 101 anos), sendo as suas cinzas enterrada, juntamente com esposa, uma irmã e um filho, no cemitério do Rosário em São Domingos do Prata.

De 1912 até 1922, inclusive, a governança no município, esteve à cargo do Capitão Dico (outro dos Gomes Lima), que fez um ótimo governo.

ELEIÇÃO EM 1922, POSSE EM JANEIRO DE 1923.

Na eleição realizada em dezembro de 1922 (posse em 1º de janeiro de 1923), Dr. Edelberto foi o vereador mais votado, tanto na Sede, como nos distritos de Vargem Alegre, Ilhéus, Santa Isabel, Alfié e Babilônia (atual Marliéria).

De acordo com as regras então vigentes, o mais votado tornava-se, automaticamente, além de Presidente da Câmara, Chefe do Executivo, que se denominava Agente do Executivo.

Foram seus companheiros na Câmara de Vereadores:

Francisco Leôncio Rodrigues Rolla, Joviano de Paula, José Izidoro Garcia, Luiz Prisco de Braga, Antônio Caetano de Souza, Raoul De Caux, Paulino Antônio de Castro, José Martins Drummond, Manoel Lúcio de Moraes e Domingos Cota de Oliveira e, criado nessa ocasião, o distrito de Jaguarapu, foi eleito José Theodolindo Miranda para representá-lo.

Durante o seu mandato no período de 1923/1927, além de inúmeras realizações (algumas citarei em um tópico específico), a própria Câmara Municipal em reconhecimento, apresentou a seguinte MOÇÃO:

“Os vereadores da Câmara Municipal de São Domingos do Prata presentes à sessão de hoje, servem-se da oportunidade da primeira reunião ordinária do corrente ano para exprimir ao digno Presidente e Agente Executivo Municipal Exmo. Sr. Dr. Edelberto de Lellis Ferreira o seu prazer em vista da criteriosa orientação que S. Excia. vem imprimindo aos negócios do município, administrando-o aos olhos do povo em ampla publicidade que dá a todos os seus atos e diante da solicitude, energia e justiça congregadas na arrecadação e escrupulo na aplicação de suas rendas, correspondendo assim à confiança de todos aqueles que o elegeram, fitando apenas o interesse da coletividade.

Aproveitam ainda os vereadores presentes o ensejo para renovar a sua S. Excia os protestos de sua solidariedade e decidido apoio, tanto à sua administração, como a sua orientação política”.

Sala de Sessões, 11 de janeiro de 1924.

**Luiz Prisco de Braga.
Francisco L. Rodrigues Rolla.
José Izidoro Garcia.
Manoel Lucio de Moraes.
José Martins Drummond.
Paulino Antonio de Araujo.
José Theodolindo de Miranda.
Raoul de Caux.**

Nesse mesmo ano, o Governo do Estado publicou no jornal oficial “O Minas Gerais”, a impressão sobre um relatório recebido sob a gestão do Dr. Edelberto:

O GOVERNO DO ESTADO E UM RELATÓRIO ENVIADO PELA CÂMARA SOBRE A GESTÃO DO DR. EDELBERTO.

“Recebemos o relatório apresentado à Câmara Municipal de S. Domingos do Prata, pelo presidente e agente do executivo, Dr. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA, deputado do congresso mineiro.

Esse documento, que revela as qualidades de um administrador de vontade enérgica, orientando pelo mais sã patriotismo, informa com clareza e minucioso cuidado, sobre a vida do município de S. Domingos do Prata, em todos os seus aspectos.

O que para logo se nota no interessante trabalho é a louvável preocupação de administrar. Em matéria de obras públicas, muitas e urgentes eram as necessidades do município, entre os quais estavam os serviços de remodelação completa das instalações hidroelétricas, estradas de rodagem e outras, a tudo tendo o Dr. EDELBERTO DE LELLIS procurado dar remédio, o que conseguiu com o auxílio dos seus companheiros de Câmara e os aplausos de todos os seus co-munícipes.

As escolas mantidas pelo município, que apenas possuía uma, são agora em número de onze, funcionando todas regularmente (...).

Só esse grande serviço prestado a causa da instrução recomenda o esforço da administração municipal de S. Domingos do Prata (...).”

ELEIÇÃO EM 1927.

Em 17 de maio de 1927, realiza-se nova eleição para renovar os mandatos dos eleitos em 1922.

Novamente o Dr. Edelberto é o mais votado, sendo, portanto, reconduzido à Presidência da Câmara e a Agente do Executivo.

Também foram eleitos para Vereadores: Francisco Leôncio Rodrigues Rolla, José Marinho Quintão, José Izidoro Garcia, Antônio Caetano de Souza, Antônio Martins Vieira, Euclides Cassimiro Frade, Vicente Cândido Soares, Antônio Starling Martins da Costa, Raoul de Caux, José Theodolindo de Miranda e Manoel Olímpio de Magalhães.

O povo, após a Sessão solene da posse dos Vereadores e de Dr. Edelberto como Presidente da Câmara e Agente do Executivo, comemorou nas ruas, como se extrai deste trecho publicado pela imprensa local:

“..... Ao meio dia efetuou-se no Paço Municipal a posse dos novos membros da Câmara, sendo o edifício e toda as suas adjacências completamente tomado por uma enorme massa humana que se comprimia e acotovelava na ânsia de render suas homenagens aos verdadeiros e legítimos representantes do povo.

(.....) Encerrada a sessão foi o Presidente da Câmara acompanhado até a sua residência por grande massa de povo.....

Durante o resto do dia entregou-se o povo as mais ruidosas demonstrações de entusiasmo, estando as nossas ruas repletas do que tem o Prata de mais seleta em todas as suas classes sociais.

À noite, o povo num sincero movimento de simpatia e apreço, fez uma carinhosa manifestação ao Dr. Edelberto de Lellis, como demonstração do muito que lhe deve à terra pratiana.

À porta de sua residência às 7 horas da noite uma grande multidão de manifestantes acompanhada por duas bandas de música, sendo o homenageado saudado por calorosas palmas e vivas ao assomar uma das janelas de sua residência.

Em nome dos manifestantes pronunciou o Dr. Claudiano Drummond (outro Ferrense) um vibrante discurso de saudação ao ilustre político, pondo em relevo as suas invulgares qualidades de caráter e de honradez e significando a enorme confiança com que o povo acompanhava a sua nova ascensão à presidência da Câmara. (.....).

A noite realizou-se um grande baile nos salões do Paço municipal profusamente iluminado, prolongando-se as danças até a madrugada (.....).”

CONGRESSO DOS MUNICÍPIOS EM ITABIRA.

Ainda nesse período, o Dr. Edelberto participou de um Congresso das municipalidades em Itabira. Foram tantos os elogios pela sua participação, que selecionei apenas esse:

“.... A propósito da fecunda atuação do Dr. Edelberto de Lellis, recebemos os seguintes despachos do farmacêutico João Dias Duarte, (.....):

“Itabira, 29. – A brilhante tese apresentada pelo Dr. Edelberto congresso municipalidades nordeste teve extraordinário êxito. Abordou assunto instrução pública com uma verdadeira maestria surpreendendo a todos sua vasta cultura. A comissão encarregada a dar parecer sobre seu esplêndido trabalho aceitou, sem nada alterar, suas conclusões, elogiando francamente sua magnífica tese. João Dias Duarte”.

No final do artigo o jornal transcrevia as felicitações recebidas pelo Dr. Edelberto por parte do mineiro de Sabará e Vice-Presidente da República o Dr. Fernando de Mello Vianna.

AGÊNCIA DO CORREIO EM SÃO JOSÉ DO GOIABAL em 1927.

“Foi entusiasticamente instalada no dia 15 do corrente, a Agência do Correio de São José do Goiabal do distrito do Juirassú. Desde a manhã se notava desusado movimento naquele próspero povoado.

Cerca de 11 horas, centenas de foguetes anunciando a chegada ali do Snr. Dr. Edelberto de Lellis Ferreira, Presidente da Câmara, acompanhado de grande número de amigos dos distritos de Dionísio e Juirassú.

O povo delirou de entusiasmo por ver em seu meio o seu querido chefe. Ao meio dia foi solenemente instalada a Agência do Correio, falando nessa ocasião o Presidente da Câmara que, em vibrante oração, congratulou com os habitantes daquele povoado, pelo importante melhoramento que vinham de inaugurar, ouvindo-se ao terminar, prolongada salva de palmas que abafaram as últimas palavras do orador.....”

NOTA: No período de 1923 a 1926, Dr. Edelberto acumulou as funções na área municipal, com a de Deputado Estadual, o que o

obrigava a ir até Belo Horizonte participar das Sessões, na época à cavalo.

Essa fase como Deputado estadual, vai ser objeto de uma consideração específica.

Em 1930, com a vitória da Revolução, capitaneada pelo Estado de Minas Gerais e que levou Getúlio Vargas ao poder, pela primeira vez, a denominação Agente do Executivo foi trocada pela de Prefeito, tendo sido expedido o Decreto Federal, de 11 de novembro de 1930, que em seu artigo 11, parágrafo 4º, estatuiu:

“O Governo Provisório nomeará um interventor para cada Estado, salvo para aqueles já organizados, em os quais ficarão os respectivos presidentes (nome dado aos governadores, até então).

§ 4º - O interventor nomeará um PREFEITO para cada município que exercerá aí todas as funções executivas e legislativas, podendo o interventor exonerá-lo quando entender conveniente ...” (Letra garrafal por minha conta”.

Olegário Maciel, então Presidente do Estado, em cumprimento ao Decreto Federal acima mencionado, expediu o Decreto Estadual 9768, de 24.11.1930, determinando:

“Ficam, pois, dissolvidas as assembleias legislativas municipais em todo o Estado, sendo elas substituídas por um PREFEITO, que exercerá simultaneamente os dois poderes: legislativo e executivo.” (Letra garrafal por minha conta).

Portanto, dissolvidas as Câmaras de Vereadores e destituídos todos os Agentes do Executivo (Prefeitos), caberia ao Interventor (no caso de Minas Gerais, por liderar o movimento revolucionário, o Presidente do Estado foi mantido), nomear os Prefeitos.

Em São Domingos do Prata, foi nomeado, depois de disputar e vencer duas eleições simultâneas e outra em 1908, o Dr. Edelberto, em reconhecimento a sua capacidade, honestidade e apoio ao movimento, no qual dois de seus filhos pegaram em armas, arriscando as suas vidas em defesa dos interesses do Estado de Minas Gerais.

Assim é que, em 19 de dezembro de 1930, perante o Juiz de Direito da comarca, tomou posse e entrou no exercício do cargo de Prefeito, o Dr. Edelberto de Lellis Ferreira, tendo o mesmo permanecido no cargo e exercido a função até 14/08/1936.

Nessa ocasião a imprensa pratiana, em suprema síntese, noticiou:

“...Desnecessária se torna escrever a biografia do honrado prefeito, de vez que, há tantos anos na direção política do município, ele se tornou credor da confiança e simpatia do povo pratiano, quer por sua eficiência administrativa, quer por sua consagrada honestidade, que sempre foi o apanágio de sua conduta moral.

O ato coerente e nobre do Governo de Minas, lavrando e publicando tão sugestiva nomeação vem escoar em nós à sinceridade e nobreza dos processos do Dr. Olegário Maciel, que encarna hoje a decidida aspiração do povo mineiro (.....).

Damos parabéns ao povo pratiano pela conservação do Dr. Edelberto na direção política e administrativa do município, porque pelos seus dotes morais, pela sua inteligência esclarecida e pelo grande estímulo que tem pelo progresso de nossa terra, pode realizar muito em benefício desta zona, resumindo, pois, o espírito liberal e progressista dos filhos de S. Domingos do Prata”.

Em outra publicação, a mesma imprensa pratiana noticiou:

“...Efetuada a posse e lavrado o competente termo, o íntegro juiz, Dr. Joaquim Pereira da Silva, em brilhante alocução, congratulou-se com o povo pratiano por ver novamente dirigindo os destinos do município, sem solução de continuidade, o mesmo cidadão que, dada a sua envergadura moral de homem probo e administrador honesto, como bem demonstrado as contas por ele prestadas quando presidente da extinta Câmara Municipal, se fizera credor da confiança do governo do Estado.

Agradecendo o Dr. Edelberto em ligeiras palavras, traçou o programa do seu governo e se dizendo compenetrado da grande responsabilidade que ora lhe pesa aos ombros, ao encetar a nova estrada salpicada de abrolhos, (.....).

As suas últimas palavras foram abafadas por prolongadas palmas e as senhoritas presentes lhe atiraram pétalas de rosa. (.....)”.

À noite desse mesmo dia grande massa popular, tendo à frente a banda de música, fez significativa manifestação ao Dr. Edelberto pelo motivo de sua posse.

Em nome do povo do município falou, à porta do homenageado, o talentoso advogado Dr. Annibal de Moraes Quintão, que, em longo discurso, após salientar as qualidades do Dr. Lellis, amigo desta terra e exemplar chefe de família, fez um verdadeiro apanhado da feliz e honesta administração de sua excelência na gestão deste município, onde ele tem sabido se impor à estima, ao respeito e à admiração dos nossos conterrâneos.

Visivelmente emocionado usou da palavra o Sr. Prefeito reafirmando os pontos de vistas dos seus programa e que aceitara a sua nomeação para este posto de sacrifício, única e exclusivamente, para servir à causa de nossa Terra, terminando o seu belo improviso com uma amistosa saudação ao povo de São Domingos do Prata.”

ALGUNS DOS MELHORAMENTOS NO MUNICÍPIO LISTADOS POR UM JORNAL PRATIANO.

O jornal, na sua edição de 21 de junho de 1931, lista os melhoramentos que estão sendo realizados neste mandato. Vou citar alguns deles.

“Já se acham bem adiantados, devendo estar concluído talvez até o fim desta semana, os serviços da canalização da rede complementar de abastecimento de água potável nesta cidade. (.....).

Outro problema de interesse vital para a população, porque interessa de perto à saúde pública, é o relativo à rede de esgotos.

(.....). É o que vai fazer o Sr. Prefeito mandando executar o serviço de esgoto nas principais ruas, até que o estado financeiro do município permita completar a obra. (.....).

Abrir estradas, disseminar a instrução e cuidar da saúde pública foram os três pontos capitais da administração do atual Prefeito, desde que o povo o colocou à frente dos públicos negócios do município.

Naquilo que dependeu do governo do Estado o Sr. Prefeito empregou sempre os seus melhores esforços, conseguindo a criação de dezenas de escolas, a faturação de três estradas de automóveis e de um posto de higiene nesta cidade.

No departamento municipal não escapará a quem observar sem paixão o que S.S. fez em relação à canalização de água potável em alguns distritos, estradas, pontes, bueiros e criação de escolas municipais.”

RENÚNCIA AO CARGO DE PRESIDENTE DO PARTIDO.

Em 1931, dr. Edelberto, demonstrando o seu comportamento ético, comunicou ao povo pratiano, através de publicação na imprensa local:

“Sendo inteiramente incompatível o cargo de Prefeito com a direção política do município, venho declarar aos meus amigos que, enquanto durar o meu mandato de Prefeito, ficará encarregado da direção política, o Cel. Francisco Leôncio Rodrigues Rolla a quem passo o exercício de Presidente do Diretório Político Central. (.....)”.

NOVAS ELEIÇÕES EM 1936.

Em 1936, exceto quanto as capitais e estâncias minerais, nas quais a nomeação ainda persistiria, foi permitida a realizações de eleições para vereadores (cujas Câmaras estavam fechadas desde 1930) e para Prefeitos.

No livro “Meus Cadernos – De São Domingos do Prata a Brasília”, que conta a vida do ministro Paulino Cicero, na página 14, foi publicada, de minha autoria, a seguinte passagem:

“CHEGADA DE PAULINO CÍCERO A SÃO DOMINGOS DO PRATA. (.....).

O Dr. Edelberto (Edelberto de Lellis Ferreira) governou até 1936 (1923 a 1936), quando resolveu retirar-se das funções legislativas e executivas, mantendo somente a sua incontestável liderança política.

Em 1936, o Governo Central permitiu que houvesse eleições para as Câmaras de Vereadores, fechadas desde 1930.

Em São Domingos do Prata essas eleições se realizaram em agosto de 1936. O Dr. Edelberto, para sua sucessão, como Prefeito, vai buscar um jovem médico residente em Dionísio, chamado Dr. José Matheus de Vasconcelos, ainda pouco conhecido na sede do município, não obstante a forte oposição de antigos e leais aliados políticos.

Porém, Dr. Edelberto, com a sua experiência, sentiu que o município necessitava de “sangue novo”, além de ter visto nele um grande potencial, tanto na área médica, quanto na política.

O tempo demonstrou o acerto da opção, embora os demais também fossem capazes. Em 1936, Dr. Mateus teve, em face de sua indicação, que mudar-se, juntamente com a sua jovem esposa e seu filho Paulo Vasconcellos de apenas um ano de idade, e enfrentar uma verdadeira odisséia, posto não existir naquela época estrada ligando o Distrito de Dionísio à sede, sendo o cavalo o meio mais adequado de transporte, via trilhas usadas normalmente por tropeiros da região.

Para agravar ainda mais o percurso, a jovem esposa de Dr. Matheus estava grávida de ninguém menos que PAULINO CÍCERO DE VASCONCELLOS, que no futuro seria Ministro do Governo do Presidente Itamar Franco, além de outros cargos e funções de relevo e hierarquia por ele ocupados, de conhecimento geral.

Com o apoio decisivo de Dr. Edelberto, em que pese a forte oposição desses antigos aliados, o jovem médico obteve uma votação expressiva e foi eleito, juntamente com uma nova Câmara de Vereadores, da qual meu pai, Manoel Martins Gomes Lima (Vulgo Neneco e futuro prefeito), Geraldo Quintão (futuro deputado Estadual) e Nelson de Lima Bruzzi (Iria tornar-se o primeiro prefeito do município de Nova Era, então denominado Presidente Vargas) também passaram, entre outros, a fazer parte.....”

Na realidade, no sistema eleitoral vigente para essas eleições, o candidato indicado para ser Prefeito não recebia votação. Os eleitores votavam nos candidatos a vereadores, daí o partido vencedor tinha direito a indicar o Prefeito.

Pela situação, o Dr. Edelberto (líder do partido vencedor e novamente o vereador mais votado na eleição), indicou o médico, Dr. José Mateus de Vasconcelos.

Pela oposição, caso vencesse a eleição, o Prefeito seria o médico Ângelo Fusaro Filho.

CANDIDATURA DO DR. MATHEUS PARA PREFEITO NA ELEIÇÃO DE 1936.

A REUNIÃO DO PARTIDO PROGRESSISTA.

No dia 7 de março de 1936, reuniram-se no sobrado onde o Dr. Edelberto de Lellis Ferreira mantinha a sua residência, todos os diretórios distritais e o municipal do P.P.

Nessa assembleia, à qual compareceram todos os membros dos Diretórios do P.P., em número de 50, tratou-se das medidas a se pôr em prática para a eleição municipal em 7 de junho de 1936.

Foi então, por indicação do Dr. Edelberto, através das palavras de Leandro Domingues Gomes, e com a aprovação unânime de todos os Diretórios, aclamado o nome do médico Dr. José Mateus de Vasconcelos.

O nome do Dr. Matheus por si só constituía uma bandeira, pois tem sobejamente todos os requisitos para bem administrar o município - Cultura variada, inteligência brilhante, honesto e grande capacidade de trabalho.

Além disso, ele, como todos do Partido Progressista, apoiam o governo Central de Getúlio Vargas e também, no Estado, o Governador Benedito Valadares.

CANDITADOS A VEREADORES NA ELEIÇÃO MUNICIPAL DE 1936, PELO PARTIDO PROGRESSISTA E PARTIDO RESTAURADOR PRATEANO

PELO PARTIDO PROGRESSISTA.

1 - Dr. Edelberto de Lellis Ferreira.

2 – Cel. José Izidoro Garcia.

3 - Antônio Pedro Braga.

4 - Domingos Correa Dias.

5 - Phco. Nelson de Lima Bruzzi.

6 - Domingos Cotta de Oliveira.

7– José Marinho Quintão.

8 - Henry de Caux.

9 - Duval Mendes.

10 -José Augusto Drummond.

11 - José Theodolindo de Miranda.

12 – Vicente D’Anunciação Braga.

13 – José Gomes Domingues.

14 - Joaquim Leão Estevam.

PELO PARTIDO RESTAURADOR PRATEANO. (Da oposição)

1 – Ângelo Fusaro Filho - médico.

2 – José Martins Drummond.

3 – Geraldo Moraes Quintão.

4 – Pedro Soares de Azevedo.

5 – Farmacêutico Manoel Martins Gomes Lima (meu pai).

6 – Cel. Francisco Leôncio Rodrigues Rolla.

7 – Euclides Cassemiro Frade.

8 – Luiz Prisco de Braga.

9 – Cap. Cornélio Coelho da Cunha.

10 – José Cupertino Pimentel.

11 – José Severo Filho.

12 – Manoel Gomes Domingues.

13 – Sebastião Vasconcellos.

14 – Cel. Manoel Olímpio de Magalhães.

Apurado os votos, o Partido Progressista elegeu os nove primeiros vereadores, tendo o Dr. Edelberto de Lellis Ferreira sido o mais votado, daí ter virado o Presidente da Câmara.

O Partido Restaurador Prateano (o da oposição) elegeu os cinco primeiros vereadores.

Quatro vereadores eleitos pela oposição, não compareceram, em 16/08/1936, à posse do Dr. Mateus, quais sejam:

- José Martins Drumond.

- Manoel Martins Gomes Lima.

- Pedro Soares de Azeredo.

- Geraldo Quintão.

A curiosidade é a de que Manoel Martins Gomes Lima (meu pai), nessa época namorava a filha do Dr. Edelberto, Janua Coeli Lellis Ferreira (minha mãe) e com ela se casaria no dia 25 de maio de 1938 e teve como um dos padrinhos o antigo adversário político, o Dr. José Mateus de Vasconcelos.

Na oposição, Manoel Martins Gomes Lima era partidário da corrente de seu parente, também Gomes Lima, Capitão Dico.

Após o casamento, e sendo novamente fechadas pelo governo central, as Câmaras de Vereadores e extintos os mandatos dos Prefeitos, ele, embora em face do seu espírito sempre conciliador,

continuasse transitando e apaziguando ambas as correntes, tornou-se edelbertista, isto é, partidário do Dr. Edelberto.

Outra curiosidade, foi a eleição do vereador Nelson de Lima Bruzzi. Pouco tempo da sua posse, ele pediu demissão e foi residir em Nova Era, tendo, em 31 de dezembro de 1938, sido nomeado o primeiro Prefeito do município, que nessa época chamava-se Presidente Vargas, em substituição ao centenário nome de São José da Lagoa.

No lugar de Nelson de Lima Bruzzi, assumiu o cargo de Vereador, o sr. Vicente D'Assunção Braga.

APÓS A SUA POSSE EM 1936. DR. MATEUS APRESENTOU UM RELATÓRIO À CÂMARA DE VEREADORES, DO QUAL EXTRAIO A SEGUINTE PARTE:

“(.....) E este estímulo será o farol que me ensinará o caminho executivo para que, no governo de São Domingos do Prata a minha gerência seja digna da administração, por todos os títulos honesta, operosa e brilhante de meu ilustre antecessor, Dr. Edelberto de Lellis Ferreira, cuja vida tem sido uma bela página toda cheia de serviços apresentados ao município, qualquer o prisma em que se mire (...).”

FOTOS DA CÂMARA DE VEREADORES ELEITA EM 1936.

A seguir, na primeira foto, Sessão solene da posse de Dr. Mateus em 1936, tendo sido presidida pelo Dr. Edelberto de Lellis Ferreira, Presidente da Câmara por ter sido o vereador mais votado.

Em pé na Mesa: Duval Mendes, Dr. Edelberto e Dr. Mateus.

Na segunda, foto de 12 dos vereadores eleitos em 1936.



Da direita para esquerda: Henry Caux, José Marinho Quintão, Domingos Amâncio Correia, Antônio Pedro Braga, José Isidoro Garcia, Duval Mendes, Dr. Edelberto de Lellis Ferreira (presidente da Câmara), Nelson de Lima Bruzzi, Geraldo Quintão, José Martins Drumond, Manoel Martins Gomes Lima e Domingos Cota de Oliveira.

EXTINÇÃO DA CÂMARA ELEITA EM 1936 E DO MANDATO DO PREFEITO.

Essa Câmara e os mandatos dos vereadores, duraram pouco tempo. Em 10 de novembro de 1937, com a implantação do chamado Estado Novo, ainda sob a Presidência de Getúlio Vargas, foram outra vez fechadas todas as casas legislativas do país e extintos os mandatos dos Prefeitos, inclusive o de São Domingos do Prata.

NOMEAÇÃO, PELO GOVERNADOR DO ESTADO, DO NOVO PREFEITO.

Contudo, pelo pouco tempo de governo e ainda praticamente desconhecido pelo Governo Estadual, foi mais uma vez o Dr. Edelberto, com o prestígio que possuía nesta área, como reconhecido pelo próprio ministro Paulino Cícero nas primeiras páginas deste, quem conseguiu a recondução ao cargo de Prefeito de Dr. Mateus, só que agora através de nomeação pelo Governador do Estado, Benedito Valadares.

O ato do Governador, assinado por ele e por José Maria Alkmin, estava assim redigido:

“O Governador do Estado de Minas Gerais, de acôrdo com o artigo 27 da Constituição dos Estados Unidos do Brasil, resolve nomear para o cargo de prefeito do município de SÃO DOMINGOS DO PRATA, o dr. José Mateus de Vasconcelos.

Palácio da Liberdade, Belo Horizonte, 29 de novembro de 1937.”

Em 18 de dezembro de 1937, o Dr. José Mateus de Vasconcelos tomou posse perante o Secretário do Interior, com vencimentos de acordo com o Decreto-Lei nº 11, de 13 de dezembro de 1937 e subsídio mensal de 650\$000, com representação equivalente a 30%, ou seja 195\$000.

Dr. Mateus, neste segundo mandato, governou até 30 de dezembro de 1941.

Terminado o mandato do Dr. Mateus, o Dr. Edelberto consegue a nomeação de seu filho (um dos que pegou em armas na revolução de 1930), o jovem engenheiro e ex-professor da Universidade Federal de Viçosa, Dr. Nelson de Lellis Ferreira, que governou por pouco tempo (de 31.12.1941 a 19.10.1943), por ter sido convidado para trabalhar na Usina de Volta Redonda, que estava sendo inaugurada naquela época.

Em seguida, ainda por interferência do Dr. Edelberto, é nomeado o farmacêutico Manoel Martins Gomes Lima (Neneco – Formado pela Universidade Federal de Farmácia), seu genro, que governou de 19 de outubro de 1943 até 07.02.1946.

NOTA: Veja meu livro “Quatro Prefeitos de São Domingos do Prata, da primeira metade do século XX, algumas de suas realizações”.

Depois de Neneco, são nomeados sucessivamente, embora tenham governado por pouco tempo: Duval Mendes e Dr. José Olímpio da Fonseca Filho, todos do partido político do Dr. Edelberto e Chiquito de Moraes, esse da U.D.N., mas já dentro do objetivo de pacificar a política pradiana, sonho do farmacêutico Manoel Martins Gomes Lima.

A CHAPA ÚNICA NA ELEIÇÃO DE 1947.

Redemocratizado o país, São Domingos do Prata realizou em 23 de novembro de 1947, uma nova eleição para prefeito e vereadores.

Pela primeira vez na história do município, situação e oposição se compuseram e lançaram “chapa única”.

Para essa conquista, muito contribuiu o espírito conciliador do ex-prefeito Manoel Martins Gomes Lima e também da ainda forte liderança do Dr. Edelberto. Aliás, após eleitos, todos se dirigiram até o sobrado do Dr. Edelberto, para agradecê-lo, ocasião em que fez um pronunciamento, publicado em um de meus livros.

PRATIANO CONCILIADOR –

É sabido que a política em São Domingos do Prata, na primeira metade do século XX, era bastante conflitante entre as correntes políticas e ideológicas então existentes.

Manoel Martins Gomes Lima (Neneco), transitando livremente por essas diversas correntes, levava sempre o seu exemplo de moderação, equilíbrio e conciliação, o que culminou, a meu juízo, pela primeira vez na história política de São Domingos do Prata, com a união de todos os partidos então existentes, formando uma chapa única para a eleição que se realizou em 1947.

Em seu discurso de despedida como prefeito, em 1946, Neneco pronunciou:

“(...) julgo que é necessária a união de todos os pratianos para o bem do nosso Prata.

Devo frisar que encontrei a máxima boa vontade para a almejada pacificação entre os elementos da facção dominante, que, embora tenham pessoas de sobra para dirigirem o Município e contem com a simpatia de grande maioria da população, acham que devemos aproveitar os bons elementos do outro lado e formarmos assim um único bloco para que o Município, coeso, possa exigir dos dirigentes do Estado o que necessita”.

Embora desde 1923, o partido político a qual era filiado o Dr. Edelberto e todos os demais prefeitos nomeados por indicação dele, é quem dominava, para demonstrar a sinceridade no pedido de conciliação lançado por Manoel Martins Gomes Lima, foi nomeado prefeito, ainda graças ao prestígio do Dr. Edelberto junto ao Palácio da Liberdade, Chiquito de Moraes, pertencente a U.D.N., que governou de 15 de abril de 1947 até 31 de dezembro do mesmo ano, quando, no dia seguinte, tomou posse os candidatos que compuseram a chapa única.

Pelo menos na eleição de novembro de 1947, o sonho de Neneco foi realizado.

Já ancião pelos padrões da época (79 anos), todos os eleitos, em um pleito de gratidão, dirigiram-se ao sobrado do Dr. Edelberto para homenageá-lo e agradecê-lo.

Por volta de 1946, sobre Dr. Edelberto referiu-se o professor Joaquim A. Miranda:

“...Com o novo Prefeito Duval Mendes, ao lado do Velho político Dr. Edelberto, o maior benfeitor desta terra...”

OS ELEITOS EM 1947.

Na eleição realizada em novembro de 1947, posse em 28 de dezembro de 1947, foram eleitos os seguintes vereadores:

- José Olímpio da Fonseca Filho - (P.S.D.)**
- José Izidoro Garcia – (P.S.D.)**
- Félix de Castro – (P.S.D.)**
- Pedro Henrique Nicolau – (P.S.D.)**
- Olinto Gomes Martins – (P.S.D.)**
- Jaime de Moraes Quintão – (P.S.D.)**
- Peraclito Americano – (P.S.D.)**
- Cristiano Moraes – (P.S.D.)**
- Antônio de Pádua Lima – (U.D.N.)**
- Ézio de Araujo Silva – (U.D.N.)**
- Raimundo Izidoro de Braga – (U.D.N.)**
- Lúcio Monteiro de Oliveira – (P.R.)**
- Oswaldo Gomes da Silva – (P.R.)**

Prefeito: Dr. José Mateus de Vasconcelos – (P.S.D.)

Vice-Prefeito: Manoel Martins Gomes Lima – (P.S.D.)

A chapa única se formou com candidatos dos partidos: P.S.D., U.D.N. e P.R.

ALGUMAS DAS REALIZAÇÕES DO DR. EDELBERTO NOS PERÍODOS EM QUE FOI PREFEITO.

ESTRADAS DE RODAGEM.

São Domingos do Prata sempre foi um grande celeiro de produtos agrícolas, cuja produção superava em muito a necessidade do

consumo interno, tornando necessária, sob pena de perder a produção, exportá-la.

Para facilitar o escoamento da produção, era necessário construir estradas que ligassem o município aos centros consumidores do país.

Naquela altura da vida pratiana, havia na região, na ausência de uma ferrovia, dois locais ideais para escoamento da produção e também de passageiros, quais sejam: as estações ferroviárias localizadas em Saúde (atual Dom Silvério) e São José da Lagoa (atual Nova Era).

Por Dom Silvério, os produtos e os pratianos poderiam chegar à toda zona da Mata, além de todo o Estado do Rio de Janeiro, inclusive à própria cidade, então capital Federal.

Por Nova Era, se exportaria, via ferrovia Vitória- Minas, para toda a região do Vale do Rio Doce, além do Estado do Espírito Santo e o porto de Vitória e outras regiões do país.

Pela ferrovia Central do Brasil, se chegaria à capital Mineira e daí para uma imensa quantidade de municípios, além de diversas localidades do país, inclusive o Estado de São Paulo.

Como disse Dr. José Mateus de Vasconcelos em um de seus discursos: “Nova Era ponto terminal e entroncamento de três grandes estradas de ferro: E.F.V.M. – E.F.C.B. – E.F.L.R. (Estrada de Ferro Vitória-Minas, Estrada de Ferro Central do Brasil e Estrada de Ferro Leopoldina Railway), fato raríssimo nas realizações ferroviárias de qualquer país do mundo.”

Em 1944, São Domingos do Prata exportava anualmente, pelas estações ferroviárias de Nova Era, Dom Silvério e Rio Casca um milhão de sacas de café, além de milho, feijão e arroz.

Durante os períodos de seu governo, foram construídas diversas estradas, ligando São Domingos do Prata à diversas regiões do país.

O jornal “A Voz do Prata”, chegou a noticiar que abrir estradas, disseminar a instrução e cuidar da saúde pública foram os três principais pontos capitais da administração do Dr. Edelberto, desde que o povo o colocou na direção do município.

CONSTRUÇÃO DE ESTRADAS DE RODAGEM.

Dizia um jornal pratiano sobre um aspecto do governo do Dr. Edelberto:

“Abrir estradas, disseminar a instrução e cuidar da saúde pública foram os três pontos capitais da administração do atual Prefeito, desde que o povo o colocou à frente dos públicos negócios do município...”

São Domingos do Prata sempre foi um grande celeiro de produtos agrícolas. Até por volta de 1940, como já disse anteriormente, era o principal município de leste mineiro, sob qualquer ângulo que se enfocasse: econômico, cultural, extensão territorial, riquezas minerais, população, etc.

Contudo, na ausência da ferrovia prometida desde o final do século 19, mas dependente de verba do governo federal, que nunca saia, foi necessário a construção de estradas de rodagem para ligar São Domingos do Prata aos grandes centros consumidores da época.

A produção agrícola era muitas vezes superior à necessidade do consumo interno, daí, sob pena de perder o excedente e desestimular a produção, a necessidade da construção de rodovias.

Na época já existia a estação ferroviária de Saúde (Dom Silvério), controlada pela Estrada de Ferro Leopoldina, que ligava aquela região à zona da Mata, Estado do Rio de Janeiro e a então capital federal, a cidade do Rio de Janeiro, daí poderia se irradiar para diversas regiões do país.

Em Nova Era havia outra Estação Ferroviária, da qual poderia exportar seus produtos através da Estrada de Ferro Vitória Minas, atingindo todo Vale do Rio Doce, além do Estado do Espírito Santo, o porto de Vitória e até o nordeste brasileiro.

Havia ainda, com bitola diferente, a Estrada de Ferro Central do Brasil que ligava Nova Era à Belo Horizonte e daí os produtos poderiam ser irradiados por toda a região central, o triângulo, Estados do Centro Oeste, São Paulo, etc.

Essas mesmas rodovias que “desaguavam” nas Estações Ferroviárias acima citadas, passaram a ser utilizadas por dezenas de pratianos (as) para estudarem e visitarem diversas regiões do país.

Além dessas, havia a necessidade de uma estrada de rodagem que encurtasse a distância entre São Domingos do Prata a Belo Horizonte e outra, até Antônio Dias, para fazer a ligação com as Ferrovias Vitória-Minas e a Leopoldina Railway.

Também nesta área foi profícua a atuação do dr. Edelberto, como se demonstra a seguir:

INAUGURAÇÃO DA ESTRADA SAÚDE (DOM SILVÉRIO) A SÃO DOMINGOS DO PRATA.

De um jornal pratiano, pinço o seguinte trecho:

“A terra pratiana vê hoje (30.09.1928) coroados os esforços dos filhos mais devotados, dos seus mais incansáveis benfeitores, com a inauguração da rodovia Saúde – São Domingos do Prata.

Esta data há de ficar registrada como a de nossa verdadeira emancipação econômica....

Libertando-nos do velho carro de boi e das vagarosas caravanas de muares, o automóvel corre hoje triunfante em toda esta vasta e futura zona.....abrindo novos surtos na evolução social e econômica da terra pratiana.

.....A Construção dessa estrada, que os entendidos na matéria dizem ser uma das melhores..., e na qual o governo gastou não pequena soma, constituiu ainda um atestado insofismável do valor da atual administração política deste município perante o governo do Estado, que ciente do prestígio e da honradez de seus membros, não lhe tem regateado seu concurso, sempre que lhe é reclamado, mostrando mesmo evidente empenho em satisfazer os desejos de quem tão bem sabe dirigir um povo...”

CONSTRUÇÃO DA RODOVIA ENTRE SÃO DOMINGOS DO PRATA E SÃO JOSÉ DA LAGOA (ATUAL MUNICÍPIO DE NOVA ERA).

Esta estrada também foi vital para o desenvolvimento do município que, por longos anos, foi o principal do leste mineiro.

Em face do prestígio que o Dr. Edelberto possuía com os diversos governos que passaram pelo Palácio da Liberdade, fato reconhecido pelo próprio ministro Paulino Cícero no início deste, foi expedido o seguinte diploma legal:

“Decreto nº 9.507.

Concede à Câmara Municipal de São Domingos do Prata subvenção quilométrica para construção de uma estrada de automóveis ligando São Domingos do Prata a São José da Lagoa.

O Presidente do Estado de Minas Gerais, de acordo com o artigo 150 e seu parágrafo do regulamento que baixou com o decreto n. 6.446, de 2 de janeiro de 1924, resolve conceder à Câmara Municipal de São Domingos do Prata a subvenção a que se refere o artigo 141 do decreto aludido, para construção de uma ESTRADA DE RODAGEM LIGANDO SÃO DOMINGOS DO PRATA A SÃO JOSÉ DA LAGOA.

O Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria, Terras, Viação e Obras Públicas fica autorizado a celebrar o respectivo contrato, no qual serão observadas as disposições do regulamento n. 6.446, de 2 de janeiro de 1924.

Palácio da Presidência do Estado de Minas Gerais, em Belo Horizonte, aos 20 de março de 1930.

Antônio Carlos Ribeiro de Andrada.

Djalma Pinheiro Chagas.”

(Letra garrafal por minha conta).

NOTA: O Prefeito e Presidente da Câmara na época e responsável pela construção da estrada, era o Dr. Edelberto de Lellis Ferreira.

ESTRADA DE RODAGEM ENTRE SÃO DOMINGOS DO PRATA E BELO HORIZONTE.

Não se necessita de maiores explicações sobre a importância desta estrada, ligando o Prata à capital mineira, outra região de grande consumo para os produtos pratianos, bem como para locomoção dos cidadãos.

Um jornal da terra, em 1932, dava ênfase à seguinte notícia:

“O ilustre Prefeito de nosso município acaba de solucionar um dos problemas de maior alcance para o progresso de grandeza de nossa zona, com a construção de estrada de rodagem que nos vai ligar

diretamente com a Capital Mineira, passando pela Villa Rio Piracicaba (...).

Este importante melhoramento, aspiração antiga do povo pratiano, não vem trazer vantagens apenas aos dois municípios empenhados na sua realização, beneficiará toda esta zona, inclusive o vizinho município de Antônio Dias, que com a inauguração definitiva da estrada Antônio Dias ao Alfié, fica também, ligado diretamente a Capital do Estado, passando por esta cidade.

Sobre esta estrada o Dr. Edelberto em seu relatório relativo ao 1º e 2º semestres de 1932, datado de 15 de julho de 1933, dirigido ao Secretário do Estado do Interior, fez constar o seguinte, em ortografia atual:

“No empenho de estabelecer brevemente comunicação rápida entre esse município e a Capital e obedecendo a patriótica sugestão do Conselho Consultivo dessa Prefeitura, mandei orçar e pôr em hasta pública uma estrada de automóveis ligando essa cidade à linha divisória entre esse e o vizinho município do Rio Piracicaba, onde encontrará o trecho rodoviário em território daquele município.

Esta estrada que espero ver concluída em 60 dias, ligará essa cidade a Belo Horizonte em um percurso de 6 horas, com uma economia de cerca de 68 quilômetros, que é a diferença para menos entre a estrada em construção e a atual que passa por Itabira.

ESTRADA DE RODAGEM ATÉ ANTÔNIO DIAS PARA FAZER A LIGAÇÃO COM A FERROVIA VITÓRIA-MINAS E A LEOPOLDINA RAILWAY.

A imprensa pratiana publicou em 1930:

“Dentro de pouco tempo ficará concluída a estrada de automóvel que ligará o município do Prata à cidade de Antônio Dias, graças aos esforços de Dr. Edelberto de Lellis, nosso Presidente da Câmara e do Dr. Eduardo Euzébio de Britto, deputado estadual e filho do município vizinho, que concorrerá como fator primário para o progresso de toda essa zona.

A ligação, por estrada de automóvel, da Vitória-Minas com a Leopoldina, virá refletir grandemente nos centros econômicos e

produtivos desta terra, que será a maior beneficiada com a nova rodovia.”

ESTRADA DE RODAGEM PRATA A JOÃO MONLEVADÉ.

No início deste, fato que eu desconhecia, o ministro Paulino Cícero diz ter sido o Dr. Edelberto responsável pela construção da Estrada entre São Domingos do Prata e João Monlevade, mas completa dizendo ter sido ela remodelada pelas administrações seguintes.

Obviamente, estava referindo-se a antiga estrada que passava pelo Morro do Pião.

Em 04 de dezembro de 1941, o então Prefeito, Dr. José Mateus de Vasconcelos, já no final de seu mandato, assinou um contrato com a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira para construção de uma Estrada até João Monlevade.

Na realidade de então, seria um grande melhoramento para uma estrada, em condições inadequadas para as passagens dos caminhões que carregavam carvão, extraídos de terras pratianas, para a usina Siderúrgica de João Monlevade.

Por esse contrato, a Belgo Mineira se comprometia a construir a estrada de rodagem que passava pelo povoado do Barro Branco e Morro do Pião, tendo a Prefeitura que pagar determinada quantia após entrega da obra. O prazo de entrega definitiva da obra seria 30 de junho de 1942.

Em 31/12/1941, assumiu a prefeitura o Dr. Nelson Lellis Ferreira, tendo encerrado o seu mandato em 19/10/1943, daí se supor que a obra e o pagamento da parcela que coube à Prefeitura, tenha ocorrido em seu mandato e/ ou no do Prefeito seguinte.

OUTRAS REALIZAÇÕES, ALÉM DAS JÁ MENCIONADAS.

CRIAÇÃO EM 1932, DA GUARDA MUNICIPAL.

Em seu relatório, relativo a sua gestão no ano de 1932, Dr. Edelberto fez constar:

“Verificado o movimento reacionário de São Paulo, essa Prefeitura contratou por ato de 11 de julho de 1932 e por ordem telegráfica do Secretário do Interior, a GUARDA MUNICIPAL composta por seis cidadãos escolhidos pela sua exemplar conduta, os quais, durante o período revolucionário, prestaram relevantes serviços como mantenedores da ordem e tranquilidade pública.

São eles os cidadãos Braz Palmieri, José Ricardo de Miranda, José Cunha, João Henrique de Castro, Geraldo de Castro e Eliezer Alves de Castro.”

ESCOLAS MUNICIPAIS NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 1934.

No relatório já mencionado, assim pronunciou-se Dr. Edelberto:

“Durante o primeiro semestre do corrente ano funcionam regularmente 12 escolas municipais e de 10 de abril para cá passaram a ser custeadas diretamente pela Prefeitura as escolas rurais estaduais de Teixeira de Vargem Linda, S. Bartholomeu e Barro Preto, em virtude do Decreto Estadual nº 11.297, de 10 de abril findo.

Pelo Decreto Municipal nº 91, de 13 de abril, foi a escola municipal de Olaria, do distrito de Marliéria, transferida para o lugar denominado Bom Sucesso, no distrito dessa cidade, sendo nomeada por ato de 13 do mesmo mês, em comissão, para reger aquela escola, a D. Iracema Vieira Pimenta, que assumiu o exercício em 24 de abril desse ano.

Já no relatório de 14.02.1935, relativo ao segundo semestre de 1934, consta que “durante o 2º semestre funcionaram no município 15 escolas municipais com 894 alunos e mais oito escolas estaduais mantidas pela Prefeitura.”

ESCOLAS MUNICIPAIS NO ANO DE 1935.

Interessante levantamento fez o jornal “A Voz do Prata”, em sua edição de 27 de janeiro de 1935, sobre o tema acima.

“INSTRUÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL.

Antes da revolução de 30, a esforços do então Presidente da Câmara e atual Prefeito Municipal estava este município fartamente provido de escolas primárias entre as quais havia quase 40 escolas rurais.

Vencedora a Revolução, o Governo, a pretexto de economia, golpeou rudemente o nosso município, suprimindo nada menos de 33 escolas rurais, deixando apenas 3 e assim mesmo custeadas pela Prefeitura.

Concomitantemente, com as escolas foi para o abismo o Posto de Higiene aqui criado ainda por influência do Dr. Edelberto, atual Prefeito.

Para remediar as necessidades das populações rurais, teve a Prefeitura de criar 13 escolas municipais e a muito custo conseguiu restaurar mais 4 escolas rurais completando o número de 6 criadas pelo Estado e custeadas também pela Prefeitura, que, apesar da depressão de suas rendas, despende atualmente mais de 21:000\$000 com a instrução primária.

PARQUE FLORESTAL DO RIO DOCE – HOMENAGEM DO DR. EDELBERTO AO BISPO DOM HELVÉCIO DE OLIVEIRA, DANDO O SEU NOME À MAIOR LAGOA DO PARQUE FLORESTAL.

O bispo Dom Helvécio foi o principal responsável e incentivador para criação do Parque Florestal do Rio Doce, então pertencente ao território de São Domingos do Prata.

Em sua homenagem, o Dr. Edelberto expediu o Decreto municipal nº 117, de 18 de julho de 1935, dando o nome a então chamada “Lagoa Nova”, de Dom Helvécio de Oliveira.

A partir daí, até os dias de hoje, ela é popularmente conhecida como lagoa do Bispo.

Sobre ela, disse o jornal “A Voz do Prata”, em sua edição do dia 07 de julho de 1935:

“.....é de um encanto maravilhoso, às margens da Lagoa Nova que constitui um verdadeiro lago cercado poeticamente de frondosas florestas virgens, onde o espírito humano se extasia na contemplação mística das belezas naturais, diante do soberbo espetáculo que nos oferece a natureza em todo o seu esplendor tropical.”

Esta lagoa, com diversos quilômetros de extensão e imensa largura, fica cravada no coração de frondosas florestas virgens e é aberta à visitação pública, podendo o interessado, desde que acompanhado por um “barqueiro” em um barco a motor, atravessá-la em toda a sua extensão e beleza.

O Parque Florestal do Rio Doce foi oficialmente inaugurado em 14.07.1944, quando Prefeito Municipal o farmacêutico Manoel Martins Gomes Lima (Neneco). Quem assinou o decreto-lei nº 119, criando oficialmente o Parque, foi o Governador Benedito Valadares.

CHUVA QUE ARRASOU A CIDADE. PRONTA INTERVENÇÃO DO DR. EDELBERTO.

O jornal “A Voz do Prata” de dezembro de 1934, publicava:

“No dia 21 do mês de novembro p. findo, após um dia de sol radiante e de calor caustico, foi às 4 ½ horas da tarde, a população da sede deste município surpreendida por um fenômeno meteorológico de consequências quase gravíssimas.

É que, àquela hora do dia designado, foram, em substituição a beleza do céu e ao brilho do sol, aparecidas nuvens negras e ameaçadoras, que, inospitadamente, despejaram sobre esta cidade violenta chuva de granizo, única, talvez, de proporções tão assustadoras.

Basta dizermos que aqueles caíam em profusão, oscilando o seu peso entre 500 e mil gramas, não ficando em nosso perímetro urbano uma casa que fosse, sem ter o seu telhado completamente danificado.

Como era natural, ficou a população tomada de medo, pânico, resultando fossem imediatamente, em vista de seu desabrigo, solicitadas do governo municipal providências no sentido de ampará-la.

Este, dignamente representado pelo dr. Edelberto de Lellis Ferreira, cuidou imediatamente de amparar a população desabrigada, olhando de preferência a destituída de recursos, para o que tratou, incontinenti, de solicitar um auxílio do Governo Estadual, o qual, por sua vez, demonstrou ser digno da confiança que no mesmo deposita o povo mineiro, pois que, levando em consideração o pedido de um auxílio para combater a calamidade que nos feriu, enviou, em menos de 24 horas, o engenheiro técnico da Secretaria da Agricultura dr. Álvaro Mendonça, que, apreciando os estragos produzidos determinou para combate aos mesmos a verba necessária.

Não tivemos que lamentar nenhum desastre pessoal. Houve apenas, além de muitos estragos materiais representados por mercadorias inutilizadas, alguns animais mortos pela violência e peso das pedras que caíram.”

TEMPESTADE DE GRANIZO NAS PALAVRAS DO DR. EDELBERTO.

Ainda em seu Relatório relativo ao segundo semestre de 1934, o Dr. Edelberto inseriu, em ortografia de hoje:

“Em novembro do ano próximo findo desabou sobre essa cidade violenta tempestade acompanhada de granizos de dimensões e pesos nunca vistos, destruindo quase por completo todos os tetos, tanto dos edifícios públicos, como dos particulares.

Autorizado por telegrama do então Secretário do Interior, que aqui enviou imediatamente um engenheiro do Estado, providencieei sem demora sobre os socorros de que carecia a população flagelada, fazendo vir de fora pedreiros e os materiais necessários à reconstrução dos tetos destruídos.”

Em dois de junho de 1929, na cidade de São Domingos do Prata, às 13 horas, na casa da sociedade Anônima ‘Coelho Neto’ foi realizada uma reunião para a reorganização da sociedade esportiva “Prateano F.C.”, que a final, deliberou-se não tratar de reorganização, mas da fundação de novo clube com a denominação de “São Domingos do Prata F. Club.”

O médico, dr. Humberto Cabral foi eleito Presidente e dr. Edelberto um dos diretores de honra.

REGULAMENTANDO O TRÂNSITO DE VEÍCULOS.

O aumento do fluxo de veículos obrigou ao Dr. Edelberto Lellis Ferreira a expedir um Decreto regulamentando a sua utilização. Em suprema síntese o Decreto nº 178, dispõe:

- Que só podem transitar pelas ruas e praças da cidade, arraiais e em qualquer estrada municipal ou estadual, os automóveis e caminhões devidamente registrados e licenciados na secretaria do governo municipal.

Os referidos veículos só podem ser guiados por motoristas munidos de cadernetas, fornecidas pelas autoridades da Capital Federal, das Capitais dos Estados, dos municípios deste Estado e por essa municipalidade, sendo as cadernetas visadas pela delegacia de polícia local.

- Para obter a caderneta deve o motorista, entre outras exigências, provar saber ler e escrever. Ser maior de 18 anos. Atestado de bom procedimento fornecido pela delegacia de polícia. Atestado médico provando ter capacidade psíquica para a profissão, não sofrer moléstia contagiosa e ter perfeitos os órgãos auditivos e visuais.

- Nenhuma licença será concedida sem a vistoria do veículo mandada proceder pela administração municipal e a vistoria poderá ser feita, independente da vontade do interessado, sempre que a autoridade competente a julgar necessária.

- Nesta vistoria deve-se constatar tenha o veículo em perfeita condição o freio de pé e de mão, a buzina automática e de mão, as necessárias lanternas.

- Aos motoristas profissionais é obrigatório o uso de boné. As pessoas que dirigem carro de passageiro não podem fumar no carro em serviço.

- A velocidade máxima nas ruas centrais da cidade será de 15 quilômetros por hora. Fora do perímetro da cidade e nas estradas públicas será de 40 quilômetros por hora.

- Os faróis de forte intensidade não poderão ser usados nas ruas bem iluminadas.

- A aprendizagem só é permitida mediante licença da Administração municipal e sob a responsabilidade de um instrutor habilitado, fora do perímetro da cidade.

OBS.: Posteriormente, na edição de 10 de março de 1929, foi expedido outro Decreto, o de nº 190, em que a regulamentação foi bem mais detalhista e rigorosa, abrangendo não só os veículos automotores, mas também as bicicletas, motocicletas, ônibus, as carroças, os carretões, caminhões de tração animal, trânsito noturno, etc.

JARDINS EM 1923.

Já naquela época havia uma preocupação com os jardins do município, ao ponto do Chefe do Executivo Municipal, Dr. Edelberto Lellis Ferreira regulamentar a matéria, através do Decreto nº 42 que dispunha em síntese:

Art. 1º - Entende-se por jardim público qualquer lugar, cercado ou não, em que se cultivam árvores, arbustos e flores, etc., como ornamentação da cidade.

Art. 2º - É obrigação do jardineiro: a) Abrir e fechar os jardins nas horas designadas; b) cuidar do plantio, replantio e conservação das árvores e flores; c) – Regar todo o jardim no tempo seco; d) – Podar as árvores no tempo próprio, cuidar do gramado e trazer as áreas sempre limpas; e) – Advertir com urbanidade e polidez as pessoas que infringirem as disposições do art. 2º, deste regulamento, levando o fato ao conhecimento dos pais ou tutores, quando os infratores forem menores”.

“A Voz do Prata” de 05 de março de 1923, noticiava, em síntese:

A Câmara Municipal desta cidade interpretando o sentir da maioria dos seus munícipes, na sua primeira reunião deste ano, aprovou uma moção dirigida a conspícuo membro da Comissão Executiva do P.R.M., indicando-lhe o nome do Dr. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA para ocupar uma cadeira na Câmara de Deputados do Estado. (.....).

A modéstia do candidato, o seu invencível horror às posições de destaque, a sua contrariedade em ver publicadas as elevadas qualidades que o distinguem seriam indubitavelmente os únicos empecilhos com que contava a sua candidatura.

Mas, o Dr. Edelberto de Lellis Ferreira não se apresenta. Ele é apresentado, malgrado seu, por elementos de prestígio que não ouvem sua opinião, seguros como estão que a sua recusa seria imediata.

Mas é bem certo que o homem político não se pertence; aqueles que se agremiam ao seu redor dispõem do direito de exigir dele sacrifícios aos quais é obrigado a se submeter pelas injunções partidárias.

É este, bem caracterizado, o caso do candidato do P.R.M. de São Domingos do Prata.

A seleção das inteligências iniciadas com aplaudido resultado por Arthur Bernardes, seguida com maior entusiasmo pelo atual Chefe do Estado exige que as competências continuem na sua ascensão, ainda que sejam violentamente arrancadas nos mais recônditos refolhos de remansoso lar e daí erguidas até o ambiente em que devem pontificar para grandeza dos nossos destinos.

Pois esse regime de seleção não pode deixar de fora, na penumbra que tanto lhe apraz, o Dr. Edelberto de Lellis, cuja candidatura se impõe por si pelas excelsas qualidades do candidato sob qualquer prisma que se encare.

Ninguém melhor do que ele está na altura de desempenhar com proveitoso resultado o mandato, pelo seu caráter, pela sua cultura e por sua acuidade política.

(.....) a candidatura do Dr. Edelberto de Lellis se impõe por si é prova inefável o apoio que se lhe tem sido hipotecado espontaneamente por diversos municípios componentes deste distrito eleitoral.

E na mesma imprensa já repercutiu o desejo desses municípios porque temos lido em jornais diversos os aplausos à essa candidatura.

(.....) A entrada do Dr. Edelberto de Lellis para a Câmara Estadual não honra só a ele; honra a própria Câmara onde ocupará um dos locais destinados aos seus expoentes.

No regime democrático em que vivemos a vontade popular deve imperar com direitos irrevogáveis. Tendo a candidatura do Dr. Edelberto nascido da vontade popular, soberana do povo, não podemos esperar senão que a Comissão Executiva do P.R.M. sancione esse veredito dando mais uma vez a prova de que sabe respeitar a opinião pública. (.....)”.

NA ELEIÇÃO DE 1923, TAMBÉM PELO DISTRITO ELEITORAL, O DR. EDELBERTO FOI ELEITO DEPUTADO ESTADUAL.

JOSÉ RICARDO REBELO HORTA – OUTRO PRATIANO, TAMBÉM FOI ELEITO DEPUTADO, MAS POR OUTRO DISTRITO, ENQUANTO ENTRE 1916/1921, FOI O DR. GOMES LIMA QUEM FOI ELEITO DEPUTADO FEDERAL, EM DUAS LEGISLATURAS.

A eleição se realizou em 15 de abril de 1923, tendo o Dr. Edelberto de Lellis Ferreira sido eleito pela 2ª Circunscrição Eleitoral, composta pelos municípios abaixo:

Dr. Edelberto obteve 15.237 votos, assim distribuídos:

Ouro Preto	1.106.
Mariana	663.
Ponte Nova	1.536.

Rio Casca	800.
Abre Campo	826.
Caratinga	3.364.
Manhuaçu	1.292.
Rio São Pedro (atual município de Ipanema)	1.390.
Piranga	979.
Alvinópolis	516.
São Domingos do Prata	2.133.
Aimorés	253.
São Manoel do Mutum (atual Mutum)	379.

Nessa mesma eleição, foi eleito pela 3ª Circunscrição Eleitoral, que englobava os municípios (grafia original) de Leopoldina, Carangola, Viçosa, S. Manoel, Palma, São José d'Além Parahyba e São Paulo do Muriahé, o pratiano de nascença, Dr. JOSÉ RICARDO REBELLO HORTA.

É de se ressaltar ainda que na primeira metade do século XX, outro pratiano, ANTÔNIO GOMES LIMA, conhecido como Dr. Gomes Lima, foi, entre outras coisas, Senador Estadual e Deputado Federal por duas legislaturas.

RECORDANDO DE SUA INFÂNCIA E JUVENTUDE EM FERROS, SUA CIDADE NATAL SANT'ANNA DOS FERROS.

De um pronunciamento, como Deputado Estadual, que fez na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, em defesa do atual município de SANTANA DO PARAÍSO, extraio o seguinte trecho:

“... filho daquele município onde recebi, na minha juventude, as primeiras lições de civismo; onde aprendi, na infância, a amar os prados verdejantes e o céu azul do meu país, não posso deixar morrer dentro do peito esta grande mágoa de ver arrancar-se de novo o distrito de Sant'Anna do Paraíso que, agora, desperta do seu sonho multi-secular, vendo quebrar o silencio de suas florestas virgens o silvo da locomotiva...”

PRESIDENTE DE HONRA DO P.S.D. (PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA).

Em agosto de 1945, foi criado em São Domingos do Prata o P.S.D., partido que durante anos, até ser extinto em 1964, dominou, alternando de vez em quando o poder com a U.D.N, as eleições em todo o Brasil.

Quem o criou em São Domingos do Prata foi o então Prefeito Manoel Martins Gomes Lima, que se tornou o seu primeiro presidente. Porém o Partido, em homenagem ao velho líder político que se afastara, desde 1937, de qualquer cargo executivo e legislativo, mas mantendo a sua inegável liderança política, o nomeou como Presidente de honra.

TROCOU O NOME DO GRUPO ESCOLAR SÃO DOMINGOS DO PRATA PARA CÔNEGO JOÃO PIO.

O educandário foi criado, construído e inaugurado na gestão do Capitão Dico, com o nome de Grupo Escolar São Domingos do Prata, mas, em 1932, no governo do Dr. Edelberto, recebeu o nome de Grupo Escolar Cônego João Pio.

NOTA: Cônego João Pio de Souza Reis também é natural de Ferros, embora ainda criança tenha ido para São Domingos do Prata.

SEU ENCANTAMENTO COM AS FLORESTAS VIRGENS DO VALE DO RIO DOCE.

De um pronunciamento feito na Assembleia Legislativa, em 1925, extraio o seguinte trecho:

“...Mas deixemos de parte o vale do grande rio (referia-se ao Rio Doce), aliás, já cortado em grande extensão do seu percurso pela Estrada de Ferro Vitória a Minas, através de florestas colossais e mais frondosas, abundantes e exuberantes talvez, do que as clássicas florestas amazônicas tão decantadas pelos naturalistas e pelo nossos economistas, para só falar de um região fertilíssima, verdadeira terra de promessa...”

ABAIXO ASSINADO DO POVO PRATIANO.

Em 1905, dr. Edelberto recebeu uma proposta financeiramente irrecusável, para clinicar no município de Alvinópolis.

Ficando sabendo, o povo de São Domingos do Prata fez um abaixo assinado clamando pela sua permanência, do qual retiro este trecho:

“...Aos nobres e imperiosos impulsos de gratidão e da amizade, estes mais belos ornatos do coração humano, que em misteriosa simbiose alimentam a melancólica flor da saudade, vêm os signatários desta patente levar a vós os sentimentos que são da unanimidade da população desta cidade, que se transformaram em fundada esperança, chegando-se a (.....ilegível.....) amigos e admiradores vossos os meios de (...ilegível.....) vosso retorno ao seio da sociedade pratiana, manifestando-se todos em ternura da calorosa simpatia, que bem revelam o alto conceito a que fizestes jus, durante o curto quinquênio de vossa residência nesta cidade...”.

ESCOLA NO POVOADO DE TIMÓTEO, QUANDO O ATUAL MUNICÍPIO PERTENCIA A SÃO DOMINGOS DO PRATA.

“Em 1922, sendo instalado distrito de São José do Gama, do Município de São Domingos do Prata, uma das providências tomadas pelo agente executivo do município, Dr. Edelberto de Lelles Ferreira, foi a criação de uma escola primária municipal no povoado de Timóteo, sob a direção de D. Maria Quintão de Miranda, que exerceu o cargo por pouco tempo, sendo substituída por D. Maria Chaves que alfabetizou várias gerações de timotenses.

Em 1º de novembro de 1938, Timóteo desmembrou-se do município de São Domingos do Prata, anexando-se ao de Antônio Dias, já como distrito autônomo, cuja instalação realizou-se a 1º de janeiro de 1939...”

FELICITAÇÕES PELO ANIVERSÁRIO EM 05.02.1927, QUANDO COMPLETOU 59 ANOS.

A “Voz do Prata” de 13 de fevereiro de 1927 noticiava:

“A propósito de sua data natalícia, transcorrida em 5 do corrente, teve o nosso querido chefe, Deputado Edelberto de Lellis ensejo de receber as mais expressivas demonstrações de estima da parte de todos os seus amigos, traduzidas em inúmeras visitas pessoais, cartas, cartões e telegramas...”

Dentre outros, o referido jornal cita os nomes das seguintes pessoas que enviaram telegramas: Antonio Carlos Ribeiro de Andrade, Arthur Bernardes, Francisco Campos, Bias Fortes, Pinheiro Chagas e Cristiano Machado.

ALGUNS PRONUNCIAMENTOS DO DEPUTADO, DR. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA, FEITOS NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA.

SÃO SEBASTIÃO DO ALEGRE E TIMÓTEO, ENTÃO TERRITÓRIOS PRATIANOS.

“(.....) Defesa do Agente Executivo de São Domingos do Prata e também deputado Estadual, Dr. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA, fez perante a Assembléia Legislativa para que o distrito a ser criado fosse em SÃO SEBASTIÃO DO ALEGRE:

“Sr. Presidente, pedi a palavra para passar às mãos de V. Excia, uma representação de pessoas residentes na zona a que se dá o nome de TIMOTHEO, pertencente ao distrito de Dores da Babylonia, do município de São Domingos do Prata pedindo a elevação desse povoado à categoria de DISTRITO DE PAZ, com a denominação de SÃO SEBASTIÃO DO ALEGRE e sede no lugar do mesmo nome.

A representação em que os habitantes do distrito pedem a sua elevação à categoria de villa, vem instruída com diversos documentos, que bem demonstram a importância do lugar e eu, como conhecedor do mesmo, posso adiantar à Casa que ele dispõe, atualmente, de uma população superior à exigida por lei para a sua elevação a distrito, possui patrimônio civil, cemitério

completamente fechado e escola estadual funcionando em prédio próprio, com água potável e respectiva instalação sanitária.

Além disso, aquela região está situada em terreno de uma fertilidade espantosa, tanto assim que, datando apenas de 5 anos, tem progredido extraordinariamente.

Pelo lado de sua riqueza, o maior fator, entretanto, que vai concorrer poderosamente para o progresso econômico e rápido daquele lugarejo está no fato de ter a Estrada de Ferro Victoria a Minas levando até as proximidades daquele povoado às pontes dos seus trilhos, na estação Raul Soares, cuja inauguração, segundo consta, vai ser feita em 1º de agosto próximo. (O pronunciamento do Dr. Edelberto data de julho de 1923).

Há outra razão, Sr. Presidente, e de ordem moral, que levou os habitantes daquele lugarejo a pedirem a sua emancipação política e administrativa, é a de não se conformarem com o seu desmembramento do distrito de BABYLONIA para fazerem parte do distrito de SÃO JOSÉ DO GRAMMA, cuja criação se pede no projeto apresentado a esta Casa.

São estas, Sr. Presidente, as ligeiras considerações que tenho a fazer para justificar os desejos dos habitantes de TIMOTHEO, manifestadas na representação que passo às mãos de v. Excia. para que a mesma tenha o destino regimental.”

Portanto, além do pedido para se criar o distrito de SÃO SEBASTIÃO DO ALEGRE, o povo do povoado de TIMÓTEO não desejava que o mesmo fosse incorporado ao novo distrito de SÃO JOSÉ DO GRAMMA.

Contudo, a meu juízo, existe uma pequena contradição no pedido. Se criado fosse o distrito de SÃO SEBASTIÃO DO ALEGRE, automaticamente ele seria desmembrado do distrito de BABYLONIA, eis que esse era distrito de SÃO DOMINGOS DO PRATA. Assim, o novo distrito seria mais um dos distritos de São Domingos do Prata, como já relacionado acima...”

NOTA: O texto acima faz parte da História da criação do município de Timóteo, então pertencente ao território de São Domingos do Prata, cuja integra pode ser encontrada em meus livros “São Domingos do Prata: Fragmentos de sua história”, tanto na 1ª, quanto na 2ª edição, no “Coletânea de notícias sobre São Domingos do Prata Antigo, 2020, e também no livro “Homens e Aços Especiais no Desenvolvimento do Vale do Rio Doce”, pesquisa e organização de Fábio Americano e Roberto Manella, páginas 996/1001.

REPRESENTAÇÕES DO DEPUTADO DR. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA EM BENEFÍCIO DE ALVINÓPOLIS, ‘ALTO SEM PEIXE’ E ITABIRA DO MATTO DENTRO, apresentadas na Sessão de 9 de setembro de 1924.

“O Sr. Edelberto Lellis lê e manda à Mesa duas representações: Uma do povo do município de Alvinópolis solicitando a restauração da comarca do mesmo nome, e outra dos habitantes do ‘Alto Sem Peixe’ pedindo, igualmente, a elevação daquele povoado à categoria de distrito judiciário, bem como um requerimento do sr. Diretor do grupo escolar ‘Desembargador Drummond’, de Itabira de Matto Dentro, pedindo equiparação dos vencimentos dos diretores de grupos e professores de cidades e vilas.”

PLEITO DO DR. EDELBERTO LELLIS FERREIRA NA SESSÃO DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS, DE 06/08/1923, EM DEFESA DO MUNICÍPIO DE FERROS E DO ENTÃO DISTRITO DE SANT’ANNA DO PARAÍSO.

“Sr. Presidente, por ocasião da 2ª discussão do projeto n. 119, de 1922, quis fazer uma declaração de voto. Resolvi, entretanto, deixá-la para a presente ocasião. Venho, pois, cumprir esse dever de consciência declarando à Câmara dos senhores Deputados que voto hoje, como votei ontem, pelo projeto, mas com restrição

relativamente ao artigo 5º, da seção segunda, na parte em que transfere o distrito de S. ANNA DO PARAISO, do município de Ferros para o de Antônio Dias.

Quando, pela primeira vez, Sr. Presidente, se fez a reforma administrativa do Estado, o distrito de TAQUARASSU foi desmembrado do município de SANT'ANNA DOS FERROS e incorporado ao de ITABIRA DO MATTO DENTRO, apesar das justas reclamações e veementes protestos dos habitantes de Ferros, reclamações e protestos, sr. Presidente, que nesta e na outra casa do Parlamento Mineiro morreram asfixiados nas pastas das respectivas comissões.

Mais tarde, quando da última reforma administrativa, há 11 anos, o distrito de TAQUARASSU regressou ao seio de seu município de origem e dessa vez crismado com o nome sugestivo de SANT'ANNA DO PARAISO, reparando-se assim a grande injustiça que se praticara antes.

Agora, sr. Presidente, que se vai repetir essa injustiça, filho daquele município onde recebi, na minha juventude, as primeiras lições de civismo; onde aprendi, na infância, a amar os prados verdejantes e o céu azul do meu país, não posso deixar morrer dentro do peito esta grande mágoa de ver arrancar-se de novo o distrito de SANT'ANNA DO PARAISO que, agora, desperta do seu sonho multi-secular, vendo quebrar o silêncio de suas florestas virgens o silvo da locomotiva.

E esta minha mágoa é tanto maior quanto sei que os habitantes daquele distrito, que ali nasceram e que ali morreram no labor quotidiano e honesto da lavoura e do comércio, para aqui mandaram uma reclamação justa, traduzida em um protesto respeitoso, mas veemente, contra a injustiça que os ameaça.

Muito de propósito, sr. Presidente, sublinho a expressão dos que ali nasceram, porque sei que para se pleitear a transferência daquele distrito para aqui, mandaram um abaixo-assinado ou coisa que melhor nome tenha, em que figuram pessoas que constituem atualmente a população forasteira (adventícia) daquele lugar, trabalhadores na construção da Vitória a Minas e que amanhã, acabados aqueles serviços, regressarão a seus lares, não mais se

interessando pelo seu futuro, pelo seu progresso e pela sua grandeza.

É, pois, em desafogo de minha consciência, de filho do município lesado, que venho declarar à Câmara dos Srs. Deputados que, votando pelo projeto em questão, o faço, entretanto, com a restrição à parte em que transfere SANT'ANNA DO PARAISO para ANTÔNIO DIAS, pedindo a V. Excia. Sr. Presidente, que faça consignar na ata dos nossos trabalhos de hoje esta minha declaração de voto.”

(Letras garrafais por minha conta).

“O SR. PREDIDENTE declara que será atendido o pedido do nobre deputado.”

PLEITO DO DR. EDELBERTO LELLIS FERREIRA PARA O ORFANATO NOSSA SENHORA DAS DORES DE SÃO DOMINGOS DO PRATA.

IRMÃS DE CARIDADE FRANCESAS EMIGRANDO PARA O PRATA.

Na Sessão da Assembleia Legislativa de Minas Gerais realizada em 26 de agosto de 1924, o Deputado Estadual Dr. Edelberto de Lellis Ferreira apresentou esse interessante pleito, em ortografia atual:

“Sr. Presidente, pedi a palavra para passar às mãos de V. Excia. três emendas ao projeto em debate.

A primeira é relativa ao Orfanato das Irmãs de Nossa Senhora das Dores, da cidade em que resido, dirigido por irmãs francesas que há alguns anos se viram na dura contingência de expatriar, acossadas pela lei francesa, lei Clemenceau, se a memória não me falha, que aboliu as sociedades religiosas, sequestrando todos os seus bens.

Não preciso encarecer os grandes benefícios que esses orfanatos trazem às nossas patricias, desamparadas do carinho

paterno, sujeitas à perdição, à vadiagem e ao meretrício, em uma quadra de vida em que tudo é encanto para as nossas filhas.

O meu objetivo é apenas para frisar a grande necessidade, a justiça mesmo, desse pequeno óbolo que peço para o orfanato que, sob a competente direção da velha irmã de caridade que, em França, foi diretora dos maiores estabelecimentos de ensino e hospitalares em Lyão de França (deve ser Lyon na França), vem atravessando esta tremenda crise, enfrentando vida quase milagrosamente, não tendo outra fonte de receita a não ser o amparo das almas generosas e o auxílio quase ridículo de 500\$000 votados pela Câmara Municipal.

As outras emendas se referem ao Hospital Nossa Senhora da Saúde, com sede no distrito do mesmo nome, no município de Alvinópolis e ao Asilo dos pobres de Santo Antônio do Gramma, município de Rio Casca.

São dois estabelecimentos de caridade para os quais na sessão passada, tive ocasião de solicitar pequeno auxílio que, a contra gosto meu, não foi aceito pela comissão de Orçamento.

Sou dos que pensam que a assistência aos órfãos e desamparados é função exclusiva do Estado, do mesmo modo que a repressão à vadiagem.

Se o Estado tem o dever de acolher em estabelecimentos apropriados, o órfão, mesmo em benefício da tranquilidade pública, em favor do nosso bom nome, com maiores razões deve vir ao encontro de iniciativas particulares, como as que me refiro.

Com essas ligeiras considerações, submeto à apreciação da Casa as minhas emendas que, espero, com todo carinho e consideração, serão recebidas pelos meus ilustres colegas."

(FONTE: Anais da Assembleia Legislativa).

MALÁRIA E HOSPITAL REGIONAL EM SÃO DOMINGOS DO PRATA - 1925 –

A seguir vou publicar trechos do pronunciamento feito pelo médico e Deputado Estadual Dr. Edelberto Lellis Ferreira, sobre o tema em epígrafe, feito na Sessão da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, realizada no dia 07 de agosto de 1925.

“.....V. Excia. sabe perfeitamente bem, sr. Presidente, como o sabe toda a Casa, que as regiões mais flageladas pelo paludismo (malária) são justamente aquelas em que o solo é mais rico em matéria orgânica, mais abundante nesse húmus fertilizante que a geologia denomina terreno vegetal, terreno de aluvião.

É nas margens dos grandes rios que esses terrenos de aluvião gozam de inesgotável capacidade de produção.

Em relação a essas grandes reservas de terras férteis, sr. Presidente, todos nós estamos cansados de ler e ouvir referências ao vale do rio Doce, com seus grandes afluentes, os rios José Pedro, Suassuhy, Santo Antônio, Matipó, Piracicaba e outros.

Entretanto, sr. Presidente, essas riquezas colossais que ali dormem há milênios seduzindo a ambição dos homens, contrastam-se com a proverbial inospitalidade daquela região e com a morte que sacrifica anualmente dezenas de vidas de nossos patrícios, que ali vão exercer a sua capacidade de trabalho.

Mas deixemos de parte o vale do grande rio, aliás, já cortado em grande extensão do seu percurso pela Estrada de Ferro Vitória a Minas, através de florestas colossais e mais frondosas, abundantes e exuberantes talvez, do que as clássicas florestas amazônicas tão decantadas pelos naturalistas e pelos nossos economistas, para só falar de uma região fertilíssima, verdadeira terra de promessa (futuro), mas que o paludismo (malária) flagela.....

...Essa região riquíssima, a que me refiro, é constituída pelo vasto triângulo compreendido entre as margens dos rios Doce e Piracicaba, cada qual mais célebre pela insalubridade de suas pragas.

Entretanto, essa mesma região, habitada hoje por uma população laboriosa, com grandes estabelecimentos agrícolas, com uma produção crescente de café, cana e cereais, vê seu progresso entravado pela malária que ali ceifa, anualmente, dezenas de vidas,

de vidas tanto mais preciosas quanto são vidas de brasileiros que trabalham, de brasileiros que produzem, de brasileiros que se imolam em holocausto para aumentar a riqueza pública, concorrendo, assim, indiretamente, para a grandeza futura de seu país.

.....Sr. Presidente, há 23 anos, em 1902, ali grassou uma intensíssima epidemia de febres palustres, especialmente nos Distritos de Dionísio e Santa Isabel do Prata.

Comissionado então, pelo agente executivo municipal (*), ali, com a alma retemperada pelo espírito moço da profissão, fui àquelas paragens inóspitas levar socorro médicos e terapêuticos aos nossos infelizes patrícios que ali se debatiam entre as garras da morte e da miséria, sem o menor conforto, sem a menor assistência.....

.....Pelo que me relatam das epidemias anteriores tenho concluído que a recrudescência das febres palustres naquela região, dá-se cronologicamente, periodicamente, quase sempre de 6 em 6 ou 7 em 7 anos, havendo anualmente surtos menos intensos.

.....penso que a medida a aconselhar seria a fundação de um hospital regional que, ao menos por economia, funcionasse nas épocas das grandes epidemias.

Assim salvar-se-iam os doentes, seriam circunscritos os focos de infecção e as epidemias extirpadas com relativa facilidade, livrando-se os doentes pelo isolamento das picadas infectantes dos mosquitos.

Mas a construção e custeio de um hospital nestas condições está claro, não ficam ao alcance dos poucos recursos de uma municipalidade. Deve ser solicitada ao governo do Estado essa medida salvadora e de grande alcance econômico.....”

Encaminhamento feito pelo Presidente da Sessão:

“Indicamos que, por intermédio da Mesa, a Câmara dos srs. Deputados mineiros represente ao governo federal a necessidade imperiosa de se fundar um posto de profilaxia rural com um hospital regional na zona compreendida entre os grandes rios Doce e Piracicaba, no município de São Domingos do Prata”.

(*) – O agente executivo em São Domingos do Prata em 1902, era o padre Pedro Domingues Gomes.

NOTA: Ao depender de verba federal esse hospital regional a ser instalado em São Domingos do Prata, nunca tornou-se uma realidade.

Três anos após, mais precisamente no dia 07 de outubro de 1928, Dr. Edelberto e outros abnegados pratianos fundaram o Hospital Nossa Senhora das Dores, como fartamente noticiado em meus livros anteriores, principalmente no “São Domingos do Prata: Berço e Origem”, nas páginas 242 a 246.

Esse hospital passou a servir a toda a região e atender todo tipo de necessidade médica acessível à época, inclusive aos portadores de malária.

ATIVIDADES OUTRAS DO DR. EDELBERTO.

SOCIEDADE MÚTUA DE PECÚLIO.

Em 1914, havia em São Domingos do Prata uma sociedade mútua de pecúlios, sob a denominação de União Prateana, tendo como diretores: Dr. Edelberto de Lellis Ferreira, Capitão Egídio Lima, Farmacêutico Joaquim Augusto Gomes Lima, Francisco Chagas, Etelvino Lima e Joaquim Martins Quintão.

SOCIEDADE DE TIRO.

No final do ano de 1917, foi fundada em São Domingos do Prata uma sociedade de tiro, cuja diretoria ficou assim constituída:

Presidente, coronel Virgílio Lima, vice-presidente, dr. Edelberto de Lellis Ferreira, secretário, tenente Manoel Nepomuceno, diretor do tiro, capitão Egídio Lima, tesoureiro,

farmacêutico João de Vasconcellos, vogais, capitão Francisco de Paula Carneiro, dr. Alonso Starling, dr. Antônio Fernandes Pinto Coelho, José João Damasceno e major Raymundo Coura, presidente honorário, tenente-coronel Manoel Coelho de Lima.

OUTRAS PALAVRAS EM HOMENAGEM AO DR. EDELBERTO.

Por volta de 1960, ao homenageá-lo como um dos três principais fundadores do Hospital Nossa Senhora das Dores, disse o Dr. José Mateus de Vasconcelos:

“...este grande médico, decano talvez, hoje, da sua classe em toda a Minas Gerais, que deu de sua bem longa existência, sessenta anos de atividade clínica a São Domingos do Prata, cujo nome pronuncio com o respeito de um colega e aluno, que lhe bebeu ensinamentos nos verdes anos de sua mocidade, o Dr. Edelberto de Lellis Ferreira que temos a ventura de homenagear hoje, já que está unido ao povo pratiano, com a sua venerável presença...”

HOSPITAL NOSSA SENHORA DAS DORES.

Embora esteja mais vinculado às suas atividades como médico do que como Prefeito e Presidente da Câmara, não se pode esquecer que ele foi um dos fundadores e principal articulador da construção do referido hospital, que tanto benefícios trouxe para a população da região, principalmente a mais pobre.

Também em 1944, quando foi dado o seu nome à Sala de Cirurgia do Hospital Nossa Senhora das Dores, se extrai as seguintes palavras pronunciadas pelo então Prefeito, Manoel Martins Gomes Lima:

“...dando à sala de cirurgia o nome do Dr. Edelberto de Lellis Ferreira como coroação às obras, uma justa homenagem ao grande médico e operador que, há mais de 40 anos vem dando tudo que tem

ao nosso município e que desde o primeiro dia do Hospital, até hoje, vem nele atuando, enchendo sua vida de páginas e mais páginas no livro de favor do nosso bom nome...”

PLACA NO HOSPITAL NOSSA SENHORA DAS DORES.

Há, até os dias de hoje, uma placa no hospital, contendo os seguintes dizeres:

“Dr. Edelberto Lellis Ferreira, sua medicina sacerdócio marcou o coração do povo pratiano que, dócil e amoroso estará reverenciando-o pelo resto da vida.” (No original, os dizeres estão transcritos em letras garrafais).

PALAVRAS DO MINISTRO PAULINO CÍCERO SOBRE ELE.

Já idoso e alquebrado pelos anos de lutas e sacrifícios, sobre ele disse o ministro Paulino Cícero de Vasconcelos:

Dizem que o “poder” desgasta a imagem da pessoa, mas no caso dele o exercício da liderança política por tantos anos, de forma tão altruísta e imparcial, apenas a revigorou perante seus descendentes e liderados.”

EXEMPLO PARA SEUS DESCENDENTES E GERAÇÕES FUTURAS.

Diálogo travado entre o pratiano e ministro Paulino Cícero de Vasconcelos com o Dr. Edelberto, nas palavras de Paulino:

“O Dr. Albeny avisou-me que o Dr. Edelberto de Lellis Ferreira, veterano Agente Executivo do Prata, na glória de seus 98 anos de idade (era o ano de 1966), queria seguir viagem até nossa terra. Fui buscá-lo na fazenda da filha Neném que se localizava do outro lado do Rio Piracicaba.

Depois de um almoço saboroso, bem mineiro, uma nova surpresa. Na mesa a tigela de leite quente, pelando, e as várias

vasilhas de biscoito, rosquinha e outras queijadas, de que o veterano médico fazia um gostoso mexido, que ia com a colher comendo devagar e saborosamente.

Fizemos o caminho da antiga MG-4, hoje BR-381. Viajei devagar. A estrada, ainda em obras, exigia e meu passageiro cobrava cuidados especiais.

Perguntei-lhe em certa altura como fora o viajar em seus tempos de universitário. (...) - (a parte em que relata fazer o percurso a cavalo está transcrita na em que falo do médico).

Narrou-me o Dr. Edelberto que, em sua última viagem à Bahia, pernoitou, como de costume, pela Pela-Macaco e, enquanto jantava o dono da pensão que a ele se afeiçoara pediu-lhe um obséquio

É que dias antes teve pouso em sua pensão um velho e conhecido cometa, que se banhou, jantou, dormiu e no ajuste de contas na manhã seguinte confessou a seu anfitrião, que, infelizmente, havia ficado desprevenido, sem dinheiro, não tendo como saldar a conta.

Eles já se conheciam há tempos e foi, por isso, com naturalidade que o hoteleiro aceitou do viajante uma forma de abater a conta, valendo o débito.

“Edelberto” - disse – “recebi este bilhete como pagamento de uma conta de pensão e não tenho por aqui como conferi-lo. Será que você me faria o favor de conferi-lo, quando chegar à Bahia?

Tudo conversado, lá vai nosso universitário ferrense a cavalo, de trem e de vapor até a velha Salvador. E tem uma surpresa enorme. Quando faz a conferência do bilhete constata, simplesmente, que ele fora contemplado com o primeiro prêmio do sorteio.

Como se comunicar com o dono do bilhete? Correio ainda era em Pela-Macaco um sonho distante e inatingível. Não havia também como utilizar a boa vontade dos tropeiros. Eram inatingíveis.

Toma, assim, a iniciativa de receber o bilhete, depositando o valor na Caixa Econômica, com rendimento em juros, esperando levar a pecúnia a seu legítimo destinatário na época adequada.

Dez meses mais tarde, jantando em Pela-Macaco, Edelberto indaga do seu hospedeiro se lhe ocorria ter-lhe confiado certa tarefa em Salvador.

- “Não estou me lembrando. Que será que eu lhe pedi? Também é tanta gente que passa por aqui...vão a Salvador, uns voltam, outros não. Não consigo me lembrar, dizia o seu hospedeiro passando às mãos na cabeleira basta e grisalha.

Disse-me o Dr. Edelberto, lá na inconclusa MG-4 cheia de buracos, que iniciou lentamente um processo de anamnese, citando o velho cometa sem dinheiro, passando pelo bilhete de loteria.

Quando o Dr. Edelberto lhe passou às mãos o pacote de notas bem embrulhadinhas, inclusive com a discriminação dos juros apurados no período, recebeu do felizardo um abraço, que no seu dizer valeu todas as recompensas do mundo.

Foi a última vez que o jovem Edelberto pernoitou na pensão de Pela-Macaco. Nunca mais passou por lá, nem antes nem depois de sua graduação.

Desta forma, numa curta viagem (..), aprendi (...) a lição do superior comportamento ditado pelo senso da dignidade.

“Quantos políticos podem, após tantos anos conduzindo os destinos de um município, chegar ao fim da vida cercado de tanto carinho e tornar-se exemplo para as gerações futuras de esforço, dedicação, humildade, generosidade, altruísmo e honestidade, entre outras virtudes?

DEPOIMENTO DE ANTÔNIO CARLOS VASCONCELOS SOBRE DR. EDELBERTO.

Finalmente, transcrevo o que escreveu sobre Dr. Edelberto Antônio C. D. Vasconcelos, em seu livro, editado em 2011, intitulado “Olha...uma Esperança!”, à pag.106:

“Simplesmente o médico Dr. Edelberto, no linguajar simples do povo, a quem dispensou a caridade de sua inesgotável assistência. Nascido na cidade de Ferros elegeu SDP como sua terra natal, onde criou, com dona Mariquinha (Maria Leocádia), seus filhos: Camilo, Pedro, Maria Nazareth, Joana Coeli, Meyre, Edelberto, Nelson, Delphina e Ludgarda (Gadilha).

A nobreza de seu caráter e os princípios da honestidade pautavam-lhe a vida, despojada de interesse pelo vil metal, levando uma vida simples.

Alcançou os 101 anos de idade e podemos dizer que ele viveu pobre e morreu pobre. Literato, escritor e latinista, em um de

seus versos ele finaliza: “...os padres inventaram este tal de inferno; inferno sim, é não poder te amar!”

O POETA.

O seu irmão Carlindo Lellis foi um dos maiores poetas que Minas Gerais já possuiu. Embora Dr. Edelberto tenha seguido outros rumos, a poesia também pulsava em suas veias.

Poema que escreveu em uma noite solitária em Ouro Preto, quando ali estudava:

INFERNO E CÉU.

“Os padres inventaram um tal inferno

Onde há dores e ranger dos dentes

Onde os maus, os inúteis, os delinquentes

Terão como castigo o fogo eterno.

Criaram o Céu, uma mansão de luz,

Para os bons e para as almas puras

Que nesta vida só tiveram agruras

Sofrendo as agonias de Jesus.

O Céu é o teu olhar aveludado,

O teu seio, o teu lábio nacarado,

Um sorriso, leitora, como o teu.

Conjunto sedutor que nos encanta,

Fazendo-lhe angelical e santa,

Inferno...é não poder subir ao céu.”

PAIS DO DR. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA.

MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA E DELPHINA SOARES FERREIRA COELHO e/ou Delphina Maria Ferreira Coelho (Nascidos em Ferros, ex- Sant'Anna dos Ferros).

CARLINDO LELLIS FERREIRA.

**FRAGMENTOS DA VIDA DE CARLINDO LELLIS FERREIRA –
CARLINDO LELLIS COMO FICOU CONHECIDO NACIONALMENTE.**

Nasceu a 20 de novembro de 1879, na fazenda de Água Limpa, distrito da cidade de Sant'Anna de Ferros, naquele tempo fazendo parte do município de Itabira do Matto Dentro, sendo seu pai o major da guarda nacional Camillo de Lelles Ferreira.

Fruto de dois casamentos, o pai de Carlindo Lellis teve 25 filhos.

Todos são naturais de Sant'Anna dos Ferros, hoje município de Ferros. Nos fragmentos da vida de Major Camillo de Lelles Ferreira, (transcrito no início deste), considerado um dos fundadores do município de Ferros, relaciono os nomes deles.

CHEGADA DE CARLINDO LELLIS A OURO PRETO.

Ainda jovem foi estudar em Ouro Preto, então capital de Minas Gerais. Supõe-se que tenha seguido os passos do irmão onze anos mais velho, Edelberto Lellis Ferreira que também para lá se dirigiu para fazer o curso de Humanidades.

Alguns anos após teve a oportunidade de escrever sobre a emoção de sua chegada à Ouro Preto, que reproduzo de forma sintetizada a seguir:

“(...) Dessa cidade nunca me aproximei sem a mais funda emoção. A fama de sua grandeza, suas tradições, sua história, seu prestígio literário engrandeceram-na desde cedo na minha imaginação.

Ao avistá-la, do alto das serranias, outrora, nos meus primeiros anos, nela entrando pelas montanhas do norte, depois de jornadas léguas sem conta pelos chapadões sonoros, (.....) em que tudo fala ao espírito e encanta a vista, a cidade surgia de súbito, quase a meus pés, como a surpresa de um cenografia risonha em que, pelos pendores dos montes, de encostas em campos pardacentos e mosquiados, casas brancas pintalgam a paisagem, velhos monumentos lembram barbacans, ameias e adarvas de castelos mortos (.....)”.

Em Ouro Preto foi funcionário público, jornalista, professor do curso de Humanidades, poliglota e poeta.

QUANDO CONHECEU AUGUSTO DE LIMA, ENTÃO JUIZ DE DIREITO EM OURO PRETO, FUTURO PRESIDENTE DO ESTADO, DEPUTADO ESTADUAL E MEMBRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.

Ainda jovem em Ouro Preto travou conhecimento com o juiz da Comarca, Augusto de Lima quando dele necessitou para assinar um requerimento para extração de folha corrida imprescindível para iniciar a sua vida pública em uma secretaria do governo de Minas.

É o próprio Carlindo Lellis que assim descreve o encontro:

“(....) Eu era quase um menino, pobre, desprotegido, desconhecido. Além disto, vindo de minha aldeia ignorada, trazia comigo uma timidez que eu procurava vencer e era o meu maior entrave.

Com o meu requerimento enrolado em canudo dirigia-me à casa do juiz, quando com ele defrontei em caminho, ao fim de uma ladeira, quase à esquina do largo do Rosário.

Na minha surpresa, na surpresa do encontro, ficou-me na retina uma imagem visual que jamais esqueci: um fraque preto, um cavanhaque e duas lunetas luzindo e faiscando.

Entreguei-lhe o papel. Caminhando juntos, e perto, entrando em uma casa comercial, pediu uma pena e, ali mesmo, sobre o balcão, escreveu o seu despacho e me restituiu o requerimento, mandando-me aos cartórios. Sabedor do fim para que eu solicitava a minha folha corrida, abraçou-me, animando-me: -- Seja feliz!

Foi esta frase talvez o elo de ouro da cadeia de simpatia que me havia de prender àquela admirável figura que, entretanto, eu já naquele tempo admirava e estimava. (...)”.

CARLINDO LELLIS FOI PROPRIETÁRIO EM OURO PRETO DA CASA EM QUE MOROU MARÍLIA DE DIRCEU E TOMAZ ANTÔNIO GONZAGA.

Dispôs “O Jornal”, em sua edição de sábado, de 03 de setembro de 1927, ao narrar um expediente na Academia Mineira de Letras:

“...No expediente leu o sr. Augusto de Lima uma carta do sr. Carlindo Lellis, na qual o signatário, depois de se referir aos discursos do sr. Augusto de Lima e Gustavo Barroso, relativas à casa de Marília, termina oferecendo à Academia a chave daquele prédio, ora em ruínas.

O sr. Carlindo Lellis foi um dos últimos proprietários desse imóvel, a cuja história estão ligados os nomes de Marília e Thomaz Antônio Gonzaga.

O sr. Affonso Celso requereu fosse a carta do sr. Carlindo Lellis publicada na Revista da Academia, da qual é um dos patronos o lírico Dirceu.

Carlindo Lellis trabalhou diversos anos na casa em que morou Marília (a musa de Tomaz Antônio Gonzaga) em Ouro Preto.

Ao narrar esta passagem de sua vida ele reafirma o fato histórico, qual seja a entrega, pelas mãos de Augusto de Lima, à Academia Brasileira de Letras, das chaves da casa de Marília.

Literalmente foram essas as suas palavras: “Eu já contei, certa vez, como conheci Augusto de Lima, quando por mão do autor das “Contemporâneas”, fiz entrega à Academia Brasileira de Letras da chave autêntica da casa de Marília, imensa chave de ferro forjado, grossa e pesada, da velha mansão senhorial em que habitara e fechara para sempre os olhos a musa de Tomaz A. Gonzaga, e, onde, por tantos anos da minha vida, trabalhei e construí, dentro de um cenário tranquilo e sugestivo, (...)”.

Será que esta chave ainda se encontra na Academia?

Segundo Carlindo Lellis “Nunca foi tão intensa a vida intelectual, naquela velha capital de Minas, como naqueles anos de 90 a 97”. (1890 a 1897).

José Luiz Foreaux de Souza Junior no artigo intitulado “Relendo Minas Gerais (finissecular)” cita a seguinte passagem:

“Na última década do século passado a “Imperial Cidade” da província de Minas tornou-se o centro de grande ebulição intelectual. Carlindo de Lellis situa essa “idade de ouro” entre 1890 e 1897.

Fora, por assim dizer, o canto de cisne da antiga Vila Rica que já nos fins do século XVIII vivera outra época literária famosa a dos poetas inconfidentes”.

Além de Augusto de Lima, Carlindo Lellis citava, juntamente com as obras de cada um, os nomes de diversos intelectuais, escritores e artistas dessa época de ouro, tais como:

Raimundo Corrêa, Olavo Bilac (segundo ele “foragido das unhas de Floriano Peixoto que o cobiçava para meter numa fortaleza”), Afonso Arinos, Rodrigo de Andrade, Josaphat Bello, Álvares de Azevedo Sobrinho, José Braga, Nelson de Senna, Amédée Peret, Aurélio Pires, Afonso de Guimarães, Alphonsus de Vimaraens, José Severiano de Rezende, Diogo de Vasconcelos, Xavier da Veiga, Emílio Rouéde, Antônio Parreiras, Aurélio de Figueiredo, Honório Esteves e Virgílio Cestari.

Segundo Carlindo Lellis, a imprensa tinha por esse tempo seu esplendor, na velha capital de Minas.

Cita o “Liberal Mineiro”, de Bernardo Monteiro, o “Jornal de Minas” de Diogo de Vasconcelos, a “Província de Minas”, o “Minas Gerais” órgão dos poderes do Estado, dirigido por Jorge Pinto. O “Estado de Minas” publicado por Antônio Olinto, Francisco Sá e Aurélio Pires.

Segundo ele, nessa época João Pinheiro suspendera a publicação do “Movimento”, órgão de propaganda republicana e se retirara para Caeté, para ser oleiro.

MUDANÇA DA CAPITAL DE MINAS DE OURO PRETO PARA SABARÁ, NAS PALAVRAS DE CARLINDO LELLIS - 1889 -

Proclamada a República em 1889, em 1891, o Barão de Lucena, ministro da Justiça do Governo do Marechal Deodoro da Fonseca, indicou Augusto de Lima para governar Minas, mas dele solicitava que fizesse a transferência da capital. O Barão aconselhava a mudança imediata da capital para Sabará, próximo de Curral Del Rei.

Os republicanos instalados no Governo Federal desejavam a mudança da capital para o centro geográfico do Estado, não somente para desenvolver Minas política e economicamente, mas também porque Ouro Preto, além de não oferecer condições adequadas face o seu relevo acidentado, guardava em sua história e arquitetura as marcas de um passado de dominação portuguesa, do qual se desejava distanciar.

Por se tratar de uma passagem histórica, reproduzo a seguir trechos do relato de Carlindo Lellis sobre a mudança da capital:

“Tem a Exma. Viúva de Augusto de Lima, carta autógrafa do Barão de Lucena ao jovem governador, na qual se lê este trecho:

“As grandes medidas, para serem profícuas devem ser rápidas, instantâneas”, e aconselhava a mudança imediata da Capital de Minas para Sabará, próxima de Curral Del Rei, onde se construiria a nova sede do governo”.

Segundo Carlindo Lellis, Augusto de Lima, então com 32 anos (nasceu em 05/04/1859), deu lição de calma e reflexão ao decidir que a mudança teria que se fazer, mas não com precipitação.

Em que pese as reações havidas, a transferência ocorreu só que para Curral Del Rei e não para Sabará, como desejava o Barão de Lucena.

NOTA: Sobre a mudança da capital de Ouro Preto para o distrito de Sabará que, já não mais se chamava Curral Del Rei e sim Belo Horizonte, vejam o meu livro “Curral Del Rei (Sabará) – Sua origem até se transformar na nova capital de Minas Gerais”.

INSTALAÇÃO DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS EM JUIZ DE FORA. 1910 -

Em 13 de maio de 1910, em sessão realizada na Câmara Municipal de Juiz de Fora, então conhecida como Manchester Mineira, foi instalada a Academia Mineira de Letras, criada inicialmente por doze intelectuais da região.

Algum tempo após para seguir o exemplo da Academia Francesa e Brasileira foi aumentado o número de cadeiras para 40 e para preenchê-las foram admitidos outros renomados escritores e poetas da região e de Belo Horizonte, entre eles Carlindo Lellis.

O jornal “O Pharol” de Juiz de Fora noticiou esse momento histórico.

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS – INSTALAÇÃO EM JUIZ DE FORA.

O jornal “O Pharol”, de sábado, do dia 14 de maio de 2010, em suprema síntese, anunciava:

“Pertence ao Diário de Minas de Belo Horizonte, o seguinte editorial:

‘Instala-se amanhã em Juiz de Fora a Academia Mineira de Letras.’

.....Pelo noturno de ontem chegaram à cidade os acadêmicos Nelson de Senna, orador oficial da Academia, Carlos Góes, Mário de Lima, Aldo Delfino e Mendes de Oliveira, que recebidos à gare da Central por vários representantes da Academia, foram hospedados no Hotel Renaissance.....

Além do dr. Augusto de Lima, o ilustre poeta das Contemporâneas e Símbolos, acompanhado de sua exma. esposa, a distinta poetisa Vera de Lima, aqui chegaram para as festas os acadêmicos: Costa Sena e Carlindo Lellis, domiciliados em Ouro Preto e Bento Ernesto Junior, em Itapecerica.....”

Na edição do dia seguinte, mais notícias sobre o histórico acontecimento, cuja síntese transcrevo a seguir:

“.....Assomou então, à presidência, com a austeridade de sua figura respeitável e querida, o sr. dr. Eduardo de Menezes, ilustre presidente da Academia Mineira de Letras, declarando aberta a sessão solene de inauguração da Academia.

.....Ao lado do sr. presidente sentaram-se: à direita, os acadêmicos Brant Horta, Heitor Guimarães, Bento Ernesto Junior, Carlindo Lellis, Albino Esteves Costa Sena, João Lúcio Brandão, João Augusto de Massena, Lindolpho Gomes Mendes de Oliveira e Nelson de Sena.

E à esquerda: Belmiro Braga, Aldo Delfino, Mário de Magalhães, Franklin de Magalhães, Mário de Lima, Luiz de Oliveira, José Rangel, Carlos Góes, Dilermando Cruz, Amanajós de Araujo e Machado Sobrinho...”

TRANSFERÊNCIA DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS PARA BELO HORIZONTE.

Em 1915, em gesto de desprendimento, acordaram em transferir a Academia para Belo Horizonte, local em que se localiza até os dias de hoje.

Carlindo Lellis é titular da Cadeira de nº. 12, que tem como patrono Alvarenga Peixoto (1744-1793) e sucessores João Dornas Filho (1902-1962), Alberto Deodato (1896-1978), Tancredo Neves (1910-1985), Olavo Drummond (1925- 2006) e Cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho.

TANCREDO NEVES E CARLINDO LELLIS.

Tancredo Neves, seu terceiro sucessor, ao tomar posse na Cadeira da qual foi fundador, assim pronunciou sobre o mesmo:

“O seu fundador foi Carlindo Lellis, humanista, jornalista e poeta. Dava-se ao luxo de falar e escrever em grego e latim. Tradutor de Heine, Heredia e Gautier, recebeu deles as marcantes influências com que esculpiu em lindos versos parnasianos os sonetos impecáveis de Brumas e Sol.

Lamentavelmente, a sua obra opulenta, ainda quase inédita, está reclamando dos estudiosos paciente pesquisa para a sua recuperação e estudo crítico, a que tem direito, pela sua notável presença na história do parnasianismo brasileiro”.

PSEUDÔNIMOS DE CARLINDO LELLIS.

Carlindo Lellis utilizou em sua longa carreira literária os pseudônimos Alpino Montanhez, Lótus Bleu e Paulo Abranches.

SUAS OBRAS MAIS CONHECIDAS.

As suas obras mais conhecidas são: Brumas de sol (1904), Helicon (1920), Lucianeida (1905), todas de poesias e Números de Intermezzo (tradução – 1903).

OUTRAS PASSAGENS DA VIDA DE CARLINDO LELLIS FERREIRA.

POR VOLTA DE 1894 CARLINDO LELLIS ESTUDAVA NO COLÉGIO MINEIRO EM OURO PRETO. EM 1897 ELE ESTAVA CURSANDO PREPARATÓRIOS AINDA EM OURO PRETO.

O jornal “Minas Gerais”, no ano de 1894, publica ter Carlindo Lellis sido aprovado com distinção em Português.

O mesmo órgão oficial, em 1896 noticia está Carlindo Lellis realizando exames gerais de Preparatórios no Ginásio Mineiro.

O mesmo jornal em 1897, declara que Camillo de Lellis Ferreira Júnior já é formado em medicina, enquanto Edelberto de Lellis Ferreira e Olímpio de Lellis Ferreira, estavam cursando a 4ª série médica e Carlindo Lellis Ferreira e Alceu Soares de Lellis Ferreira, estavam estudando Preparatórios em Ouro Preto. (Eram irmãos e filhos do Major Camillo de Lellis Ferreira).

CARLINDO LELLIS QUANDO AINDA ERA ESTUDANTE JÁ ERA PRODUTIVO. 1903 -

O jornal de Juiz de Fora, “O Pharol”, em sua edição de sexta-feira, 19 de março de 1903, noticiava:

“Carlindo Lellis um dos mais esperançosos literatos mineiros, esforçado campeão nas justas da Arte, enfeixou em elegantíssimo volume os vinte números do “Intermezzo” de Heine, primorosamente traduzidos pelo talentoso moço, que, durante o seu curso acadêmico, tem conseguido sustentar em Ouro Preto um cenáculo de artistas de que ele é o incontestável chefe...”

COLAÇÃO DE GRAU NO CURSO DE FARMÁCIA.

Segundo o jornal “O Pharol”, edição de 18.12.1903, fosse nesse dia que Carlindo Lellis Ferreira diplomou-se, como farmacêutico, pela Escola de Farmácia de Ouro Preto (UFOP).

VISITA DO IRMÃO DR. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA. 1904 -

O jornal “O Pharol” de domingo, do dia 14 de fevereiro de 1904, anunciava, vindo de São Domingos do Prata, a visita ao seu irmão Carlindo Lellis, do Dr. Edelberto de Lellis Ferreira.

Na sua edição de sábado, 24 de dezembro de 1904, tornava a noticiar nova visita do irmão, nesses termos:

“Acha-se nesta cidade, o dr. Edelberto de Lellis, clínico em São Domingos do Prata e irmão do estimado poeta Carlindo Lellis.”

CARLINDO LELLIS TRANSFERINDO RESIDÊNCIA PARA CAMBUI – MG –

O jornal “O Pharol”, em sua edição de quinta-feira, do dia 19 de maio de 1904, noticiava:

“Seguiu hoje para a cidade da Cambuí, onde vai estabelecer-se, o nosso camarada, o maviioso poeta Carlindo Lellis, que aqui residiu durante alguns anos, tendo-se diplomado na nossa escola de farmácia, onde deixa um nome imorredouro.

Carlindo fazia também parte do corpo docente do Ginásio de Ouro Preto, onde deixa alunos saudosos.

Ao seu bota-fora compareceram muitos amigos e colegas que lhe foram levar as despedidas.

Ao Carlindo pois, desejo todas as venturas de que é justamente merecedor.”

(Do correspondente do jornal em Ouro Preto, que escreveu essa notícia no dia 15 de maio de 1904).

GINÁSIO DE OURO PRETO – 1904 –

O jornal “O Pharol”, em sua edição de domingo, do dia 29 de maio de 1904, anunciava que

“O pharmaceutico Carlindo Lellis foi substituído no internato do Gymnasio de Ouro Preto pelo pharmaceutico Gustavo Alves Prates.”

RESIDINDO EM SÃO PAULO EM 1905.

O jornal paulista “O Archivo Ilustrado”, em sua edição do ano de 1905, noticiava:

“Era a ‘Fronde’ uma excelente revista literária dirigida e redigida em Ouro Preto, pelo distinto poeta mineiro, Carlindo Lellis, nosso apreciado colaborador, atualmente residindo em São Paulo, recolhido à penumbra de uma modéstia incompreensível em um artista de seu valor.”

PROFESSOR EM BELO HORIZONTE. 1905 -

O jornal “O Pharol, em sua edição de quarta-feira, do dia 25 de setembro de 1905, publicava:

“Foi nomeado lente substituto das cadeiras de Física e Mecânica aplicadas, Química e Metalurgia, História Natural e Terapêutica da Escola de Odontologia em Belo Horizonte, o sr. Dr. Carlindo Lellis, nosso colega do Diário do Povo, que sob a direção de Rodrigo Theophilo vai encetar carreira na Capital no mês próximo vindouro.”

CARLINDO LELLIS COM FARMÁCIA EM SÃO PAULO. 1906 -

O jornal “O Pharol”, em sua edição de sábado, do dia 16 de maio de 1906, anunciava:

“O nosso amigo Carlindo Lellis, que há muito está estabelecido com farmácia em São Paulo, veio visitar a sua família aqui residente e, ao mesmo tempo matar as saudades que tínhamos do excelente companheiro de “A Fraude”.

O festejado poeta infelizmente, pouco se demorará nesta cidade onde é muitíssimo estimado pelas belas qualidades que possui.”

Na mesma edição acima, o periódico anuncia a disposição de Carlindo Lellis estabelecer uma farmácia em Ouro Preto, como o demonstra a notícia a seguir:

“O nosso prezado confrade Carlindo de Lellis, que vai pôr todo o mês de janeiro se estabelecer com uma magnífica farmácia junto à importante casa comercial do sr. Diogo de Magalhães, está corajosamente trabalhando para dotar a nossa cidade com melhoramentos que muito concorrerão para o seu constante progresso.

Carlindo Lellis, rapaz ilustrado e inteligente, pode perfeitamente conseguir o que deseja a bem da cidade, si reunir aos seus esforços a boa vontade da Câmara Municipal e do povo ouropretano.

Quer o ilustre poeta a arborização da cidade, a volta do jardim da praça de Tiradentes e outro largo da estação, o conserto, o quanto antes, do matadouro público e outros embelezamentos...”

RETORNANDO A OURO PRETO E FUNDANDO UM CENTRO FARMACÊUTICO. 1907 -

O jornal “O Pharol”, em sua edição de sábado, do dia 23 de fevereiro de 1907, dava a seguinte notícia:

“Por carta firmada pelo apreciado literato sr. Carlindo Lellis nos foi transmitida a notícia da fundação em Ouro Preto do Centro Farmacêutico de Minas Gerais, que tem por fim o engrandecimento da classe, a defesa dos direitos dos farmacêuticos, a fundação de uma biblioteca e a manutenção de uma revista, sendo a sua primeira diretoria composta dos farmacêuticos srs. Carlindo Lellis, presidente; dr. Joaquim Furtado de Menezes, vice-presidente, Alberto Carvalho de Magalhães Gomes, 1º secretário; Lauro dos Santos Barbosa, 2º secretário e João Sotero Lopes de Carvalho, tesoureiro.

FUNDANDO OUTRO JORNAL EM OURO PRETO. 1908 -

O jornal “O Pharol”, quarta-feira do dia 23 de setembro de 1908, noticiava:

“É, pois, com a alma em transporte de alegria que vimos de registrar mais uma glória para Ouro Preto de hoje, com a auspiciosa aparição do “Correio da Noite”.

Ele tem a sua frente Carlindo Lellis e Paulo Brandão, o que basta para que seja uma folha procurada e avidamente lida.”

CARLINDO LELLIS FERRENHO OPOSITOR DA CAMPANHA DO MARECHAL HERMES DA FONSECA. 1909 -

O jornal carioca, “A Gazeta de Notícias”, na sua edição de segunda-feira, do dia 26 de julho de 1909, publicou:

“(.....) Por esses dias se fará a indicação do delegado à convenção nacional.

É voz corrente que a escolha recairá no jornalista Carlindo Lellis, que tem combatido com vigor a candidatura Hermes em “meeting”, no jornal e chefiou o movimento popular que impediu à Câmara Municipal

da célebre moção de apoio engrossolífico engendrada pelo padre Marcos Penna.”

SUGERINDO CRIAR UMA PRAÇA EM OURO PRETO EM HOMENAGEM A BERNARDO GUIMARÃES. 1909 -

O jornal “O Pharol”, edição de domingo, dia 5 de dezembro de 1909, noticiava:

“O nosso prezadoíssimo confrade do “Correio da Noite” Carlindo Lellis sugeriu a belíssima ideia de se erigir em uma das praças da legendária Vila Rica uma herma (busto esculpido) ao grande escritor Bernardo Guimarães, cujo primeiro vagido (choro) Ouro Preto recebera em seu regado de mãe amantíssima...”

CARLINDO LELLIS CRIANDO O JORNAL CORREIO DA NOITE EM OURO PRETO – 1910 –

O jornal “O Fluminense”, de Niterói, em sua edição de sexta-feira, do dia 1º de fevereiro de 1910, noticiava:

“Deve aparecer hoje em Ouro Preto, o jornal “Correio da Noite” sob a direção do dr. Carlindo Lellis.

O FARMACÊUTICO CARLINDO LELLIS FERREIRA. 1913 -

O jornal “O Paiz”, em sua edição do dia 18 de maio de 1913, noticiava o “CONTATO” feito por Bernardino Luz e Carlindo Lellis Ferreira para o comércio de farmácia, à rua General Pedra, nº 6, com a capital de 3000\$, sob a firma Bernardino Luz & C.”

CARLINDO LELLIS VISTO PELO JORNAL “CORREIO DA NOITE”. 1913 -

O jornal “Correio da Noite”, na edição de quinta-feira, 20 de novembro de 1913, publicava, em síntese:

“...Carlindo Lellis é, dos nossos homens de imprensa, um dos mais completos pela sua variadíssima cultura e pelos conhecimentos que tem do metier de um jornal moderno, interessante como tem demonstrado, entre nós, secretariando a “Gazeta de Notícias”, tornando-a cada vez mais apreciada, quer no aspecto intelectual, quer no aspecto material.

.....Poeta e prosador, muito vale o seu nome em Minas Gerais, seu estado natal, onde o espírito de Carlindo Lellis passou pelos principais órgãos de publicidade em Ouro Preto, Belo Horizonte e Juiz de Fora.

É ele membro distinto da Academia Mineira de Letras...”

CARLINDO LELLIS MEMBRO DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO. 1913 -

O jornal “O Imparcial”, em sua edição de sexta-feira, do dia 27 de junho de 1913, dá a notícia de que **CARLINDO LELLIS** era membro da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

O mesmo periódico, em sua edição de terça-feira do dia 16 de dezembro de 1913, noticiava:

“Chegou ontem da Europa o dr. Alceu Lellis, irmão do dr. Carlindo Lellis, nosso colega de imprensa.”

CARLINDO LELLIS ASSUMINDO A DIREÇÃO DE UM JORNAL CARIOCA. 1916 -

Em sua edição de sexta-feira do dia 05 de maio de 1916, noticiava:

“A direção intelectual de “A Prensa” está, desde ontem, entregue aos nossos colegas Nazareth de Menezes e Carlindo Lellis, cuja competência é conhecida e que manterá o programa com que aquele combativo vespertino surgiu na imprensa carioca”

CARLINDO LELLIS FERREIRA ASSUMINDO A DIREÇÃO GERAL DE UM JORNAL. 1916 -

O jornal “O Paiz”, em sua edição de sexta-feira, de 08 de maio de 1916, noticiou ter recebido um comunicado de Carlindo Lellis dizendo ter ele, juntamente com Nazareth Menezes, assumido a Direção Geral do jornal “A Prensa”.

CASAMENTO DE CARLINDO LELLIS FERREIRA – 1919 -

O jornal “O Paiz”, em sua edição do dia 1º de julho de 1919, noticiava (nessa época ele já estava morando no Rio de Janeiro):

“Realizou-se ontem o casamento do nosso colega de imprensa Carlindo Lellis com a senhorita Sarita Rasteiro, filha do falecido comendador Silva Rasteiro.

Foram padrinhos no ato civil e religioso, respectivamente da noiva, Antônio Azeredo e senhora e Dr. Licínio Cardoso e senhora e, do noivo, o deputado Augusto de Lima e o Dr. Alceu Lellis.

A cerimônia civil realizou-se na casa da mãe da noiva, viúva rasteiro, e religiosa na matriz da Glória.”

LONGO ARTIGO DE CARLINDO LELLIS SOBRE VILLA RICA DA ÉPOCA DO IMPÉRIO. 1927 -

“O Jornal”, em sua edição de 2 de outubro de 1927, publicou esse histórico artigo da lavra de Carlindo Lellis:

“O ABANDONO E O ESQUECIMENTO DAS TRADIÇÕES DE VILLA RICA.

‘DOUTORES QUE TEM PASSADO PELA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DE OURO PRETO SÃO, SOB A INDUMENTÁRIA OU CASCA DAS ACADEMIAS, MAIS QUE AUTÊNTICOS CORONERÕES...’ CARLINDO LELLIS.

Por haver eu oferecido, pela mão generosa de Augusto de Lima, à Academia Brasileira a chave da casa histórica de Marília de Dirceu, agora ruída, ao abandono, sob o peso dos anos, não tem sido pequeno o número de cartas que me tem surpreendido no meu recanto de Petrópolis, letras de velhos amigos de Minas, reprovando o desamor dos poderes públicos pelas coisas tradicionais da província do ouro e do diamante.

Ora, eu havia de há muito, me remetido ao silêncio, depois de alguma coisa ter pelejado no ofício pouco grato do jornal,

(.....) Para os que indagam de mim se esqueci a Villa Rica, o campo da minha maior atividade mental, vão agora estas letras.

Vi que era inútil persistir no intuito de fazer da cidade lendária uma ‘Bruges-la-morte’, museu de tradições, desde que foi da fracassada celebração do bicentenário da villa fundada por Antônio de Albuquerque.

A cidade, como quase todas do interior, não foge à regra: a politicagem dela tem feito entrega para administrar a quem tem estado muito longe de compreender o valor do que recebem sua guarda.

A atividade deles se limita em se decorar com o título em chefe do governo do município, arrebanhar eleitores, apriscando produtores e reprodutores de votos, subexploração da pecuária indígena que tem dado independência a muita gente.

Doutores que tem passado pela administração municipal de Ouro Preto não são, sob a indumentária ou a casca das academias, mais que autênticos coronelões.

É bom não pormenorizar, mesmo porque, na série, não há de aparecer sequer uma exceção.

E no desprezo e na agressão às coisas históricas que fazem a glória da ex- capital de Minas se podem englobar, num perfeito pé de

igualdade, funcionários do governo federal, do estadual, do município e particulares.

Há em Ouro Preto a “Casa dos Contos”. É um palácio de curiosa arquitetura. Foi no período colonial, sob o governo da capitania, a casa oficial da fundição do ouro.

Cunhavam-se ali as terras do ouro em pó, cuja circulação como mostra fora proibida, e se descontavam o ‘quinto’ da coroa. Lá estavam ainda as forjas e os cadinhos daqueles trabalhos.

Na assotéa (açoteia), quase um torreão quadrangular, restava, numa desordem de apavorar, a papelada do arquivo da casa de fundição e dos serviços da abolida captação e da fiscalização para evitar o descaminho do imposto.

Entrava-se ali, e entrava quem queria, com a papelada até nos joelhos, espavorindo as ratazanas, donas de tudo aquilo. Naquele caos encontrara certa vez o falecido ex – ministro Antônio Olyntho dos Santos Pires um recibo de Tiradentes.

O alferes da milícia, Joaquim José da Silva Xavier, declarava haver recebido no Registro da Paraybuna um certo número de oitava de ouro.

Num compartimento pavimentado de lajes, no rés-do-chão, desse edifício, com entrada quase sobre a escadaria do primeiro andar, uma saleta de janelas gradeadas, estivera preso, envolvido na devassa, o inconfidente Claudio Manoel da Costa.

Claudio não era só o inconfidente que a sentença da alçada real declarou infame até a terceira geração. Era dos bons poetas da escola coimbrã, sonetista primoroso, autor do poema “Villa Rica”, em que se celebra a fundação da cidade e o primeiro que, em língua portuguesa, ensaiou escritos sobre economia política.

Naquela prisão fora encontrado morto. Enforcara-se ou fora enforcado, fato ainda controvertido, sendo entretanto de se opinar pela segunda hipótese.

Pois bem: vi aquela prisão, aquele sitio em que eu entrava sempre com respeito evocativo, transformado em cocheira para alojar um cavalo do Maggy Salomon, aquele mesmo que foi, mais tarde, secretário do presidente Wenceslau Braz e faleceu recentemente cônsul no Porto. Maggy era agente do correio em Ouro Preto e fora-lhe entregue o prédio para sua repartição.

Amigo de Maggy, com quem diariamente me encontrava invectivava-o (atacava-o) pelo menos uma vez em cada vinte e quatro horas pelo seu desrespeito ao lugar sagrado e o concitava, sem nenhum proveito, aliás, a retirar dali o seu ignóbil cavalicoque.

Já me referi à escadaria da ‘Casa dos Contos’. É grandiosa na sua simplicidade de pedra lavrada. Ao tempo em que ali funcionava a administração dos correios de Minas, sendo seu administrador o meu amigo dr. Francisco Brant, entrei por aquela casa com o falecido geógrafo Moreira Pinto.

Verificamos, indignados, que um mestre de obras qualquer havia brochado aquela portentosa talha em cantaria com um portentoso zarcão. Ainda sob a revolta do que acabávamos de ver, fomos dizê-la ao administrador, homem de espírito, mandou o dr. Francisco Brant raspar imediatamente aquele vergonhosa pintura.

A casa do coronel Paulo Freire, o comandante da milícia que, segundo se lê nos autos da devassa, conforme a senha “Hoje é o dia do batizado” devia com a sua tropa confraternizar com os amotinados, talvez a esta hora não mais exista.

Lá estava na encosta do morro do Cruzeiro, abandonada entre o capim melado e o material que as ‘quaresmas’ pintavam de roxo. Vi-a desabitada e úmida, com as paredes do fundo destruída.

Do soalho de sua varanda lateral, uma larga varanda em que se reuniram os inconfidentes, fez Costa Sena retirar uma lasca de taboa para acepilhar (aplainar, alisar) um cartão que, em nome da cidade, ofereceu ao presidente Campos Sales, quando este a visitou em 1899.

O terraço da casa de Cláudio Manoel da Costa, local onde também confabularam Cláudio, Gonzaga, Freire, Alvarenga e o mesmo traidor Joaquim Silvério, é hoje uma cozinha. Rodearam-no de paredes e, por cima, corre a fumaça de uma chaminé.

O pelourinho da cidade, uma admirável coluna cilíndrica de pedra lavrada, monólito de mais de seis metros de comprimento, com soco e capitel, regenera-o, ali pelo ano de mil oitocentos e setenta e tantos, o presidente da província Saldanha Marinho, dele se servindo para o primeiro monumento que em terra brasílica se erigiu aos primeiros mártires da independência.

Plantara-o a um canto da praça central da cidade, em frente ao palácio dos governadores, com uma placa de bronze onde se escreviam

os nomes dos vinte e dois inconfidentes condenados pela sentença da justiça do rei.

Esse monumento foi abatido em uma noite, à véspera da inauguração de uma estátua a Tiradentes, quase ao meio da mesma praça, já na República.

Nunca se pode saber quem foi o ordenador de tal façanha. Anos depois quando se indagava do paradeiro daquela coluna, ninguém dela sabia. A placa de bronze desaparecera definitivamente, de certo modo levada como sucata a qualquer fundição. Talvez seja hoje sino, e ainda bem, que lança gritos ao vento; mas pode ser cabo de facão de polícia, o que é francamente destino menos amável.

Verifiquei depois que as pedras do sóco do monumento foram, por um secretário da Câmara, doadas a um certo Baeta, luso de pelos e toucinhos fartos que se dera ao gosto de construir um prédio à maneira da sua província, sob um barranco do morro da Forca.

Uma vez, vendo por acaso aberto o portão de edifício do Fórum local (antigo palácio do Congresso) ali encontrei, a final, depois de tanta pesquisa a coluna do pelourinho e do monumento aos inconfidentes.

Escapara a Baeta, pois que a este bastavam para as suas soleiras, as outras pedras. Chamei a ver o meu achado o dr. Lauro Gentil, então juiz municipal em Ouro Preto e hoje, creio, juiz de direito em Belo Horizonte.

Quando, em 1911, tinha que se passar o segundo centenário da fundação da cidade, com antecedência de um ano, procurei conectar todos os interessados para um esforço coletivo que ensejara a efeméride para de algum modo atrair a atenção dos governantes para a suave agonia da capital destronada de Minas.

Secundando meu apelo, Nelson de Senna, esse formoso espírito que a política vai absorvendo, mais ainda escritor e pesquisador das nossas tradições antes que político, apresentou à Câmara dos Deputados de Minas, de que era membro, um projeto de lei, não só auxiliando os festejos comemorativos do bicentenário vilaricano, como ainda criando em Minas um museu histórico, com uma seção de arqueologia que seria instalada em Ouro Preto.

Cogitava-se marcar os lugares históricos da cidade com placas comemorativas. Seriam assim assinaladas as casas de Cláudio, de Gonzaga, de Marília, bem como o local onde existira e fora arrasada a

casa de Tiradentes e ainda o local em que estivera exposta a sua cabeça.

Costa Senna e Diogo de Vasconcelos comigo andaram planejando tais coisas. Poucos eram os recursos materiais com que se poderia ao certo contar. Costa Sena obtivera do proprietário da Usina Esperança a promessa de fundir graciosamente as referidas placas. Coelho Neto, que comigo trocara ideias a respeito, comprometera-se a obter o bronze necessário. Pedi-lo-ia ao ministro de Guerra, seu amigo, o general Dantas Barreto, e seria bronze de velhos canhões portugueses.

Restava o trabalho artístico e deste se incumbiu o jornalista Lindolfo Azevedo. Modelaria as placas o escultor Corrêa Lima e com o artista nós íamos entender justamente com Mário Pederneiras.

Mais ai, nesse ponto, em que eu, quase que só, dispunha os preparativos da comemoração, surgiu um incidente interessante. A Câmara Municipal de Ouro Preto entendeu que a celebração do centenário era propriedade dela. Só ela podia fazê-lo.

E fê-lo, de fato, com um desses forrobodós de fama; banquete a leitão, trabalho às gambias num baile no salão do Fórum, fogo de artifício, sessão pública de cinematografia e quejandas coisas embasbacantes.

Planejara-se a publicação de uma memória histórica de Villa Rica, em que se pesquisariam desde as primeiras incursões ao sertão do Itaberaba; a descoberta do ouro preto do Tripuhy, as “entradas” de Antônio Dias; o estabelecimento das primeiras explorações do aluvião de Ouro Preto, do Antônio Dias e do padre Faria; as lavragens da encosta do Velloso ao Taquaral; o primeiro esboço do povoado; as primeiras “datas”; o primeiro governo local; e, finalmente, todo o desenvolvimento da que ficou sendo chamada Villa Rica, com os seus mil e um episódios e acontecimentos interessantes até a transferência do governo do Estado para Belo Horizonte.

Só as atas da antiga Câmara de Villa Rica publicadas fariam a revelação de um tesouro, com um resumo do mais importante da história antiga de Minas. Nada disto, entretanto se fez.

Anos depois apareceu uma brochura.....Dessa publicação apenas merecem atenção as pesquisas de Nelson de Senna, pois este historiógrafo encontrara a carta régia que instituía o brasão de armas à nova villa criada.....”

CARLINDO LELLIS – AGENTE FISCAL. 1932 –

O jornal “Correio da Manhã”, em sua edição da sexta-feira do dia 18.11.1932, anunciava ter Carlindo Lellis sido promovido a agente fiscal do Estado do Rio e do interior do mesmo Estado.

Já na edição do dia 31.03.1932, ele é nomeado agente fiscal do imposto de consumo na Capital do Estado do Rio.

PROMOVIDO A AGENTE FISCAL DO ESTADO. 1932 –

O jornal “Diário de Notícias”, em sua edição de sexta-feira do dia 18 de novembro de 1932, publicava:

“Promovendo a agente fiscal do imposto de consumo na capital do Estado do Rio e do interior do mesmo Estado a Carlindo Lellis”.

O mesmo periódico em sua edição de sexta-feira, do dia 31 de março de 1933, anunciava:

“Nomeando a agente fiscal do imposto de consumo na Capital do Estado do Rio, Carlindo Lellis, para idêntico lugar em São Paulo.”

FALECIMENTO DA MÃE DE CARLINDO LELLIS. 1931 -

Publicou “O jornal”, em sua edição de quarta-feira, do dia 22 de julho de 1931:

“Faleceu ontem, em sua residência à rua Alzira Brandão, 37, a sra. ANNA CLAUDINA DE LELLIS FERREIRA, viúva do antigo fazendeiro e chefe político em Minas, major Camillo de Lelles, fundador da atual cidade de Ferros, e mãe do dr. Alceu de Lellis, engenheiro, e do nosso

colega de imprensa e escritor Carlindo Lellis, da Academia Mineira de Letras.”

FALECIMENTO DE CARLINDO LELLIS FERREIRA – 1945 –

O jornal “Diário de Notícias”, de terça-feira do dia 19 de junho de 1945, dava esta infausta notícia:

“FALECIMENTOS.

SR. CARLINDO LELLIS – Na sua residência na rua Barão de Itapagipe, faleceu sábado último o escritor mineiro Carlindo Lellis, da Academia Mineira de Letras do Brasil.

Nascido em Santana de Ferros, no Estado de Minas Gerais, Carlindo Lellis era diplomado em Farmácia e Ciências Físicas e Naturais pela Escola de Ouro Preto.

Professor, conferencista, crítico... tendo-se evidenciado na imprensa, de que se acha há muito afastado fez parte, nesta Capital, da redação da “Gazeta de Notícias”, de que ocupou os cargos de secretário e diretor.

Colaborou também, assiduamente e por longos anos, em jornais de Minas, notadamente no “Correio da Noite”, de Ouro Preto e no “Correio de Minas”, de Juiz de Fora.

Foi ainda colaborador de vários órgãos da imprensa paulista e fluminense, adotando comumente o pseudônimo de Paulo Abranches. Como poeta Carlindo Lellis deixou: “Números de Intermezzo”, versão de M. Heine, “Bruma e Sol” e “Helikon”.

É também de sua lavra o poema satírico “Lucianeida”. Funcionário da Fazenda, escreveu interessante trabalho ligado à sua atividade e a que deu o nome de “Noções de Legislação e Administração”.

Ao seu enterro, no Cemitério de São Francisco Xavier, compareceu à Federação das Academia de Letras do Brasil, pela comissão composta dos srs. Noraldino Lima, Mario Linhares, Durval Moraes e Carlos Xavier. O sr. Noraldino Lima representou também a Academia Brasileira de Letras.”

CARLINDO LELLIS SENDO NOTICIA NO JORNAL “A VOZ DO PRATA”, POR OCASIÃO DE SEU FALECIMENTO.

“O Estado de Minas” de 20 do corrente, trouxe-nos a triste notícia da morte de Carlindo Lellis em sua residência, à rua Itapagipe, na Capital Federal.

Eu que já o conhecia através da ‘collectanea’ de Laudelino Freire, e que tornei-me seu admirador pelo precioso soneto de sua autoria ‘Psalmos’, não quis calar a minha voz e meu pensar ante tão triste quanto lamentável acontecimento.

Ao Dr. Edelberto de Lellis Ferreira, seu irmão, e a toda família, patenteio aqui os meus sinceros pêsames por tão grande perda que afeta os meios literários do Brasil, dos quais Carlindo Lellis era um dos expoentes máximos e ao próprio Brasil do qual era um dedicado servidor. (.....). Francisco Moraes”. (Edição de 24 de junho de 1945).

“Faleceu no Rio de Janeiro no dia 16 do corrente mês, o brilhante escritor mineiro Farm. Carlindo Lellis Ferreira, membro da Academia Mineira de Letras e delegado desta junto à Federação das Academias de Letras do Brasil.

Natural do município de Santana dos Ferros era o ilustre falecido irmão do Sr. Dr. Edelberto de Lellis Ferreira. Professor, conferencista, crítico, poeta, jornalista, em todos esses setores da inteligência imprimiu traços marcantes de destacada individualidade.

Poeta de grande perfeição de forma e aguda sensibilidade, Carlindo Lellis deixou: ‘Números de Intermezzo’, versão de H. Heine, ‘Brumas e Sol’ e ‘Helicon’. É também de sua lavra o poema satírico ‘Lucianeida’.

Dedicado e alto funcionário da Fazenda Federal, escreveu interessante trabalho a respeito, intitulado ‘Noções de Administração e Administração’. O Farm. Carlindo Lellis era casado com a exma. Sra. D. Sara de Lellis Ferreira, que lhe sobrevive”. (Edição de 24 de junho de 1945).

“Acaba de falecer no Rio de Janeiro, o poeta e jornalista mineiro Carlindo Lellis, que era sem a menor dúvida, uma das figuras mais representativas das letras contemporâneas em nossa província.

Vejo, entretanto, que na imprensa de Minas esta morte não teve a repercussão que deveria ter. O fato explica-se por duas razões. A primeira é que Carlindo Lellis há muito não frequentava as colunas dos jornais. E se ainda fazia literatura é de se presumir que suas produções dos derradeiros tempos estarão metidas e trancadas em alguma gaveta.

Tendo redigido com brilho invulgar, ao tempo da campanha civilista, o ‘Correio da Noite’, de Ouro Preto, onde o conheci naquela ocasião, mudou-se pouco depois para o Rio, ali exercendo por algum tempo o cargo de redator chefe da ‘Gazeta de Notícias’.

Isto diz do seu valor como jornalista. Não é qualquer provinciano, mal chegado à capital, que assume logo a direção de um órgão de imprensa de prestígio, como o era então a folha fundada por Ferreira de Araujo.

A segunda razão é que a burocracia afastou Carlindo Lellis das rodas literárias, do convívio dos artistas do contato com as novas gerações.

Neste país, em que hoje numerosos editores fazem fortuna em pouco tempo, os autores ainda continuam, como no século passado, a até mais do que no século passado, a não poder viver das letras.

Estas cultivam-se, quando se cultivam, nas horas vagas, que o tempo maior é empregado em atividades mais rendosas. A burocracia, bem ou mal, faz subsistir. As letras, não.

Carlindo Lellis tornou-se burocrata, não publicou mais versos, abandonou a imprensa, onde os dissabores são bem maiores do que os lucros e daí o esquecimento em que caiu dentro de sua província, que hoje recebe com indiferença a notícia de sua morte (...).

Mas é absolutamente seguro que o seu nome se acha integrado de modo definitivo na história das letras mineiras, a que serviu no seu tempo, com muito talento e muita felicidade, que no verso, quer na prosa.

Vi-o uma única vez, há vinte e cinco anos, em Ouro Preto. Nunca mais, porém, lhe esqueci a figura irradiante de simpatia, a expressão da mais viva inteligência, os modos amáveis e o entusiasmo com que se entregava à luta em prol da vitória de Rui Barbosa (.....). Gilberto de Alencar”. (Edição da ‘Voz do Prata’ de 8 de julho de 1945).

HOMENAGEM DO DR. NORALDINO LIMA AO ESCRITOR CARLINDO LELLIS.

O Dr. Noraldino Lima, membro da Academia Mineira de Letras, ex-Secretário da Educação do Estado, em homenagem à memória do ilustre intelectual mineiro Carlindo Lellis, proferiu na Federação das Academias de Letras do Brasil, da qual é ilustre Presidente, em sessão especial, o seguinte discurso:

“Nossa vida é semelhante ao vinho: quando está no fim torna-se azedo. Como este conceito, externado pelo pensamento clássico, se aplica, de modo que feito sob medida, à vida, à obra, ao destino de Carlindo Lellis!

A personalidade afirmativa, integral e viril, que a todos nós foi dado conhecer, teve muito do vinho generoso, exprimido das bagas virgens, dos parreirais maduros, que a natureza serrana, onde ele nasceu – a nossa querida natureza mineira – sabe produzir e sazonar. (.....).

Carlindo era um forte, sim, mas também um bom. Seus versos, quer os que traduz, em ‘Numeros de intermezzo’, o espírito irônico e sensível de Heine, quer os nascidos da fonte original – ‘Brumas de Sol’ ou ‘Helikou’ – se, por um lado, espelham a mais firme das individualidades morais, por outro, revelam o mais suave dos corações.

(.....). Polemista vibrante e destemido encheu anos a fio, as páginas do ‘Correio da Noite’, no primeiro decênio do século, em Ouro Preto, de acutiladas valentes.

E ‘Lucianeida’, poema satírico de sua lavra, é a contraprova do que havia de mordaz e candente nesse Juvenal montanhês, cuja divisa – vitam impedere vero – tão bem se lhe ajustava, regulando-lhe a personalidade marcante.

Com tais títulos, acrescidos aos de cintilante jornalista, é de se ver que a Academia Mineira de Letras lhe abriria como o fez, as suas portas nascentes, incluindo-lhe o nome festejado entre os de seus fundadores. (.....)”. (Edição de 15 de julho de 1945).

NOTAS SOBRE ALGUNS OUTROS DOS FILHOS DO MAJOR CAMILLO LELLES FERREIRA, TODOS NASCIDOS EM SANT’ANNA DOS FERROS NA FAZENDA ÁGUA LIMPA.

**DR. ALCEU SOARES DE LELLIS FERREIRA. FERRENSE FILHO
DO MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA.**

Alceu, engenheiro civil e de minas, quando estudante na Universidade Federal de Engenharia em Ouro Preto criou, no início do século XX, um alto forno elétrico, a resistência, sem eletrodos, destinados à fabricação de aço, ferro e suas ligas, carbureto de cálcio e produtos congêneres.

Por essa inovação, revolucionária para a época, recebeu diversos prêmios, inclusive patrocínio do governo federal para viajar ao exterior.

A conclusão do seu curso ocorreu em 1908.

NOTAS: Veja referência a isto no livro “Revivendo a História de São Domingos do Prata”, páginas 112/113.

“HONROSA DISTINÇÃO.

O Dr. Alceu Lellis, atual diretor do prolongamento da estrada de ferro ‘Vitória à Diamantina’, concluiu há dois anos o curso de engenharia civil e de minas, com a distinção que lhe deu o direito ao prêmio de viagem à Europa à custa do Estado.

O Presidente da República acaba de enviar ao Congresso Nacional uma mensagem solicitando a necessária verba em ouro para se realizar a viagem ao velho mundo, a que tem direito aquele distinto engenheiro.

Dando esta notícia, enviamos parabéns ao ilustre moço e ao seu digno irmão e nosso amigo, Dr. Edelberto de Lellis.”

Jornal “O Imparcial”, edição de 7 de agosto de 1910.

NOTA: Extraído do meu livro “Revivendo a história de São Domingos do Prata.”

O mesmo periódico, em sua edição de terça-feira do dia 16 de dezembro de 1913, noticiava:

“Chegou ontem da Europa o dr. Alceu Lellis, irmão do dr. Carlindo Lellis, nosso colega de imprensa.”

Só não consegui apurar se foi a viagem do prêmio e/ou uma realizada com seu irmão, por conta própria.

CONCEDIDO AO MESMO CONCESSÃO PARA CONSTRUÇÃO DE UMA FERROVIA.

“DECRETO N. 3.325, DE 23 DE SETEMBRO DE 1911.

Concede aos engenheiros Carlos de Figueiredo Rimes e Alceu Soares de Lellis Ferreira privilégio para construção, uso e gozo de uma estrada de ferro que, partindo da estação de Pedra Corrida, da Estrada de Ferro Vitória a Minas, vá ligar-se à Estrada de Ferro Bahia e Minas na cidade de Araçuaí.

FALECIMENTO DE DR. CAMILLO DE LELLIS FERREIRA JÚNIOR – MÉDICO – FILHO DO MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA – TAMBÉM FERRENSE.

“Tivemos a infausta nota do falecimento, no Rio, a 9 do corrente, do velho e humanitário clínico Dr. Camillo de Lellis Ferreira, ali residente.

O falecido que contava com 72 anos de idade, era natural de Santana dos Ferros e filho do major Camillo de Lelles Ferreira e d. Delphina de Lellis Ferreira.

Deixa viúva d. Francisca Orthman de Lellis Ferreira e quatro filhos Camillo Oscar, Sylvio Marietta e Dr. Mario Orthman de Lellis Ferreira.

Após formar-se pela Faculdade do Rio de Janeiro, exerceu a clínica neste Estado e na Capital da República onde se estabeleceu definitivamente. Foi chefe do Posto de Higiene de Ouro Fino. Nesta cidade, por onde transitou, fez inúmeros amigos que receberam com profundo pesar a notícia de sua morte (...)."

(Jornal "A Voz do Prata", edição de 24 de abril de 1932).

CAMILLO DE LELLIS FERREIRA JÚNIOR na pesquisa do padre Márcio Silva Souza:

"Filho da primeira esposa do Major ingressou no Colégio do Caraça em 1876, nº 1000 e mais tarde formou-se em medicina, formando-se em Ouro Preto e Universidade de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

Outros dados:

A – Camilo de Lellis Ferreira Junior ingressou no Colégio Caraça sob o nº 1000, em 26.10.1876, aos 16 anos.

B – These: 281 b Das fraturas da coxa – These do Rio de Janeiro do Dr. Camillo de Lellis Ferreira Junior, 1890.

C – Casou-se com Dona Francisca Orthman de Lellis Ferreira e teve os seguintes filhos: Camillo Oscar de Lellis Ferreira, Sylvio de Lellis Ferreira, Marietta de Lellis Ferreira e Dr. Mário Orthman de Lellis Ferreira. Mudou-se com a família para o Rio de Janeiro onde fixou residência.

OLYMPIO AMÉRICO DE LELLIS FERREIRA, OUTRO FERRENSE FILHO DO MAJOR, NA PESQUISA DO PADRE MÁRCIO SILVA SOUZA.

Também formou-se em medicina, casou-se, mas não se tem informação de sua residência. As informações é que ele seguiu para São Paulo.

Olympio Américo de Lellis Ferreira, pg. 08, secção 1, 1895 – DOU de 21.08.1895 – Geometria aprovado com distinção. Exames preparatórios: chamada para hoje: história e cheroграфия do Brasil – Olympio Américo de Lellis Ferreira – Minas Gerais.

**FALECIMENTO DE JOÃO AMERICANO LELLIS FERREIRA.
FILHO DO MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA.**

“De Raul Soares neste Estado, nos veio domingo último a dolorosa notícia de falecimento do Sr. J. Americano Ferreira, que ali residia há vários anos.

Natural de Ferros e descendente da respeitável família Lellis Ferreira do rico município, ele era ali muito admirado pelos raros dotes de espírito e de coração que lhe marcavam a personalidade.

Gozava também de muita amizade em nosso meio e, sobretudo, na importante cidade da Mata, em que veio a falecer.

Era natural, pois, que a sua morte chocasse sobremaneira a todos quantos o conheciam.

Dentre os seus irmãos conta-se o Dr. Edelberto de Lellis Ferreira e D. Virgínia Soares Ferreira, residentes nesta cidade, deixando viúva a exma. Sra. D. Maria Gabriela Soares Ferreira, professora aposentada, residente em Raul Soares”.

(Jornal “A Voz do Prata”, edição de 11 de julho de 1937).

**FALECIMENTO DE IRMÃ LUIZA CARMELITA LELLIS FERREIRA
– FERRENSE – FILHA DO MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA.**

“Verificou-se no dia 30 do corrente, nesta cidade, em casa de residência de seu irmão Dr. Edelberto de Lellis Ferreira, o falecimento de Irmã Luiza Carmelitana, religiosa da congregação da Piedade, há longos anos. (.....).

Falece aos 71 anos de idade e, durante grande parte de sua vida, prestou caridosa assistência aos desprotegidos da fortuna, sendo natural de Ferros neste Estado.

Além do Dr. Edelberto de Lellis e D. Virginia Amélia de Lellis Ferreira, residentes nesta cidade, deixa a falecida outros irmãos no Rio e em São Paulo (.....)”.

(Jornal “A Voz do Prata”, edição de 10 de outubro de 1937).

NOTA: O nome dela era Vitalina de Lellis Ferreira e faleceu em São Domingos do Prata.

Pesquisa sobre ela feita pelo padre Márcio Silva Souza:

“Foi uma das irmãs co-fundadoras das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade, em Caeté – MG. Viveu no Asilo São Luis, segundo relato e testemunho de irmã Salomé.

Estive no Instituto São Luis e encontrei o livro “O pioneiro da Serra da Piedade”, documentação para uma biografia do Monsenhor Domingos Evangelista Pinheiro. Vitalina deixou uma belíssima declaração ou pedido ao Monsenhor Domingos Evangelista para a fundação da Congregação das irmãs.”

FALECIMENTO DE D. VIRGINIA AMÉLIA DE LELLIS FERREIRA.

“Após curta e melindrosa enfermidade, faleceu nesta cidade na noite do dia 21 deste mês, aos 82 anos de idade, dona Virginia Amélia de Lellis Ferreira.

Boníssima criatura que sempre irradiava de si afetos, caridade e atenção sem limites, era a ilustre falecida uma dama de elevada projeção social neste município, no qual residiu durante 37 anos contínuos ao lado de seu irmão Dr. Edelberto de Lellis Ferreira.

Era natural do município de Ferros, sendo filha do major Camilo de Lelles Ferreira, que foi uma das maiores personalidades daquele município. (.....).

Além do Dr. Edelberto de Lellis Ferreira, clínico nesta cidade, deixa irmãos os Srs. Dr. Olímpio de Lellis Ferreira, médico no Estado de São Paulo, Farm. Carlindo Lellis Ferreira, da Academia Mineira de Letras e dona Adelina de Lellis Ferreira, residente no Rio de Janeiro.

Seu sepultamento realizado na tarde de 22, no cemitério do

Rosário (Em São Domingos do Prata), com recomendação feita pelo padre Geraldo Barreto Trindade, foi concorridíssimo”.

(Jornal “A Voz do Prata”, edição de 27 de agosto de 1944).

AUTO DE PARTILHA EXTRAÍDO DO ARROLAMENTO DE BENS DE VIRGÍNIA AMÉLIA LELLIS FERREIRA – COMARCA DE SÃO DOMINGOS DO PRATA – SETEMBRO DE 1944 – CARTÓRIO DO 3º OFÍCIO.

“AUTO DE PARTILHA.

Aos catorze dias do mês de maio de maio de mil novecentos e quarenta e cinco, nesta cidade de São Domingos do Prata, no cartório do terceiro ofício, às quinze horas, onde se achava o Exmo., sr. Dr. Fernando Gomes de Carvalho, Juiz de Direito desta comarca, comigo, escrivão de seu cargo no adiante nomeado e assinado, aí presente o advogado Dr. Geraldo Moraes Quintão, procurador dos interessados, declarou não haver separação de bens para os encargos do presente feito, uma vez que o espólio é representado somente em um depósito no Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais, no valor de mil cinquenta cruzeiros e oitenta centavos.

Em seguida fez o Juiz a partilha de modo que segue abaixo:

Achou o Juiz que o monte partilhável era de Cr\$ 1.050,80, em depósito feito pela finada DONA VIRGÍNIA AMÉLIA DE LELIS FERREIRA, no Banco acima referido, para ser dividida entre os herdeiros, irmãos da ‘de cujus’, e sendo estes em números de doze, vem a caber a cada um, a quantia de oitenta e sete cruzeiros e cinquenta e seis centavos (Cr\$ 87,56).

Assim feito o cálculo, fez o Juiz os pagamentos que abaixo se seguem:

Dos herdeiros Dr. Edelberto de Lelis Ferreira, Dr. Olímpio de Lelis Ferreira, Carlindo de Lelis Ferreira e Dona Adelina Elfrid de Lelis Ferreira, a herança, de cada um, haverá a importância de oitenta e sete cruzeiros e cinquenta e seis centavos (Cr\$87,56), de cada um, no depósito existente no Banco Comércio e Indústrias de Minas Gerais.

Dos herdeiros Camilo Oskar Ortmann Ferreira, Dr. Mário Ortmann Ferreira e Tenente Aviador Silvio Ortmann Ferreira, filhos do DR. CAMILO DE LELIS FERREIRA, já falecido, e, irmão da 'de cujus', a herança de cada um, haverá a importância de vinte e nove cruzeiros e dezoito centavos (Cr\$ 29,18), de cada um deles, no depósito existente no Banco Comércio e Indústrias de Minas Gerais.

Dos herdeiros José Procópio Ferreira e Benedito Ferreira, filhos de FRANCISCO PROCÓPIO FERREIRA, já falecido, a herança de cada um, haverá a importância de quarenta e três cruzeiros e setenta e oito centavos (Cr\$ 43,78), de cada um deles, no depósito existente no Banco Comércio e Indústrias de Minas Gerais.

Dos herdeiros Pedro Lellis Ferreira e Altivo de Lellis Ferreira, filhos do finado TEOFILO DE LELIS FERREIRA, a herança de cada um, haverá a importância de quarenta e três cruzeiros e setenta e oito centavos (Cr\$ 43,78), de cada um deles, no depósito existente no Banco Comércio e Indústrias de Minas Gerais.

Dos herdeiros José Maria Ferreira Maia, José Ferreira Maia, Maria de Lourdes Maia e Irmã Maria da Glória Ferreira Maia, filhos da finada SALVINA FERREIRA MAIA, a herança de cada um, haverá a importância de vinte e um cruzeiros e oitenta e nove centavos (Cr\$ 21,89), de cada um deles, no depósito no Banco Comércio e Indústrias de Minas Gerais.

Dos herdeiros, filhos da finada LEOPOLDINA FERREIRA MAIA, a herança de cada um, haverá a importância de oitenta e sete cruzeiros e cinquenta e seis centavos (Cr\$ 87,56), no depósito no Banco Comércio e Indústrias de Minas Gerais.

Dos herdeiros, filhos da finada dona MARIA RAIMUNDA FERREIRA MAIA, a herança de todos, haverá a importância de oitenta e sete cruzeiros e cinquenta e sete centavos (Cr\$ 87,57), no depósito no Banco Comércio e Indústrias de Minas Gerais.

Dos herdeiros farmacêutico José Ferreira Coelho, Wulmar Ferreira Coelho e outros irmãos, filhos da finada dona EMILIA ADELAIDE FERREIRA COELHO, a herança de todos, deverá a importância de oitenta e sete cruzeiros e cinquenta e seis centavos (Cr\$ 87,56), no depósito no Banco Comercial e Indústrias de Minas Gerais.

Dos herdeiros Monsenhor Alípio Odier de Oliveira e dona Alice Doralice de Oliveira, filhos da finada dona ANNA JOSEFINA DE

OLIVEIRA, a herança de cada um, haverá a importância de quarenta e três cruzeiros e setenta e oito centavos (Cr\$ 43,78), no depósito do Banco Comércio e Indústrias de Minas Gerais.

Feita assim está partilha, mandou o Juiz encerrar este auto que vai assinado pelo advogado do requerente ao qual o Juiz marcou o prazo de cinco dias, que correrá em cartório, para querendo, se manifestar sobre a mesma.

Eu, Francisco Braga, escrivão, o datilografei, subscrevo e assino. O Escrivão do Terceiro Ofício.”

NOTAS: Maria Raimunda Ferreira Maia aparece no Auto de Partilha não como herdeira, mas representando os seus filhos, fruto de seu casamento com José Cândido Ferreira Maia, esse sim irmão de Virgínia Amélia Lellis Ferreira.

Nos autos do Arrolamento “Lellis”, sempre vem escrito com um “L”

FALECIMENTO DE EMILIA ADELAIDE FERREIRA COELHO.

Faleceu na cidade de Guanhões, onde residia, a Sra. Emília Adelaide Ferreira Coelho, que contava 75 anos de idade. Era viúva de Pedro Coelho Pinto, antigo fazendeiro no distrito de Porto de Guanhões.

Era a distinta filha do Major Camillo de Lelles Ferreira e de Dona Delphina de Lellis Ferreira, chefe de numerosa prole, tendo sido o Major Camillo um dos primeiros do município de Ferros.

Senhora de virtudes, alma aberta à caridade, sempre viveu praticando o bem. Profundamente religiosa, foi confortada com todos os sacramentos da igreja, tendo conservado sua lucidez de espírito até os últimos momentos, morrendo cercada do carinho de seus filhos.

Do seu casamento deixou os seguintes filhos: Adelaide Ferreira Coelho Pereira da Silva, já falecida e que foi casada com o Senhor Américo Pereira da Silva, comerciante em Porto de Guanhões.

Farmacêutico Vulmar Coelho, chefe de seção da Secretária das Finanças e José Ferreira Coelho Pinto, residente em Braúnas de Guanhões, sendo o primeiro (Vulmar) casado com d. Amélia de Almeida e o segundo (José) com d. Maria José de Mello.

Clovis Coelho, oficial do Exército, casado com d. Olga Coelho, residente em Porto Alegre, Sylvia Ferreira Coelho, casada com o sr. Pedro Rabello e professora pública em Travessão de Guanhões e as senhoritas Maria, Dagmar, Benedita e Carmelita, sendo esta já falecida. Deixa também vários netos entre os quais Maria e Geraldo Pereira Coelho...”

Jornal “Correio da Manhã”, 1941, RJ.

A SEGUIR PESQUISAS DA LAVRA DO PADRE MÁRCIO SILVA E SOUZA, TAMBÉM DESCENDENTE E PÁROCO EM BELO HORIZONTE.

JOSÉ CÂNDIDO FERREIRA MAIA (bisavô do padre Márcio) E FILHO DO MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA.

José Candido Ferreira Maia era filho do Major Camilo de Lelles Ferreira e de Anna Claudina de Lellis Ferreira. Casou com Dona Mariquinha (Maria Raimunda de Lellis Ferreira) em Santana dos Ferros e tiveram filhos e filhas dos quais: Miguel, Julieta, Camilo, Custódio, Raul (tio Dengó), Alice, Maria Nazareth (tia Cota), Gustavo e Waldemar. (Eram tios do padre Márcio Silva Souza).

Consta na secretaria paroquial de Ferros, vários batistérios dos filhos de vovô Zezé (é o padre Márcio falando). Ele foi matriculado no Colégio do Caraça, em 12 de outubro de 1892, com seus irmãos Carlindo e Alceu. Há um erro na inscrição do Major Camilo. Está escrito Major Carvalho de Lellis Ferreira, mas tudo indica que são os mesmos filhos de Camilo e confirma que são irmãos.

Não obtive informação se José Cândido se formou e em que área, mas na tradição de minha família me informaram que ele tinha uma fazenda em Ferros.

(.....) Algumas informações familiares afirmam que José Candido teria morado em Carmésia e após falecer sua esposa mudou-se para Mesquita – MG.

Suas filhas foram colocadas no Asilo São Luis, das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade, Alice, minha avó e Maria Nazareth (Tia Cota).

Havia uma das religiosas que era sua irmã com o nome de Vitalina de Lellis Ferreira, conhecida como irmã Luísa Carmelitana. Alice ficou por alguns anos e voltou para casa por que tinha perspectiva em casar-se. Tia Cota ou Cotinha permaneceu no asilo São Luis e viveu por mais de 100 anos e lá foi sepultada.

(.....). Dos filhos de José Cândido Ferreira Maia, Maria Nazaré Ferreira Maia (tia Cota), nasceu em Ferros e viveu até 101 anos no asilo São Luis em Caeté.

Julieta Ferreira Maia nasceu em Ferros em 09.01.1887 e foi batizada em 30.12.1887, sendo padrinhos João Altino Soares e Adelina E. Soares.

Rui Ferreira Maia – Tio Dengó, viveu e morreu em Mesquita.

Miguel Raimundo Ferreira Maia (casado com Leonidia Maia) nasceu em Ferros em 02.01.1882 e foi batizado em 30.12.1882, sendo padrinhos: Pe. Miguel Sipolis (francês da Congregação de São Vicente – padres Lazaristas do Caraça) e Raymunda Rodrigues de Moura.

Camilo de Lellis Ferreira Maia nasceu em Ferros em 13.01.1878 e foi batizado em 13.03.1878, sendo padrinhos: Camillo de Lellis Ferreira e Maria Cândida Maia.

Custódio Ferreira Maia, sem informações. Gustavo Ferreira Maia morreu em Mesquita – febre tifo – casado com Tia Nicota.

Waldemar Ferreira Maia (casado com Tia Cica) viveu em Coronel Fabriciano.

Alice Ferreira Maia nasceu em 1891 em Santana dos Ferros, sendo batizada no mesmo ano, tendo como padrinho o padre João Camargo e faleceu em 05 de abril de 1964, em Itabira, aos 73 anos de idade.

Houve algum problema na partilha dos bens de José Cândido, ficando concentrado nas mãos de Camilo Lellis Ferreira Maia. Creio que o filho mais velho.

ALICE FERREIRA MAIA (avó do padre Márcio).

O sobrenome Maia vem de minha avó Alice, embora seu sobrenome, por parte paterna, era Ferreira Maia. Seus filhos herdaram o seu sobrenome: José do Patrocínio Maia, Avelar Gonzaga Maia, Raimundo da Silva Maia, Antônio Maia e Sebastião Lemos da Silva Maia e minha mãe Dagmar Maria Auxiliadora da Silva Maia (depois Souza).

Alice casou-se com José de Deus da Silva Sérvulo (filho de Antônio Firmino da Silva) e viveram a primeira fase de seu matrimônio em Mesquita-MG.

José de Deus era viúvo e artesão (pintor barroco) e teve um filho que se chamava Miguel e que morreu ainda criança. Não se sabe bem se “Sérvulo” era sobrenome ou foi acrescento do nosso avô ao seu nome. Suspeita-se que “Sérvulo” é um sobrenome de origem hebraica. O certo, é que ninguém herdou este “sobrenome”.

Nós herdamos o sobrenome “Souza” por parte do pai e já temos através algumas informações da família Souza, que é de Itabira há várias gerações. O sobrenome Silva de José de Deus (vovô Juca) não prevaleceu sobre os netos, apenas por mim, Márcio Silva Souza.

Como nos concentramos na ascendência materna, os dados aqui contidos são sobre a família “Ferreira Maia”.

Alice Ferreira Maia era filha de José Cândido Ferreira Maia e Dona Maria Raimunda Ferreira Maia (Dona Mariquinha). Tomou, portanto, o sobrenome de Ferreira Maia.

Os troncos das famílias Lellis Ferreira e Oliveira Maia se uniram desde a geração do Major Camillo de Lelles Ferreira.

Não sei como encontro na família do Major Camillo o sobrenome Maia, mas havia muitas pessoas com esse sobrenome em Ferros, São Sebastião do Rio Preto, inclusive o fundador desta Cidade e Guanhães.

Alice nasceu em 1891 em Santana dos Ferros e faleceu em 05 de abril de 1964, em Itabira aos 73 anos de idade. (.....). Alice ainda viveu por um período no Asilo São Luiz Gonzaga em Caeté. Após voltar para sua terra casou-se com José de Deus da Silva e morou nas cidades de Mesquita, Santana do Paraíso e Itabira onde fixou residência definitiva.

NOTA: No parágrafo acima, termina o material me enviado pelo padre Márcio Silva Souza.

FRANCISCO PROCÓPIO DE SOUZA FERREIRA – FILHO DE CAMILLO DE LELLES FERREIRA – MEU BISAVÔ MATERNO.

Descobri por acaso, outro irmão do Dr. Edelberto de Lellis Ferreira (deve ser do segundo casamento de Camillo de Lelles Ferreira). Ele se chamava FRANCISCO PROCOPIO DE SOUZA FERREIRA.

Era professor em sua terra natal Sant'Anna de Ferros. Por ter votado em um candidato a deputado que acabou sendo derrotado, foi, em represália, através da interferência do deputado vencedor e majoritário na região, transferido para a freguesia de Dolores de Guanhanes (atual município de Guanhanes).

Ele disse ter votado, ciente da obediência que devia ao seu pai Camillo de Lelles Ferreira, no candidato indicado por ele.

Em face da remoção ele apresentou uma reclamação junto a Assembleia Provincial.

Na Sessão de 31/10/1882, a sua reclamação foi objeto de discussão na referida Assembleia, da qual reproduzo apenas parte:

-Deputado Manoel Fulgêncio – “Sr. presidente, por diversas vezes temos clamado nesta tribuna contra as remoções acintosas e injustas fulminadas contra professores públicos, que aliás são garantidos pelo regulamento n. 84.

Sabe V. Excia. que este regulamento determina expressamente que os professores vitalícios não podem ser removidos, senão a seu pedido, ou depois de proceder-se a certas formalidades ali estabelecidas.

Entretanto, acaba de chegar-me às mãos uma reclamação do professor de Sant'Anna dos Ferros, Francisco Procópio de Souza Ferreira, acompanhada de diversos documentos, em que solicita, se

é possível, o intermédio da assembleia para a reintegração na sua cadeira, visto ter sido removido ilegalmente d'aquela freguesia para a de Dores de Guanhões, do município de São Miguel e Almas.

-Deputado Drumond (o majoritário e responsável pela remoção. Era natural de Itabira) – Não apoiado; a remoção foi legal, está nos limites da lei.

-Deputado M. Fulgêncio – Vou provar à V. Excia. que não está nos limites da lei, que foi uma remoção acintosa e ilegal e estou certo de que o sr. presidente da província, atendendo as razões e documentos que vou apresentar, reconsiderará o ato injusto que praticou.

Esse professor, segundo os documentos que me enviou, foi declarado habilitado nas matérias exigidas para a cadeira em que leciona, por ato de 4 de maio de 1881 e declarado vitalício por ato de 6 de junho do mesmo ano.

É, portanto, um professor vitalício e como tal não podia ser removido senão a seu pedido, ou procedendo as formalidades estabelecidas pelo regulamento n. 84 com audiência do mesmo professor.

-Deputado Drumond – Garanto à V. Excia, que procederam as formalidades.

- Deputado M. Fulgêncio – Não procederam tal. Esse professor escreveu-me dizendo que foi surpreendido com a sua remoção para Dores de Guanhões e, além disso, tenho testemunhos das diversas autoridades d'aquela localidade, do delegado de instrução pública, do juiz de paz, do vigário, de todos os homens sensatos de um e outro lado político, que clamam e muito justamente contra essa remoção acintosa, injusta e ilegal, fulminada contra um professor que exercia o cargo há dez anos, sem nunca ter merecido a menor censura de seus superiores.

Aqui estão um abaixo assinado de liberais e conservadores, das pessoas mais promissoras do lugar, atestado do juiz de paz, do vigário e do delegado de instrução pública, declarando que estão inteiramente surpreendidos com semelhante remoção, porque este professor é um dos bons que existem em nossa província.

Posteriormente, o deputado apresentou manifestações de diversas autoridades, eleitores, fazendeiros, pais de famílias, pertencentes tanto ao partido conservador quanto ao liberal, de Sant'Anna de Ferros a favor do professor e indignados com a remoção.

COMO SEI QUE ELE ERA FILHO DE CAMILLO DE LELLES FERREIRA.

Francisco Procópio de Souza Ferreira, em 20 de setembro de 1882, enviou uma correspondência ao jornal de Ouro Preto, denominado “A Província de Minas”, e este a publicou em sua edição do dia 20 de outubro de 1882.

Na publicação, além de mostrar, entre outras coisas, as suas qualificações e a injustiça da remoção, o irmão do Dr. Edelberto, diz em certa altura:

“...Creio sr. redator, que o meu grande crime é ter votado no digno professor José Bento, a pedido de meu venerando pai o sr. Major Camillo de Lelles Ferreira, a quem por dever de obediência devia servir.

NOTA: Posteriormente descobri na comarca de São Domingos do Prata o “Arrolamento de bens” de Virgínia Amélia Lellis Ferreira e nele ele consta como sendo seu irmão e como tal também de Edelberto de Lellis Ferreira.

O Arrolamento iniciou-se em 1944 e nele os seus filhos é que são arrolados como herdeiros, posto já ter o mesmo falecido, mas o endereço que no edital constou, foi ainda o de Guanhões.

Era pai de José Procópio Ferreira e Benedito Ferreira.

PENSÃO SALVINA MARIA FERREIRA MAIA. OUTRA FERRENSE, FILHA DO MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA.

Grande descoberta familiar fiz ao deparar-me com uma propaganda da pensão em epígrafe, publicada no jornal “O Piracicaba”, edição do dia 08 de março de 1903.

Na publicidade, na qual não constava o endereço, estava escrito:

**“PENSÃO.
DE
SALVINA MARIA FERREIRA MAIA.**

Para alunos que pretendem frequentar a ESCOLA NORMAL

25\$000 mensais, entrando lavagem de roupa.”

Na edição do dia 14 de junho de 1903, o referido jornal publicou:

“De volta de sua viagem à cidade de Ponte Nova acha-se na cidade a Exma. Sra. D. Salvina de Lellis. Em sua companhia veio a senhorita Maria da Glória Ferreira Maia, sua gentil filha que terminou há pouco, com muito brilhantismo seu tirocínio escolar na Escola Normal daquela cidade, recebendo o respectivo diploma.”

NOTA: Ela nasceu em Ferros e era irmã do Dr. Edelberto de Lellis Ferreira, filha da segunda esposa de seu pai, Major Camillo de Lelles Ferreira.

O seu pai, Major Camillo, no final da vida, saiu de Ferros e foi viver em Bento Rodrigues, distrito de Mariana, para ficar mais de perto de alguns de seus 25 filhos (frutos de dois casamentos. O 1º, com a mãe de Dr. Edelberto).

Lá ele faleceu em 05 de fevereiro de 1889, mesma data em que Dr. Edelberto completava 21 anos. Em 1899, formando em medicina no Rio de Janeiro, Dr. Edelberto foi clinicar e residir em São Domingos do Prata. Supõe-se portanto, que Malvina foi residir na cidade de seu irmão e lá teria falecido.

A filha, Maria da Glória Ferreira Maia, virou irmã de caridade.

Salvina era casada com Júlio Ferreira Maia. Eram residentes em Dolores de Guanhanes – MG. Os filhos de Salvina eram: a irmã Glória, freira carmelita, Nodge Siqueira Maia – médico e casado com Eulália de Castro Maia, Jorge Ferreira Maia, José Ferreira Maia que era casado com Anna Siqueira Maia e eram pais do Dr. Rubens Siqueira Maia, que foi prefeito de Antônio Dias e Coronel Fabriciano.

José Ferreira Maia contraiu seu segundo matrimônio com Maria Nazareth Ferreira Maia e tiveram dois filhos: Maria Auxiliadora

Ferreira Maia e Paulo Edelberto Ferreira Maia e também adotou como filho Wilson Maia.

NOTAS BIOGRÁFICAS DO MONSENHOR ALYPIO ODIER OLIVEIRA.

(FERRENSE, FILHO DE ANA FERREIRA DE OLIVEIRA, QUE POR SUA VEZ ERA FILHA DO MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA)

Nasceu em Ferros, em 1870. Foi sacerdote em sua terra natal de 1908 a 1926.

Deixou a paróquia por convocação do arcebispo Dom Helvécio Gomes de Oliveira, para ocupar o cargo de vigário geral da arquidiocese de Mariana.

Posteriormente, foi promovido a monsenhor, continuando a comandar a arquidiocese de Mariana, vindo a falecer neste município.

Em 1940, escreveu o livro “Traços biográficos de Dom Silvério Gomes Pimenta”, em homenagem ao centenário de Dom Silvério.

Na cidade de Ferros existe, em pleno centro, a praça Mons. Alípio Odier de Oliveira, assim como tem a praça Major Camillo Lelles (pai de sua mãe Ana Ferreira de Oliveira).

Foi também Presidente da Câmara de Vereadores e Agente do Executivo, por duas legislaturas, do município de Ferros.

NOTA: Ele, assim como os ferrenses Dr. Edelberto de Lellis Ferreira (seu tio), cônego João Pio de Souza Reis e o advogado Dr. Claudiano Drummond, fazem parte da história de São Domingos do Prata, como consta em diversos de meus livros,

TRADUÇÃO DA CARTA DE MONSENHOR ALYPIO A SUA TIA ADELINA AMÉLIA LELLIS FERREIRA, FILHA DO MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA, DATADA DE 20 DE MARÇO DE 1957.

“Mariana, 20 de março de 1957.

Caríssima Adelina.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

A sua saúde, de Guiomar e Zezé vem sendo objeto de minhas orações com um momento especial nas missas de todas as manhãs, e especialmente para que Nosso Senhor nos conceda suas melhores bênçãos.

Tenho demorado em dar-lhes minhas notícias, que nem sempre são lisonjeiras, pois o meu estado de saúde continua merecendo cuidados, não só com relação às afecções do meu velho coração, como pela idade, pois sabe que ando bem perto dos 87 janeiros, e já com 62 anos de sacerdócio; mesmo assim continuo a despachar em casa todo o expediente do Arcebispado, celebrando diariamente a santa missa em minha capela doméstica, nas quais rezo sempre pelos parentes vivos e pelos que já se foram caminho da eternidade, reservando uma missa especial para cada um deles nos dias aniversários de sua morte, além de lhes consagrar ainda um dia coletivamente para todos, em cada missa, cabendo ainda amanhã uma especial para a saudosa tia Mariquinha pelo segundo mês de sua morte.

Como no dia 6 deste foi a de nossa senhora mamãe (Era filho de Ana Ferreira de Oliveira. Parece ter tido o apelido de Sinhana), falecida há 19 anos, na madrugada desse dia.

Não sei dar bastante graças a Deus por eu ter feito sacerdote e especialmente pela facilidade de ser útil espiritualmente aos caros parentes e amigos, vivos e mortos.

Reiterando a você e a todos os nossos de sua casa o meu afeto de sempre, abraço-os com todo o coração do velho Monsenhor Aypio.”

ALGUMAS NOTÍCIAS ANTIGAS SOBRE SANT’ANNA DOS FERROS.

EMBORA O ARTIGO FALE EM DISTRITO ELEITORAL, SANT’ANNA DOS FERROS NESSA ÉPOCA TINHA O SEU TERRITÓRIO SUBORDINADO

DISTRITO ELEITORAL — 1858 _ FREGUESIAS DE ITABIRA E SABARÁ –

No distrito eleitoral simples, os candidatos somente disputam os eleitores (votos), nos municípios designados com antecipação.

No império e no início da república esse sistema foi utilizado. Atualmente, infelizmente, ele caiu em desuso.

São Domingos do Prata, à época freguesia de Itabira, fazia parte do 4º Distrito Eleitoral.

Este 4º distrito era capitaneado por Itabira e todas as suas freguesias de então.

O jornal Correio Oficial de Minas Gerais, edição de 22.02.1858, listou todos os distritos eleitorais da época, entre eles os de Itabira e Sabará, com as suas respectivas freguesias.

São eles:

QUARTO DISTRITO ITABIRA E SUAS FREGUESIAS.

“O quarto distrito tem por cabeça a cidade de Itabira e compreende as freguesias de Itabira, São José da Lagoa (atual Nova Era), São Gonçalo do Rio Abaixo, São Miguel do Piracicaba (atual Rio Piracicaba), Santa Bárbara, São Domingos do Prata, Morro do Gaspar Soares, Sant’Anna de Cocaís, Catas Altas do Mato Dentro, SANT’ANNA DOS FERROS (atual Ferros), Antônio Dias abaixo, Sant’Anna do Alfié (atual Alfié – distrito de São Domingos do Prata), Joanésia e Cuiethé (É o atual município de Conselheiro Pena, com o nome de Cuité Velho), formando um colégio, que se reunirá na matriz da cidade de Itabira.

TERCEIRO DISTRITO SABARÁ E SUAS FREGUESIAS.

O terceiro distrito tinha “por cabeça a cidade de Sabará e compreendia as Freguesias de Sabará, Raposos, Congonhas de Sabará (atual Nova Lima), Caeté, Lapa (atual Ravena, distrito de Sabará), Curral D’El Rei (atual Belo Horizonte), Capela Nova de Betim (atual Betim), Piedade da Paraopeba (atual Paraopeba), Santa Luzia, Santíssimo Sacramento da Barra de Jequitibá (atual Jequitibá), Santo Antônio do Rio Acima, Lagoa Santa, Contagem, Matozinhos, Roças-Novas, São João Batista do Morro Grande (atual Barão de Cocais) e traíras, formando um colégio que se reunirá na matriz da cidade de Sabará.”

NOTA: Trechos, com algumas adaptações, extraídos do meu livro “Revivendo a história de São Domingo do Prata” – 1ª e 2ª edição.

SANT’ANNA DOS FERROS EM 1882 -

POVOADOS DE ITABIRA E SANTA BÁRBARA – 1882 –

O jornal “Liberal Mineiro”, em sua edição de 1º de agosto de 1882, publica os nomes de povoados pertencentes a diversos municípios da província de Minas Gerais, entre eles, os de Santa Bárbara e Itabira.

ITABIRA: N. S. do Rosário de Itabira do Mato Dentro, N. S. do Carmo, Santa Maria, SANT’ANNA DOS FERROS, S. Sebastião do Parayba do Mato Dentro, Sete Cachoeiras, N. S. do Nazareth de Antônio Dias Abaixo, São José Lagoa, Sant’Anna do Alfié.

SANTA BÁRBARA: S. Antônio do Ribeirão de Santa Bárbara, Rio São Francisco, São Gonçalo do Rio Abaixo, São João do Morro Grande, Brumado, N. S. do Rosário de Cocais, São Miguel de Piracicaba, N.S. da Conceição de Catas Altas do Mato Dentro, São Domingos do Prata, S. Bom Jesus do Amparo do Rio São João.

NOTA: Extraído do meu livro “São Domingos do Prata no período imperial”. 1ª e 2ª edição.

CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SANT'ANNA DOS FERROS. (1884)-

113

O Dr. Olegário Herculano d'Aquino e Castro, presidente da província de Minas Gerais, fez saber a todos os seus habitantes, que a Assembleia Legislativa Provincial decretou e ele sancionou a lei nº 3195, de 23 de setembro de 1884, na qual:

Artigo 1º - É criado o município de Sant'Anna dos Ferros, compostos das freguesias de Sant'Anna dos Ferros, Joanésia e Sete Cachoeiras, desmembradas do município de Itabira.

§ único. O novo município, onde são criados todos os ofícios de justiça, terá por sede a freguesia da Sant'Anna dos Ferros e fica pertencendo à comarca do Piracicaba.

Art. 2º - Fica revogada a lei que criou a freguesia do Rosário de Ferros, cujo território é incorporado ao da freguesia de Sant'Anna dos Ferros.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

NOTA: Extraído do meu livro “São Domingos do Prata no período imperial”. 1ª e 2ª edição. Ver a lei na íntegra nas páginas 129/130.

CONSTRUÇÃO DE PONTE SOBRE O RIO SANTO ANTÔNIO EM SANT'ANNA DOS FERROS. PEDÁGIO – 1877 –

O Dr. João Capistrano Bandeira de Mello, do Conselho de S.M. o Imperador, lente jubilado da Faculdade de Direito do Recife, comendador da Imperial Ordem da Rosa e Presidente da Província de Minas Gerais, faz saber a todos seus habitantes, que a Assembleia Legislativa Provincial decretou e ele sancionou a lei nº 2377, de 25 de setembro de 1877, em que se estabeleceu:

Art. 1º - Fica o governo autorizado a despendar a quantia necessária com a conclusão da ponte sobre o Rio Santo Antônio, no arraial de Sant'Anna dos Ferros, município de Itabira, precedendo orçamento e retirando para esse fim a precisa quantia do orçamento provincial, verba: Obras públicas.

Art. 2º - Quando não apareça quem se proponha a arrematar a obra, fica o mesmo governo autorizado a mandar concluí-la por administração, que confiará a quem melhores condições oferecer.

Art. 3º - Logo que a ponte seja franqueada ao trânsito, cobrar-lhe-ão nela as seguintes taxas:

De cada pessoa a pé, quarenta réis.

De pessoa a cavalo, cento e vinte réis.

De animal cargueiro, cento e vinte réis.

De animal vacum, cavalariço ou muar, solto, quarenta réis.

Sendo, porém, ferrado, sessenta réis.

De animais tocados em lotes, cobrar-se-ão: de cada um até 50, quarenta réis, dos que excederem a 50, de cada um, trinta réis.

De cada animal suíno, cabras (cabrum) e ovelhas (lanígeros), vinte réis.

Art. 4º - É proibido o trânsito de carros e, para evitá-lo, serão colocadas grades (frades), nas entradas da ponte.

Art. 5º - As taxas serão cobradas como renda pro-provincial, até que o seu produto líquido seja bastante para indenizar a Província das quantias despendidas com a construção da ponte, ficando daí em diante municipalizadas.

Art. 6º - Ficam isentos do pedágio os que transitarem pela ponte, os empregados públicos e os moradores vizinhos até três quilômetros e os que passarem na mesma a pé.

Art. 7º - O Governo expedirá regulamento para a cobrança das taxas, nomeando o respectivo empregado ou empregados.

Art. 8º - Ficam revogadas as disposições em contrário.

NOTA: Extraído do meu livro “São Domingos do Prata no período imperial”. 1ª e 2ª edição.

CRIAÇÃO DE ESCOLA EM DISTRITO DE SANT'ANNA DOS FERROS.

“Cria cadeiras primarias para o sexo masculino na povoação do Sacramento Pequeno, freguesia de S. Domingos do Prata, município de Santa Bárbara, e na povoação de Caratinga, freguesia de Joanésia, município de SANT’ANNA DOS FERROS

O Barão de Camargos, vice-presidente da província de Minas Gerais: Faço saber a todos os seus habitantes, que a assembléa legislativa provincial decretou, e eu sancionei a lei seguinte;

Art. único. Ficam criadas cadeiras de instrução primaria para o sexo masculino na povoação do Sacramento Pequeno, freguesia de S. Domingos do Prata, município de Santa Bárbara e na povoação de Caratinga, freguesia de Joanésia, município de SANT’ANNA DOS FERROS; revogadas as disposições em contrário.”

NOTA: Extraído do meu livro “São Domingos do Prata no período imperial”. 1ª e 2ª edição.

SANT’ANNA DOS FERROS FAZIA LIMITE COM SÃO DOMINGOS DO PRATA.

“ÁREA E LIMITES.

O município de São Domingos do Prata ocupa um terreno calculado aproximadamente de N. a S. (norte a sul), isto é, de uma reta tirada do Piracicaba ao São Bartholomeu, em 108 quilômetros.

De L. a O. (leste a oeste), isto é, da Barra do Sacramento à cabeceira do Cobras, em 112 quilômetros. Limita-se a L. (leste) com o município de Caratinga, pelo Rio Doce.

A S. e a S. O. (sul e sudoeste) com o de Ponte Nova, pelo mesmo rio, a S. e a S. O. com o município de Alvinópolis, pelas vertentes do São Bartholomeu inclusive, e Prata.

A O. (oeste) com o de Santa Bárbara e ao N (norte) com o de Itabira e FERROS.

NOTA: Extraído do meu livro “Revivendo a história de São Domingos do Prata”. 1^{oa} e 2^a edição.

DISTÂNCIAS ENTRE A SEDE DO MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS DO PRATA E FERROS – POR VOLTA DE 1893.

Quanto às distâncias em léguas, é outro fator interessante já que, como se sabe, os metros que correspondem a cada légua variam de região a região.

No caso tomarei como parâmetro o dito, em 1894, pelo Dr. Antonio Serapião de Carvalho e a notícia publicada pelo jornal “A Voz do Prata” em 1943, ambos inseridos no livro digital “Revivendo a História de São Domingos do Prata”, (1^a e 2^a edição), reproduzida a seguir:

“As distâncias da sede desse município para os municípios vizinhos são as seguintes:

22 léguas (132 quilômetros) para FERROS.

10 léguas (60 quilômetros) para Santa Bárbara.

9 léguas (54 quilômetros) para Itabira.

14 léguas (84 quilômetros) para Ponte Nova.

7 léguas (42 quilômetros para Alvinópolis).

Por conseguinte, nessa época e região, cada légua tinha seis quilômetros.”

DIVISA DE FERROS COM SANT’ANNA DO ALFIÉ, DISTRITO DE SÃO DOMINGOS DO PRATA.

Este distrito limita-se com os de Antonio Dias-Abaixo e São José da Lagoa (então pertencente ao município de Itabira), com os de São

Sebastião do Dionísio e da cidade de São Domingos do Prata e com territórios de Caratinga e FERROS.

NOTA: Extraído do meu livro “Recontando a história de São Domingos do Prata”. 1ª e 2ª edição.

SANT’ANNA DOS FERROS CONFINANDO COM O MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS DO PRATA, EM 1907.

“Este município (São Domingos do Prata) é confinante com os de Itabira de Matto Dentro a noroeste do rio Piracicaba; SANT’ANNA DOS FERROS; com Caratinga e Ponte Nova, pelo Rio Doce, a leste e sudeste; Alvinópolis e Santa Bárbara ao sul e sudeste, pelos rios São Bartholomeo, Prata e Santa Bárbara.”

(FONTE: ‘Annuario de Minas Gerais’, ano de 1907, página 289).

NOTA: Extraído do meu livro “São Domingos do Prata no período imperial” – 1ª e 2ª edição.

CACHOEIRA ESCURA NO RIO DOCE CONFINA COM SANT’ANNA DOS FERROS.

“A Cachoeira Escura fica no Rio Doce, próxima do vértice formado pelos rios Doce e Piracicaba, em território comum aos quatro municípios:

de São Domingos do Prata, no vértice; de Caratinga, pelo lado direito; e de Antonio Dias e SANT’ANNA DOS FERROS, pelo lado esquerdo.”

NOTA: Extraído do meu livro “São Domingos do Prata: Fragmentos de sua história”. 1ª e 2ª edição.

**NAVEGAÇÃO FLUVIAL EM SÃO DOMINGOS DO PRATA, REGIÃO
E NO RIO SANTO ANTÔNIO, EM SANT'ANNA DOS FERROS.**

Na Sessão da Câmara de Deputados de Minas Gerais, (hoje Assembleia Legislativa), o Deputado Norberto Lage apresentou o seguinte projeto de lei:

“Presidente, pedi a palavra para apresentar à consideração da Câmara dos srs. Deputados um projeto de lei que trata de um assunto da máxima relevância: A navegação fluvial.

No nordeste do Estado, zona que mais diretamente represento nesta Casa, há, como os meus colegas sabem, diversos rios que, dotados de uma regular navegação, concorrerão muitíssimo para o desenvolvimento daquela zona, trazendo, além disso, para o erário público, novos recursos e ao Estado, grande progresso.

Um desses rios, sr. Presidente, é o denominado RIO DOCE que, desde a foz do PIRACICABA até à CACHOEIRA ESCURA, se presta admiravelmente à navegação, sem ser preciso o menor esforço nesse sentido.

Dessa cachoeira, onde existe uma estação da Estrada de Ferro Vitória à Diamantina, até à foz do SANTO ANTÔNIO (rio), digamos mesmo, até o porto da FIGUEIRA, já no município de PEÇANHA, onde há também outra estação da mesma ferrovia, não existe a menor causa que dificulte o serviço de uma boa navegação.

Somente da foz do SANTO ANTÔNIO à cidade da minha residência SANT'ANNA DE FERROS, é que existem algumas corredeiras.

Entretanto, essa dificuldade será resolvida sem muito trabalho, porquanto, no tempo chuvoso, com as cheias do rio, tais corredeiras desaparecerão, deixando o rio entregue à navegação o que muito facilitará a saída dos produtos daquela zona.

É verdade que temos a estrada de ferro que margeia a esquerda do RIO DOCE, desde as divisas do Espírito Santo até o meu município.

Entretanto, sobre ser nessa estrada o frete caríssimo e visar ela somente o transporte de minério de ferro, não pode ainda essa empresa levar a sua construção até o local onde há a gigantesca jazida de minério: Itabira de Matto Dentro e isso pelo fato de ser necessária a transposição de uma mata cuja salubridade põe em perigo todos aqueles que, naquelas paragens, ousam permanecerem alguns dias.

A razão desse fato, sr. Presidente, como V. Excia. e os meus colegas sabem, é lógica.

O rio, nos tempos chuvosos, alaga-se extraordinariamente, carregando em suas águas tudo aquilo que nele cai.

Com a vazante todos esses detritos são atirados às margens e devido à putrefação dos mesmos, espalha-se pela zona a malária, febre palustre e outras de origem ‘typhica’, havendo, entretanto, lugares e povoados salubres como, por exemplo, SANTO ANTÔNIO DOS CALLADOS e GRAMMA, que são prósperos e ricos e de grande produção agrícola.

O distrito de SANT’ANNA DO PARAISO, pertencente ao município de FERROS, constituído em sua maioria por grandes florestas, é composto de terrenos pertencentes ao Estado.

Está quase todo desocupado apenas habitado por pequenos e humildes lavradores, que para ali vão à procura do sustento e subsistência de suas famílias.

Entretanto, Sr. Presidente, houvessem meios fáceis de transportes, já a importância dessas lavouras seria de lucrar o tesouro público.

Pontes naqueles rios ou estradas de rodagem por aquelas paragens, coisas dispendiosíssimas e de difícil conservação, de modo algum poderia prestar serviços àquela população, porquanto, no tempo das chuvas elas se tornarão imprestáveis.

É justamente, sr. Presidente, a navegação fluvial que vai sanar esse grande inconveniente, razão porque entendo de bom alvitre a apresentação do projeto que tenho em mãos e que, de vez, vai resolver o assunto.

Sr. Presidente, reclamar para aquela zona meios fáceis de transporte é prestar grande serviço aos seus habitantes, dignos de melhor sorte.

Como a Casa sabe, ao lado esquerdo do RIO DOCE temos o município de FERROS, que, embora limítrofe com os de GUANHÃES, MANHUAÇU, CARATINGA E SÃO DOMINGOS DO PRATA, todos do lado direito do mesmo rio, não tem senão difícilíssima comunicação com aqueles seus irmãos, devido à falta de navegação de que fala meu projeto.....”

(Letras garrafais por minha conta).

NOTA: O projeto de lei do Deputado acima nomeado se converteu na Lei nº 720, de 30 de setembro de 1918, assim redigida, em ortografia atual:

“Autoriza o governo a organizar o serviço de navegação em diversos trechos dos rios Piracicaba, Doce e Santo Antônio.

O povo do Estado de Minas Gerais, por seus representantes, decretou e eu, em seu nome, sanciono a seguinte lei:

Art. 1º - Fica o governo autorizado a contratar, com quem maiores vantagens oferecer, o serviço de navegação nos rios Piracicaba, Doce e Santo Antônio, a partir do ponto em que for mais conveniente do Rio Piracicaba, onde comunique SÃO JOSÉ DO GRAMMA, município de SÃO DOMINGOS DO PRATA, com Sant’Anna do Paraíso, distrito do município de SANT’ANNA DOS FERROS, descendo até a cachoeira Escura, no Rio Doce, e desde a foz do RIO SANTO ANTÔNIO acima até a foz do Rio Preto, neste e o Rio Doce abaixo até a Figueira.

Art. 2º - Nos lugares onde for impossível a desobstrução de corredeiras, far-se-ão estações para baldeação em elevadores para os transportes.

Art. 3º - revogam-se as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução desta lei pertencerem que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém.

O Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria, Terras, Viação e Obras Públicas a faço imprimir, publicar e correr.

Dada no Palácio da Presidência do Estado de Minas Gerais, em Belo Horizonte, aos 30 de setembro de 1918.

Artur da Silva Bernardes.

Clodomiro Augusto de Oliveira.” (Letras garrafais por minha conta).

NOTA: Extraído do meu livro “São Domingos do Prata: Fragmentos de sua história”. 1ª e 2ª edição.

DISPUTA QUANTO AOS LIMITES, DO DISTRITO DE MELLO VIANNA, ENTRE OS MUNICÍPIOS DE ANTÔNIO DIAS E SÃO DOMINGOS DO PRATA, COM ARBITRAGEM DE FERROS.

“DECRETO N. 7.365, DE 21 DE SETEMBRO DE 1926.

Marca prazo à CÂMARA MUNICIPAL DE FERROS para assinar o termo de compromisso na questão de limites com os municípios de São Domingos do Prata e Antônio Dias, relativamente ao distrito de Mello Vianna.

O Presidente do Estado de Minas Gerais, de conformidade com o estabelecido nos §§ 1º e 2º do art. 3º da lei n. 914, de 9 de agosto findo, resolve marcar o prazo de sessenta dias, a contar da data da publicação deste no órgão oficial, para que a CÂMARA MUNICIPAL DE FERROS assine na Secretaria do Interior o termo de compromisso na questão dos limites com os municípios de ANTONIO DIAS E SÃO DOMINGOS DO PRATA, relativamente ao distrito de MELLO VIANNA, nos termos dos arts. 3º e 4º da lei n. 830, de 7 de setembro de 1922.

Palácio da Presidência do Estado de Minas Gerais, em Belo Horizonte, 21 de setembro de 1926.

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada.

NOTA: Extraído do meu livro “São Domingos do Prata: Fragmentos de sua história”. 1ª e 2ª edição.

ESTRADA DE FERRO E O MUNICÍPIO DE FERROS.

(A reivindicação é de São Domingos do Prata).

“É nosso propósito fazer chegar à superintendência da Leopoldina a uberdade (fertilidade) de nosso solo, a exportação do município e da zona que tráfegará em demanda de colocar seus produtos transitando por essa via-férrea, uma vez tocando nesta cidade.

É sabido que grande ou a maior parte dos fazendeiros deste município, Itabira, FERROS, Peçanha, Guanhões e outros lugares, exportam seus produtos pela Central, isto é, por Sabará ou Ouro Preto, mas que o frete que a Leopoldina exige pelo café, por exemplo, fosse igual ao da Central, os agricultores destes municípios preferirão a estação mais próxima, assim como o comércio deixaria também, por sua vez, de importar suas mercadorias pelas estações da Central e nessa emergência a preferência seria da Leopoldina.

Vimos com certo pasmo uma comparação feita por competente e conferimos uma diferença de 750 rs (réis) em cada arroba ou seja de 5\$000 em cada saca de café que a Leopoldina cobra a maior do que a Central pelas estações de Ouro Preto e Sabará.

Por sua vez a estrada particular, deixando de igualar a sua tarifa a da Central, prestará menos serviço à zona e o seu resultado será nenhum.

Mas, ao invés disto, se a companhia prolongar seus trilhos até Itabira, nos termos do contrato já assinado e modificar a sua tarifa diferencial, o seu ativo será aumentado.

Todos conhecem a fertilidade do solo deste município, a grande quantidade de café que os municípios que citamos exportam. Entretanto, pela estação de Saúde, que é a que nos serve, não passa uma terça parte.

Preferem os agricultores a estação da Central por luxo, porque a sua bitola é mais larga? A resposta é negativa, é porque o café chegou a um preço que não compensa o dispêndio (prejuízo) de sua cultura e o lavrador procura minorar o mal que o aflige exportando por uma estrada que lhe cobra 750 rs de menos em cada arroba.

Não é equitativo e nem consentâneo que o frete de café seja atualmente o mesmo quando o seu valor era duplicado.

Na América do Norte se constrói estradas de ferros em matas, colonizando-se perfeitamente o solo e as empresas que, para isto, se organizam, têm tido grandes dividendos.

É nossa opinião que baixando a Leopoldina seus fretes e seguindo a estrada até Itabira prestará enormes vantagens ao povo e aos seus rendimentos.”

NOTA: Extraído de meu livro “Revivendo a história de São Domingos do Prata”. 1ª e 2ª edição.

A ESTRADA DE FERRO E FERROS – POR VOLTA DE 1908.

“Esperemos.

É esta a expressão com que se finaliza o pequeno artigo que sobre vias de comunicação neste município (São Domingos do Prata) publicou a nossa folha.

Depois de esperarmos cerca de vinte anos, parece que uma tábua de salvação se nos afigura, se bem que como uma nuvenzinha lá no fundo azul do oceano.

Queremos falar do prolongamento da via férrea de Saúde á Itabira cujo prazo fixado pelo Decreto nº 1891, de 02 de abril de 1906, foi determinado para se constar de 1º, de fevereiro de 1907, conforme Decreto nº 1895 do mesmo ano.

Sabemos que o Dr. Maillet, engenheiro da estrada, que pertence à companhia Leopoldina, percorreu diversas partes deste município, do de Itabira e FERROS, tomando as respectivas notas e que são boas as impressões colhidas nas zonas percorridas.

É de se lastimar que este profissional não percorresse todo o nosso município para.....conhecer a fertilidade de seu solo e ver que só falta ao povo laborioso o alento que lhe pode dar a locomotiva para dentro de um futuro pouco remoto, desenvolver sua atividade e trazer incalculáveis lucros para a Companhia, de par com o progresso da zona.”

NOTA: Extraído de meu livro “Revivendo a história de São Domingos do Prata”. 1ª e 2ª edição.

ESTRADA DE FERRO SABARÁ, CAETÉ E SANT’ANNA DOS FERROS.

“Está designado o dia 20 do corrente para a inauguração da estação de Caeté, estrada de ferro Sabará a SANT’ANNA DOS FERROS.

Assistirão o ato sua Excia. o Sr. Presidente da República e o Ministro de Viação....”

NOTA: Extraído de meu livro “Revivendo a história de São Domingos do Prata”. 1ª e 2ª edição.

VIAGEM DE TREM DE UBÁ À SAÚDE (DOM SILVÉRIO). 1914 -

“SUPRESSÃO DE TRENS. A guerra que neste momento envolve toda a Europa em um manto de sangue, para muitos serve de um meio de lucro.

Assim, a Leopoldina Railway, não sabemos porquê e com que autorização absurda, resolveu suprimir sine die o trem de ferro que faz a linha Ubá à Saúde.

O único motivo que poderia determinar tal medida seria a falta de carvão, mas todos sabem que o carvão de pedra empregado em tal linha é extraído à....nas florestas de Minas.

Certamente porque tal trecho não é extraordinariamente rendoso, a guerra, mãe da crise, serve-lhe de ótima desculpa. Nós absolutamente não podemos nos conformar com o golpe de morte que, sorrateiramente, foi vibrado à lavoura e ao comércio com tais medidas.

As únicas vias férreas por onde nosso município, grande produtor de café e cereais, faz sua exportação, são através da Leopoldina e Central.

A estação mais próxima da Leopoldina é a da Saúde que ficou com a linha suspensa indeterminadamente, de modo que por este lado estão embargadas as nossas exportações e importações.

A estação da Central, a mais próxima, é a de Santa Bárbara, mas as estradas de rodagem que as ligam a ela estão em tal estado que só se fazendo o transporte aéreo, de modo que ficam os municípios de Alvinópolis, Prata, Antonio Dias,, FERROS, Piracicaba e muitos outros, isolados do comércio mundial, somente porque o impõe o interesse privado da Leopoldina (E.F.L).

Sabemos que o Sr. Agente Executivo, logo que soube da medida violenta posta em prática pela E. F. L., protestou junto do ministro da Viação e do Governo do Estado, defendendo os interesses de toda uma zona, grande produtora.

Daqui mesmo endereçamos um pedido ao Superintendente da E. F. L. a fim de que mande restabelecer com urgência a linha suspensa, pois que incalculáveis serão os prejuízos que sofrerão a lavoura e o comércio, que não veem razão na adoção de tal medida.”

NOTA: Extraído de meu livro “Revivendo a história de São Domingos do Prata”. 1ª e 2ª edição.

CONTRUÇÃO DE UMA PONTE EM ANNA MATTOS, POR SUGESTÃO DO JORNAL ‘O PRATEANO’, EM 1913. POVOADOS, DISTRITOS E MUNICÍPIOS DA REGIÃO, ENVOLVENDO TAMBÉM SANT’ANNA DOS FERROS.

“O já citado periódico, ‘O Prateano’ opinando porque, a fim de se facilitarem as comunicações de uma parte segredada do seu município por falta de ponte sobre o rio Doce, ao Nascente e Norte, se devesse construir uma grande ponte estadual no lugar denominado ‘Anna Mattos’, distante da barra do Piracicaba com o Doce, sete léguas mais ou menos, no centro da extensão desprovida de pontes, próxima aos novos e florescentes povoados de São José do Gramma e Babylonia (deste município) e abaixo da Villa de Antonio Dias Abaixo cinco léguas.

Assim justificava em 1913, o pedido endereçado aos Poderes Públicos de Minas, para o melhoramento das vias de comunicações nessa região:

“Referimo-nos à comunicação dos ribeirinhos d’aquém (abaixo) Piracicaba aos ribeirinhos da margem oposta, a fim de apertar ainda mais os laços do comércio, indústria e agricultura que ligam os municípios de São Domingos do Prata, Villa de Antonio Dias e SANT’ANNA DOS FERROS entre si e para abreviar o caminho aos que, partindo de Saúde, Teixeiras, Ilhéus, Vargem Alegre, Santa Rita, Santa Isabel, São Domingos do Prata, Dionysio, Conceição, Babylonia, São José do Gramma, Jacroá, Alfié, Alegre e outros lugares ao sul do Piracicaba, procurarem Santo Antônio do Gambá, Ipanema, Caratinga de Ferros, Joanésia, Ponte das Araras, Baraúnas de Guanhães, Santa Rita de Guanhães, Sete Cachoeiras, São José do Cubas, SANT’ANNA DOS FERROS e demais lugares do Norte do mesmo rio, nos municípios de Ferros, Conceição, Guanhães e Peçanha.

(Fonte: ‘Annuario de Minas Gerais’, ano de 1918, página 1.355).

NOTA: Extraído do meu livro “Revivendo a história de São Domingos do Prata”, 1ª e 2ª edição.

NOVA ERA ESTAVA PROGRAMADA PARA TAMBÉM PERTENCER AO NOVO MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS DO PRATA, EM QUE SANT’ANNA DOS FERROS TAMBÉM É CITADO.

Em 09 de março de 1890, ainda sem ter conhecimento do Decreto de emancipação (embora assinado em 1º de março, a publicidade na época era demorada), o jornal “O TEMPO”, de Itabira publicou o artigo a seguir, sugerindo que São José da Lagoa (Nova Era), Alfié e Dionísio, não fossem retirados do território de Itabira para se integrar ao novo município. Na época Vargem Alegre (atual Vargem Linda) estava integrada ao município de Mariana.

“Cidade de Itabira, 09 de março de 1890.

Soubemos que a opulenta, populosa e florescente freguesia de São Domingos do Prata pretende os foros de Cidade e a constituição de um município do qual seja a sede.

São louváveis e dignos os desejos dos habitantes da mesma freguesia, rica pelo seu comércio, rica pela sua agricultura e rica pela sua população laboriosa, inteligente e honrada.

Simpático a esta pretensão que deseja ver coroada de bom êxito, ‘O TEMPO’ pede permissão para aventurar algumas considerações à respeito.

Pertencente ao antigo, tradicional e próspero município de Santa Bárbara, que se compõe de dez freguesias, das quais a maior parte cheias de animação e de elementos de progresso, a freguesia do Prata pode se emancipar da tutela de Santa Bárbara e compor um município futuroso se lhe forem agregadas as freguesias de São Miguel do Piracicaba e Vargem Alegre, desmembrada esta do município de Mariana que é enorme.

Compor-se-á o novo município, sem que fiquem extenuados os que devem lhe emprestar sangue e seiva.

São Miguel demora a 8 léguas de distância do Prata e Vargem Alegre cinco, sendo excelentes as estradas que comunicam estes pontos e estreitas as relações de comércio entre os mesmos.

Acresce que o Prata se liga a Vargem Alegre e com esta à Saúde, ponto terminal da linha férrea Leopoldina, que vem

despertando, com o sibilo das locomotivas, as indústrias em todas as suas variadas manifestações.

Se o fato de receber de pronto o novo município os elementos de vida e progresso, que sabem desenvolver e animar as linhas de ferro é bastante para que o Governo do Estado consagre a aspiração dos dignos habitantes do Prata.

Constituir, porém, o projetado município com uma só freguesia, que seja retirada do município de Itabira, é praticar uma verdadeira violência, consumir uma grande injustiça, reduzindo-se à perfeito cadáver o já tão depauperado município.

Todos sabem que, segundo os dados fornecidos pelo arrolamento da população, o município de Santa Bárbara possuía um excesso de população sobre o de Itabira.

Todos sabem que, mesmo assim, formou-se o próspero município de SANT'ANNA DE FERROS com as joias de Itabira: as freguesias de FERROS, Sete Cachoeiras e Joanezia, a sua melhor parte pela população e pela riqueza.

Como, pois, se pretende tirar ao mesmo as freguesias de Lagoas, Alfié e Dionísio? A que fica reduzido?

É impossível que as freguesias da cidade, Carmo, São Miguel e Antônio Dias, as três últimas pobres e de população escassa, possam firmar a estabilidade do município (.....).

Não acreditamos que tal atentado se realize e muito menos que o golpe seja desfechado sobre a Itabira com o apoio e influência do distinto e nobre cavalheiro o honrado coronel João Gualberto Martins da Costa que se acha vinculado neste torrão pelos mais sagrados laços de sangue e de amizade, laços em que o trato do tempo e cultivo das relações, dia a dia, vão estreitando.”

Como se observa a pressão do jornal era para que o novo município de São Domingos do Prata incorporasse apenas o território de São Miguel do Piracicaba (Atual Rio Piracicaba), Vargem Alegre (atual Vargem Linda).

Exceto quanto ao território de Nova Era, que continuou na época, vinculado ao município de Itabira, Rio Piracicaba, Vargem Linda, Alfié e Dionísio tornaram-se, em 1890, distritos de São Domingos do Prata.

NOTA: Extraído do meu livro “Recontando a história de São Domingos do Prata”. 1ª e 2ª edição.

LEI CRIANDO O MUNICÍPIO DE SANT'ANNA DOS FERROS E DOIS DISTRITOS – 1884 –

**LEI nº 3195, de 23 de setembro de 1884.
(Ortografia original).**

129

“Crea o município de Sant’Anna dos Ferros e revoga a lei que criou a freguezia do Rosario de Ferros.

O Dr. Olegario Herculano d’Aquino e Castro, presidente da provincia de Minas Geraes:

Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembleia legislativa provincial decretou e eu sancionei a lei seguinte:

Art. 1º - É creado o município do Sant’Anna dos Ferros, composto das freguezias de Sant’Anna dos Ferros, Joanezia e Sete Cachoeiras, desmembrado do município de Itabira.

§ único – O novo município, onde são creados todos os ofícios de justiça, terá por séde a freguezia de Sant’Anna dos Ferros e fica pertencendo a Comarca do Piracicaba.

Art. 2º - Fica revogada a lei que criou a freguezia do Rosario de Ferros, cujo territorio é incorporado ao da freguezia de Sant’Anna dos Ferros.

Art. 3º - Revogão-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contem.

Dada no palacio da presidencia da provincia de Minas Geraes, aos vinte e tres dias do mez de Setembro do Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta e quatro, sexagesimo terceiro da Independencia e do Imperio.

OLEGARIO HERCULANO D’AQUINO E CASTRO.

Sellada e publicada nesta secretaria aos 11 de outubro de 1884.”

CONCLUSÃO DA PONTE SOBRE O RIO SANTO ANTÔNIO – 1880

Lei nº 2606, de 07 de janeiro de 1880. (Ortografia original).

“Autoriza o Governo contractar, por administração ou por arrematação, com um ou mais empresários, a conclusão da ponte sobre o Rio Santo Antonio, no arraial de Sant’Anna dos Ferros.

O Conego Joaquim José de Sant’Anna, Vice-Presidente da Provincia de Minas Geraes:

Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembleia Legislativa Provincial decretou, e eu sancionei a Lei seguinte:

Art. 1º - O Governo Provincial contractará, por administração ou por arrematação, com um ou mais empresarios, a conclusão da ponte sobre o Rio Santo Antonio no arraial de Sant’Anna dos Ferros, município de Itabira, ficando para isso, desde já, aberto credito até a quantia orçada pelo engenheiro.

Art. 2º - Nos contractos que celebrar para execução desta Lei, o Presidente da Provincia poderá aceitar a clausula de pagamento em dous exercícios financeiros, ou em prazo mais largo, e neste caso com juro de 7% ao anno e amortização anual de 8% do capital effectivamente empregado, e conceder ao empresario ou empresarios um benefício nunca maior de 15% do valor das obras.

Revogão-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades a que o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumprão e fação cumprir tão inteiramente como nella se contem.

Secretario desta Provincia a faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Palacio da Presidencia da Provincia de Minas Geraes, aos sete dias do mez de Janeiro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta, quinquagesimo nono da Independencia e do Imperio.

JOAQUIM JOSÉ DE SANT’ANNA.

Francisco Gonçalves das Neves a fez.

Sellada e publicada nesta Secretaria aos 19 de fevereiro de 1880.

CAMILLO AUGUSTO MARIA DE BRITO.”

CONCERTO NA ESTRADA DE ITABIRA A SANT'ANNA DOS FERROS – 1802 –

**Lei nº 2969, de 7 de outubro de 1882.
(Ortografia original).**

“Autoriza o Governo a mandar fazer os reparos da estrada que da cidade da Itabira se dirige à Sant’Anna dos Ferros.

O Doutor Theophilo Ottoni, Presidente da Provincia de Minas Geraes:

Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembleia Legislativa Provincial decretou, e eu sancionei a Lei seguinte:

Art. unico – É o Governo autorizado a mandar fazer os reparos da estrada que da cidade da Itabira se dirige à Sant’Anna dos Ferros; revogadas as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contem.

**O Secretario desta Provincia a faça imprimir, publicar e correr.
Dada no Palacio da Presidencia da Provincia de Minas Geraes, aos sete dias do mez de Outubro do anno do Nascimento do Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta e dous, sexagesimo primeiro da Independencia e do Imperio.**

THEOPHILO OTTONI.

Sellada e publicada nesta Secretaria, aos 18 de Dezembro de 1882.

Camillo A. M. de Brito.”

NOTA: Em 1877, o Dr. João Capristano Bandeira de Mello, do Conselho de S. M. o Imperador, sancionou a lei nº 2336, de 13 de outubro de 1877, autorizando o Governo a mandar reconstruir a estrada de Sant’Anna dos Ferros vai ter à cidade de Itabira, e bem assim a ponte sobre o Rio Tanque.”

**CRIADO O DISTRITO DE SANTO ANTONIO DA
CARATINGA EM SANT'ANNA DOS FERROS – 1889 –**

(Lei nº 3798, de 16 de agosto de 1889. Ortografia original).

“Eleva à freguesia diversos districtos e crêa um districto policial na povoação de Santo Antonio do Caratinga, município de Sant’Anna dos Ferros.

O Dr. Visconde de Ibituruna, presidente da provincia nas Geraes:

Faço saber a todos os seus habitantes, que a legislativa provincial decretou, e eu sancionei a lei a seguir:

Art. 1º - São elevados a categoria de freguezia, com tais divisas: o curato da Piedade da Leopoldina, o districto do Santa Barbara do Tugurio, o da Boa Vista, município de Mariana, e o Quartel Geral, município de Dores do Indaiá.

Art. 2º - Fica criado um districto policial denominado Santo Antonio da Caratinga, freguezia de Joanezia, município de Sant’Anna dos Ferros, com as seguintes divisas: começando no rio Santo Antonio, na fazenda do finado padre Quirino Dias de Freitas, seguindo o espigão acima, comprehendendo o logar denominado Burrinhos, até o alto dos Coelhos e d’ahi às duas margens do ribeirão do Caratinga, Agua Limpa, até o alto do Santiago com as vertentes do Gramma, e d’ahi tomando todo o travessão, até o alto dos Cocões ao Rio Piracicaba, e descendo este até a confluencia do rio Santo Antonio com o Rio Doce, e pelo Rio Santo Antonio acima, do lado direito, até encontrar a referida fazenda do padre Quirino Dias de Freitas.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades a que o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contem.

Dada no palacio da presidencia da provincia de Minas Geraes, aos dezesseis dias do mez de agosto do Anno do Nascimento de

Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta e nove, sexagesimo oitavo da Independencia e do Imperio.

Dr. Visconde de Ibituruna.”

APROVADO O CÓDIGO DE POSTURAS DE SANT’ANNA DOS FERROS – 1888 – (Ortografia original).

Resolução nº 3.675, de 1º de setembro de 1888.

“Approva o código de posturas da camara municipal de Sant’Anna dos Ferros.

O Barão de Camargos, vice-presidente da provincia de Minas Geraes:

Faça saber a todos os seus habitantes, que a assembleia legislativa provincial, sobre proposta da camara municipal de Sant’Anna dos Ferros, decretou a resolução seguinte:

Art. 1º - É approvedo o código de posturas da camara municipal de Sant’Anna dos Ferros, que a esta resolução acompanha com as seguintes alterações:

I – Supprimidos o § 3º, do art. 139 e §§ 19 e 51 do art. 158 e eliminadas no art. 69, a palavra – escravos – e no artigo 75, as palavras – com escravos e ou –

II – Reduzidos os impostos do art. 156, § 26, a 5\$000; do § 66 de 25\$000 a 2\$000 3 10\$000 a 1\$000.....”

LEIS CITADAS NO LIVRO -

- Lei nº 2606, de 07 de janeiro de 1880 – 129 –**
- Lei nº 2969, de 07 de outubro de 1882 – 131 –**
- Lei nº 3195, de 23 de setembro de 1884 – 03 – 129 –**
- Lei nº 3387, de 10 de julho de 1886 – 04 –**

- Lei nº 2377, de 25 de setembro de 1877 – 113 –
- Lei nº 3579, de 28 de agosto de 1888 – 114 –
- Resolução nº 3675, de 1º de setembro de 1888 – 133 –
- Lei nº 720, de 30 de setembro de 1918 – 120
- Decreto nº 7385, de 21 de setembro de 1926 – 121 –

MEUS LIVROS –

1 – SÃO DOMINGOS DO PRATA NO PERÍODO IMPERIAL – 2ª EDIÇÃO AMPLIADA.

2 – REVIVENDO A HISTÓRIA DE SÃO DOMINGOS DO PRATA - 2ª EDIÇÃO AMPLIADA.

3 – RECONTANDO A HISTÓRIA DE SÃO DOMINGOS DO PRATA - 2ª EDIÇÃO AMPLIADA.

4 – SÃO DOMINGOS DO PRATA FRAGMENTOS DE SUA HISTÓRIA - 2ª EDIÇÃO AMPLIADA.

5 – QUATRO PREFEITOS DE SÃO DOMINGOS DO PRATA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.

6 – NOTAS BIOGRÁFICAS DO DR. GOMES LIMA – UM DOS GRANDES VULTOS DA HISTÓRIA DE SÃO DOMINGOS DO PRATA.

7 – TRÊS PRATIANOS DA GEMA – MANOEL MARTINS GOMES LIMA – JANUA COELI DE LELLIS FERREIRA E DR. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA.

8 – GENEALOGIA DE ALGUNS ASCENDENTES E DESCENDENTES – FAMÍLIAS DAS QUAIS DESCENDO, TODAS COM RAÍZES FINCADAS EM SÃO DOMINGOS DO PRATA: GOMES LIMA – MARTINS VIEIRA – VIEIRA MARQUES OU MARQUES VIEIRA – GOMES DOMINGUES – LELLIS FERREIRA E SANTIAGO.

9 – SÃO DOMINGOS DO PRATA BERÇO E ORIGEM – 3ª EDIÇÃO.

10 – NOTAS SOBRE ALGUNS PREFEITOS E ELEIÇÕES EM SÃO DOMINGOS DO PRATA DE 1890 A 1947.

11 – A HISTORIA QUE SÃO DOMINGOS DO PRATA NÃO CONHECEU.

12 – TRAJETÓRIA POLÍTICA DO DR. EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA -

13 – NOTÍCIAS SOBRE SÃO DOMINGOS DO PRATA ANTIGO -

14 – SABARÁ NA IMPRENSA DO IMPÉRIO.

15 – SABARÁ: FRAGMENTOS DE SUA HISTORIA NO PERÍODO IMPERIAL – 2ª EDIÇÃO AMPLIADA.

16 – CURRAL DEL REI (SABARÁ) - SUA ORIGEM ATÉ SE TRANSFORMAR NA NOVA CAPITAL DE MINAS GERAIS –

ÍNDICE ALFABÉTICO –

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS – 70 – 71 – 90 -

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS – 09 – 71 – 73 – 74 – 75 – 90 – 91 – 93 – 98 –

ADELAIDE FERREIRA COELHO – FALECIMENTO – 101 – 102-

ADELINA DE LELLIS FERREIRA – 11 – 98 – 99 – 109 – 110 -

ALBERTO DRUMMOND – 04 -

ALCEU SOARES DE LELLIS FERREIRA – 07 – 09 – 11 – 76 – 83 – 95 - 96 – 102 -

ALICE FERREIRA MAIA – 104 – 105 -

ALÍPIO ODIER DE OLIVEIRA – MONSENHOR – 04 – 05 – 100 – 109 – 110 -

ALTO FORNO ELÉTRICO – INVENÇÃO – 09 -

ANA JOSEFINA FERREIRA DE OLIVEIRA – 109 -

ANNA CLAUDINA DE LELLIS FERREIRA – FALECIMENTO – 11 -

ANNA CLAUDINA SOARES FERREIRA (OU ANNA CLAUDINA LELLIS FERREIRA) – 03 – 07 – 11 – 12 – 102 -

ANNA JOSEFINA FERREIRA DE OLIVEIRA – 11 – 100 – 101 -

ANNA MATTOS – PONTE – FERROS – 126 -

ARROLAMENTO DE BENS – 107 -

AUGUSTO DE LIMA – 70 – 71 – 72 – 73 -

BENTO RODRIGUES – SUBDISTRITO DE MARIANA – 06 – 07 – 08 – 09 – 108 -

CACHOEIRA ESCURA NO RIO DOCE – 117 – 118 -

CÂMARA MUNICIPAL DE FERROS – 121 – 132 -

CAMILLO AUGUSTO MARIA DE BRITO – 130 – 131 -

CAMILLO DE LELLES FERREIRA – MAJOR – 02 – 03 – 04 – 05 – 06 – 07 – 08 – 09 – 10 – 11 – 12 – 13 – 69 – 76 – 93 – 94 – 95 – 96 – 97 – 98 – 101 – 102 – 104 – 105 – 107 – 108 – 109 -

CAMILLO DE LELLES FERREIRA – MAJOR – RETRATO NA PREFEITURA – 04 -

CAMILLO DE LELLIS FERREIRA – MAJOR – FALECIMENTO – 09 -

CAMILLO DE LELLIS FERREIRA JÚNIOR – 04 – 08 – 11 – 76 – 95 – 100 -

COMARCA DO PIRACICABA – 129 -

CARATINGA – EX – SANTO ANTONIO DO CARATINGA - FREGUESIA DE JOANÉSIA NO MUNICÍPIO DE FERROS – 115 – 131 – 132 -

CARATINGA – MUNICÍPIO – 14 – 120 -

CARLINDO DE LELLIS FERREIRA – (CARLINDO LELLIS) – FALECIMENTO – 09 – 90 -

CARLINDO DE LELLIS FERREIRA – CONHECIDO POR CARLINDO LELLIS – 02 – 07 – 09 – 11 – 12 – 68 – 69 – 70 – 71 – 72 – 73 – 74 – 75 – 76 – 77 – 78 – 79 – 80 – 81 – 82 – 83 – 84 – 85 – 86 – 87 – 88 – 89 – 90 – 91 – 92 – 98 – 99 – 102 -

CARLINDO DE LELLIS FERREIRA (CARLINDO LELLIS) – CASAMENTO – 83 -

CASA DE MARÍLIA DE DIRCEU EM OURO PRETO – 71 -

CEMITÉRIO DA IGREJA DO ROSÁRIO EM SÃO DOMINGOS DO PRATA – 19 – 98

CEMITÉRIO SÃO FRANCISCO DE PAULA – 11 -

CLARINDA (LELLIS FERREIRA) – 11 -

CLAUDIANO DRUMMOND –(FERRENSE) – 22 – 109 –

CÓDIGO DE POSTURAS DE FERROS – APROVAÇÃO – 132 – 133 -

COLÉGIO DO CARAÇA – 06 – 96 – 102 -

COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS DORES DE SÃO DOMINGOS DO PRATA – 16 -

DELPHINA SOARES FERREIRA COELHO (OU DELPHINA MARIA FERREIRA COELHO) – 03 – 10 – 69 – 95 – 101 -

DEPUTADO ESTADUAL – 16 – 17 – 23 – 24 – 50 – 55 – 56 – 57 – 58 – 59 – 60 – 61

DISPUTA TERRITORIAL ENTRE OS MUNICÍPIOS DE SÃO DOMINGOS DO PRATA E ANTÔNIO DIAS, COM A ARBITRAGEM DE FERROS – 121 – 122

EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA – 02 – 04 – 07 – 08 – 09 – 10 - 11 – 12 – 13 – 14 – 15 – 16 – 17 – 18 – 19 – 20 – 21 – 22 – 23 – 24 – 25 – 26 – 27 – 28 – 29 – 30 – 31 – 32 – 33 – 34 – 35 – 36 – 37 – 38 – 39 – 40 – 41 – 42 – 43 – 44 – 45 – 46 – 47 – 48 – 49 – 50 – 51 – 52 – 53 – 54 – 55 – 56 – 57 – 58 – 59 – 60 – 61 – 62 – 63 – 64 – 65 – 66 – 67 – 68 – 69 – 76 – 77 – 91 – 97 – 98 – 99 – 105 – 108 – 109 – 141 -

EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA – TRAJETÓRIA POLÍTICA – 13/68 -

EDELBERTO DE LELLIS FERREIRA – O MÉDICO – 17 – 18 -

EMILIA ADELAIDE FERREIRA COELHO – 11 – 100 -

ESCOLA DE FARMÁCIA DE OURO PRETO – 77 -

ESCOLA EM FERROS – 1888 – 115 -

F. ASSIS DRUMMOND – 04 -

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO – 15 -

FACULDADE DE MEDICINA E FARMÁCIA DA BAHIA – 16 -

FAZENDA ÁGUA LIMPA EM FERROS – 05 – 06 – 13 – 69 -

FAZENDA DO ALEGRE EM TIMÓTEO – 19 -

FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL – 90 – 91 -

FERNANDO DE MELLO VIANNA – 23 -

FERROS - CRIAÇÃO DO DISTRITO E DEPOIS DO MUNICÍPIO – 03 – 04 – 113 – 129 – 130 -

FERROS – EX-SANT’ANNA DOS FERROS – 02 – 03 – 04 - 05 – 06 – 07 – 09 – 10 – 12 – 13 – 16 – 17 – 57 – 58 – 59 – 69 – 90 – 91 – 95 – 96 – 97 – 98 – 101 – 102 – 103 – 104 – 105 – 106 – 108 – 109 – 111 – 112 – 113 – 114 – 115 – 116 – 117 – 118 – 120 – 121 – 122 – 123 – 124 – 125 – 126 – 127 – 128 - 129 – 130 – 131 – 132 -

FERROVIAS EM FERROS – 122 – 123 – 124 – 125 -

FIGUEIRA – ATUAL MUNICÍPIO DE GOVERNADOR VALADARES – 118 – 120 -

FILHOS DO MAJOR CAMILLO DE LELLES FERREIRA – 10 -

FRANCISCA ORTHMAN DE LELLIS FERREIRA – 96 -

FRANCISCO GONÇALVES DAS NEVES – 130 -

FRANCISCO PROCÓPIO DE SOUZA FERREIRA – 10 – 100 – 105 – 106 – 107 -

GUALTER (LELLIS FERREIRA) – 11 -

GUANHÃES – MUNICÍPIO – 101 – 105 – 120 -

HOSPITAL NOSSA SENHORA DAS DORES DE SÃO DOMINGOS DO PRATA – 16 – 17 -

IGREJA DE SÃO BENTO EM BENTO RODRIGUES – 09 -

IGREJA MATRIZ DE SÃO DOMINGOS DO PRATA – 10 -

INTRODUÇÃO - 02 –

ITABIRA – EX-ITABIRA DO MATTO DENTRO – 03 – 13 – 18 – 23 – 69 – 105 – 113 – 119 – 130 – 131 -

JOANÉSIA – DISTRITO DE FERROS – 113 – 128 - 129 – 130 – 132 -

JOÃO AMERICANO DE LELLIS FERREIRA – 11 – 97 –

JOÃO CAPRISTANO BANDEIRA DE MELLO – 131-

JOÃO DIAS DUARTE – 23 -

JOÃO PIO DE SOUZA REIS – CÔNEGO – (FERRENSE) – 16 – 53 – 109 –

JOAQUIM JOSÉ SANT'ANNA – CÔNEGO – 130 -

JOSÉ (LELLIS FERREIRA) – 11 -

JOSÉ CÂNDIDO FERREIRA MAIA – 07 – 08 – 11 – 101 – 102 – 104 – 105 -

JOSÉ MARIA DE LELLIS FERREIRA – 11 -

JOSÉ SATYRO DA COSTA E SILVA – 04 – 05 -

JÚLIO FERREIRA MAIA – 108 -

LEIS CITADAS NO LIVRO – 133 – 134 -

LEOPOLDINA FERREIRA MAIA – 11 – 100 -

LIDIA HELENA DA SILVA FERREIRA – 09 -

LIVROS DO AUTOR – 134/135 -

MAJOR CARLINDO LELLIS FERREIRA – 06 – 07 – 09 -

LONGINA (LELLIS FERREIRA) – 11 -

MANHUAÇU – MUNICÍPIO – 14 – 120 -

MÁRCIO SILVA SOUZA – PADRE – 09 – 96 – 98 – 102 – 105 -

MARIA DA GLÓRIA FERREIRA MAIA – 108 -

MARIA GABRIELA SOARES FERREIRA – 97 -

MARIA LEOCÁDIA SANTIAGO – 16 -

MARIA RAIMUNDA DE LELLIS FERREIRA – 102 -

MARIA RAIMUNDA FERREIRA MAIA – 07 – 08 – 100 – 104 -

MARIANA – MUNICÍPIO – 08 – 14 – 18 -

MARÍLIA DE DIRCEU – A MUSA DE TOMAZ ANTÔNIO GONZAGA – 71 -

MESQUITA – MUNICÍPIO – 08 – 18 – 105 -

OLEGÁRIO HERCULANO D'AQUINO E CASTRO – 129 -

OLÍMPIO AMÉRICO DE LELLIS FERREIRA – 11 – 76 – 96 – 98 – 99 -

**OURO PRETO – EX – VILA RICA – 02 – 08 – 09 – 14 – 15 – 16 – 69 – 70 –
71 – 72 – 73 – 76 – 83 – 84 – 90 – 94 -**

PALÁCIO DA LIBERDADE – 15 – 16 – 21 -

PARÓQUIA DE FERROS – 07 – 102 -

PAULINO CÍCERO DE VASCONCELOS – 14 – 15 – 19 -

PEÇANHA – MUNICÍPIO – 118 -

PEDÁGIO NA PONTE DO RIO SANTO ANTÔNIO EM FERROS – 113 – 114

PEDRO COELHO PINTO – 101 -

PONTE NOVA – MUNICÍPIO – 14 -

PRAÇA MAJOR CAMILLO LELLES – 03 – 04 – 109 – 142 -

PRAÇA MONSENHOR ALÍPIO ODIER – 109 -

PRÉDIO DA PREFEITURA DE FERROS (PAÇO MUNICIPAL) – 01 – 04 –

QUIRINO DIAS DE FREITAS – PADRE – 132 –

RIBEIRÃO DO CARATINGA – 132 –

RIO DOCE – CURSO D'ÁGUA – 132 -

RIO PIRACICABA – CURSO D'ÁGUA – 132 -

RICARDO DE ASSIS PINTO – 03 -

RIO DE JANEIRO – MUNICÍPIO – 02 – 12 – 15 – 16 -

RIO SANTO ANTÔNIO – NAVEGAÇÃO – 113 – 114 – 118 – 119 – 120 – 129 – 130 - 132 -

RIO SANTO ANTÔNIO – PEDÁGIO SOBRE A PONTE – 113 – 114 -

RIO SANTO ANTÔNIO – PONTE SOBRE – 129 – 130 -

RIO TANQUE – 131 –

RODOVIA ITABIRA A FERROS – 131 -

RODOVIA SÃO DOMINGOS DO PRATA A DOM SILVÉRIO – 14 – 15 -

RODOVIA SÃO DOMINGOS DO PRATA A JOÃO MONLEVADE – 15 -

RODOVIA SÃO DOMINGOS DO PRATA A NOVA ERA – 15 -

ROSÁRIO DE FERROS – FREGUESIA DE FERROS – 113 – 129 -

RUA ALZIRA BRANDÃO NO RIO DE JANEIRO – 11 – 12 -

RUA BARÃO DE ITAPAGIPE NO RIO DE JANEIRO – 90 – 91 -

SALA DE CIRURGIA – 17 -

SALVINA MARIA FERREIRA MAIA – 11 – 16 – 100 – 107 – 108 -

SANT'ANNA DO PARAÍSO - EX-DISTRITO DE FERROS - 13 - 57 - 58 - 59 - 105 - 119 - 120 -

SÃO DOMINGO DO PRATA - MUNICÍPIO - 14 - 15 - 16 - 17 - 18 - 120 -

SARA DE LELLIS FERREIRA (SARITA) - 83 -

SETE CACHOEIRAS - DISTRITO DE FERROS - 113 - 128 - 129 - 130 - 129

SILVEIRA DRUMMOND - 03 -

TANCREDO NEVES - 75 -

THEOPILO DE LELLIS FERREIRA - 11 - 100 -

THEOPHILO OTTONI - 131 -

TINA FERREIRA - 11 -

TOMAZ ANTÔNIO GONZAGA - O INCONFIDENTE - 71 -

VINHENDO EM FERROS - 05 - 06 -

VIRGÍLIO (LELLIS FERREIRA) - 11 -

VIRGINIA AMÉLIA DE LELLIS FERREIRA - 07 - 11 - 97 - 98 - 99 - 101 - 107 -

VIRGINIA AMÉLIA DE LELLIS FERREIRA - FALECIMENTO - 98 -

VIRGINIA AMÉLIA DE LELLIS FERREIRA - AUTO DE PARTILHA - 99 -

VISCONDE DE IBITURANA - 132 -

VITALINA DE LELLIS FERREIRA - IRMÃ LUIZA CARMELITA - 11 - 97 - 98 - 103

VULMAR FERREIRA PINTO COELHO - 05 -

ZARINHA DE SOUZA MAIA - 07 -





PRAÇA MONSENHOR ALÍPIO (ODIER DE OLIVEIRA)

